

# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO

REDACÇÃO . . . . .	Cultura e Civilisação . . . . .	289
OLIVEIRA LIMA . . . . .	Nísia Floresta . . . . .	291
F. INGLESIAS. . . . .	Cinco Annos no Norte do Brasil	301
LIMA BARRETO . . . . .	Magua que rala . . . . .	310
AMANDO CAIUBY . . . . .	A tristeza do subdelegado .	318
JULIO CESAR DA SILVA . . . . .	Versos . . . . .	324
J. A. NOGUEIRA . . . . .	Paiz de Ouro e Esmeralda .	329
SERGIO ESPINOLA . . . . .	A noiva de Oscar Wilde (II)	333
VISCONDE DE TAUNAY . . . . .	Excerptos do Diario . . . . .	341
ARTHUR MOTTA . . . . .	Academia de Letras (IV) .	346
REDACÇÃO . . . . .	Bibliographia . . . . .	360
	Resenha do Mez . . . . .	368

Publicação Mensal

N. 48 - ANNO IV — VOL. XII — DEZEMBRO, 1919

Edição de Luxo

Redacção e Administração:  
RUA BOA VISTA, 52  
SÃO PAULO -- Brasil

**RESENHA DO MEZ:** — VIDA NACIONAL: De 15 a 15 - Nota Mineira (J. A. Nogueira) — Alvares de Azeredo (V. de P. Vicente de Azevedo) — A lisonja (Helios) — Carta a Lindolpho Gomes (Othoniel Motta) — Um simples problema (Ariel) — Aviso (Coelho Netto) — Immigração allemã (O. F.) — Os Bandar-log (J. A. Nogueira)

**CARICATURAS DO MEZ** — Quadros de Campos Ayres e esculturas de P. Fosca.

## REVISTA DO BRASIL

**PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS  
LÉTRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES**

Directores: MONTEIRO LOBATO,  
LOURENÇO FILHO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corityba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza Manáos

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.

Parahyba: Alcides Bezerra, Parahyba.

### ASSIGNATURAS

Anno . . . . .	15\$000
----------------	---------

Seis mezes . . . . .	8\$000
----------------------	--------

Numero avulso. . . . .	1\$500
------------------------	--------

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400  
por anno.

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:**

**RUA DA BOA VISTA, 52**

**SAO PAULO**

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central

# BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**  
FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**  
ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**  
SOCKETS SWITCHES

**CHAVES A OLEO**  
VENTILADORES

**PARA RAIOS**  
FERROS de ENGOMMAR

**LAMPADAS**  
ELECTRICAS 1/2 WATT

**ISOLADORES**  
TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Installações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

**UNICOS AGENTES DA FABRICA**

**Westinghouse Electric & Mfg. C.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & Co.**

**Largo da Misericordia, 4**

**TELEPHONE, 745 - central — S. PAULO**

# Etablissements **Bloch**

:: Société  
Anonyme  
au Capital de 4.500.000 francos. ::

---

## Fazendas e Tecidos

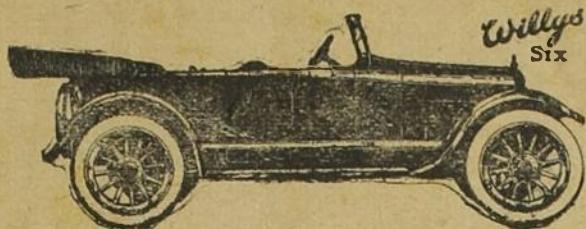
---

Rio de Janeiro  
116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14  
París - 26, Cité de Trévise

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

Automoveis OVERLAND e  
WILLYS KNIGHT

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS  
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos  
"FISK,,

*Mechanica-Pintura-Sellaria  
Carrosserie - Vulcanisação -  
Electricidade.*

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA  
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL  
ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411  
Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38      S. PAULO  
Av. São João N. 18 e 20  
Canto Libero Badaró

# The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

4, Moorgate Street - LONDRES

Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscripto £ 2.000.000  
,, Realizado £ 1.000.000  
Fundo de Reserva £ 1.000.000

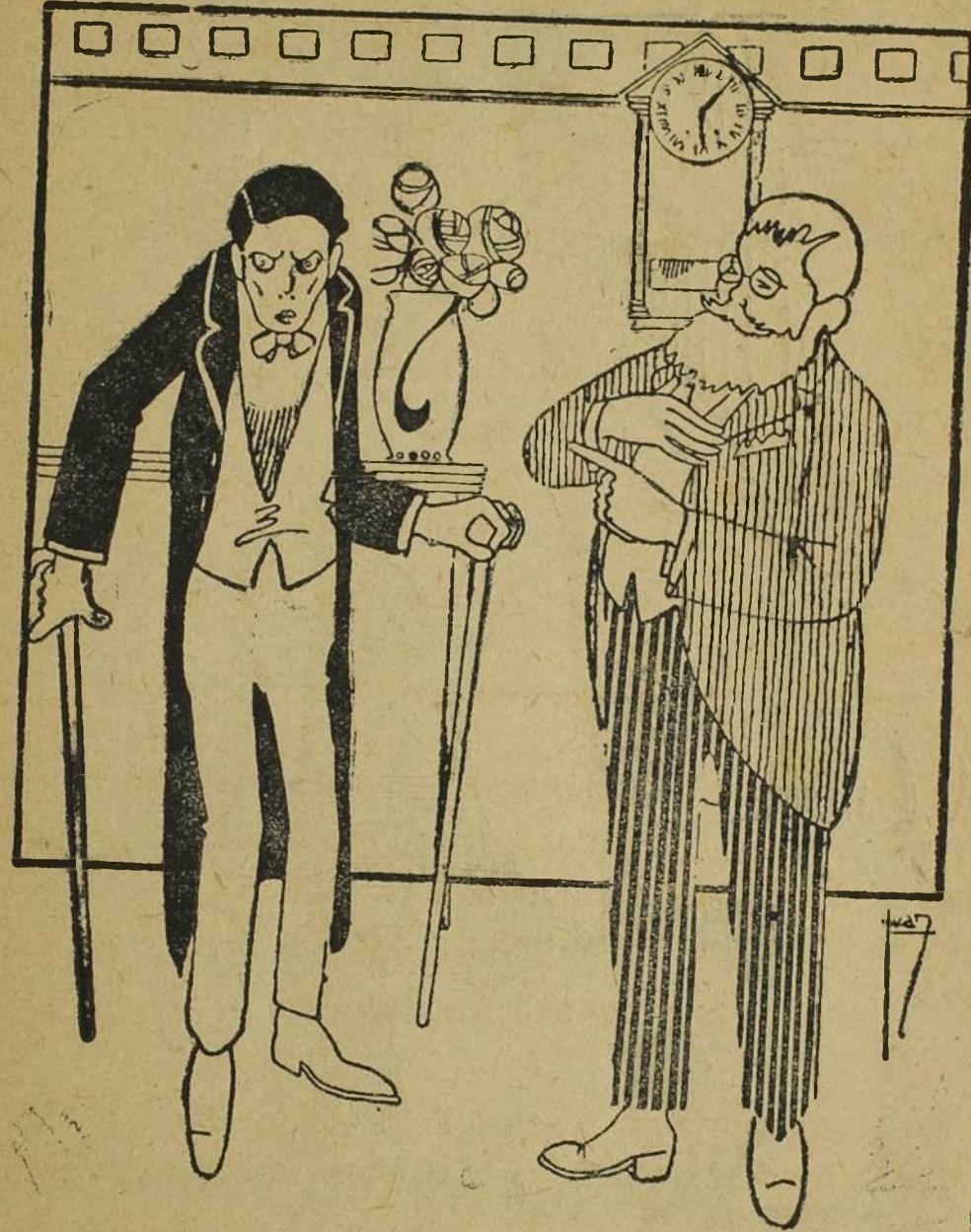
Succursaes: Manchester, Bahia,  
Rio de Janeiro, Porto Alegre,  
Montevideo,  
Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicais, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

# SOBRE

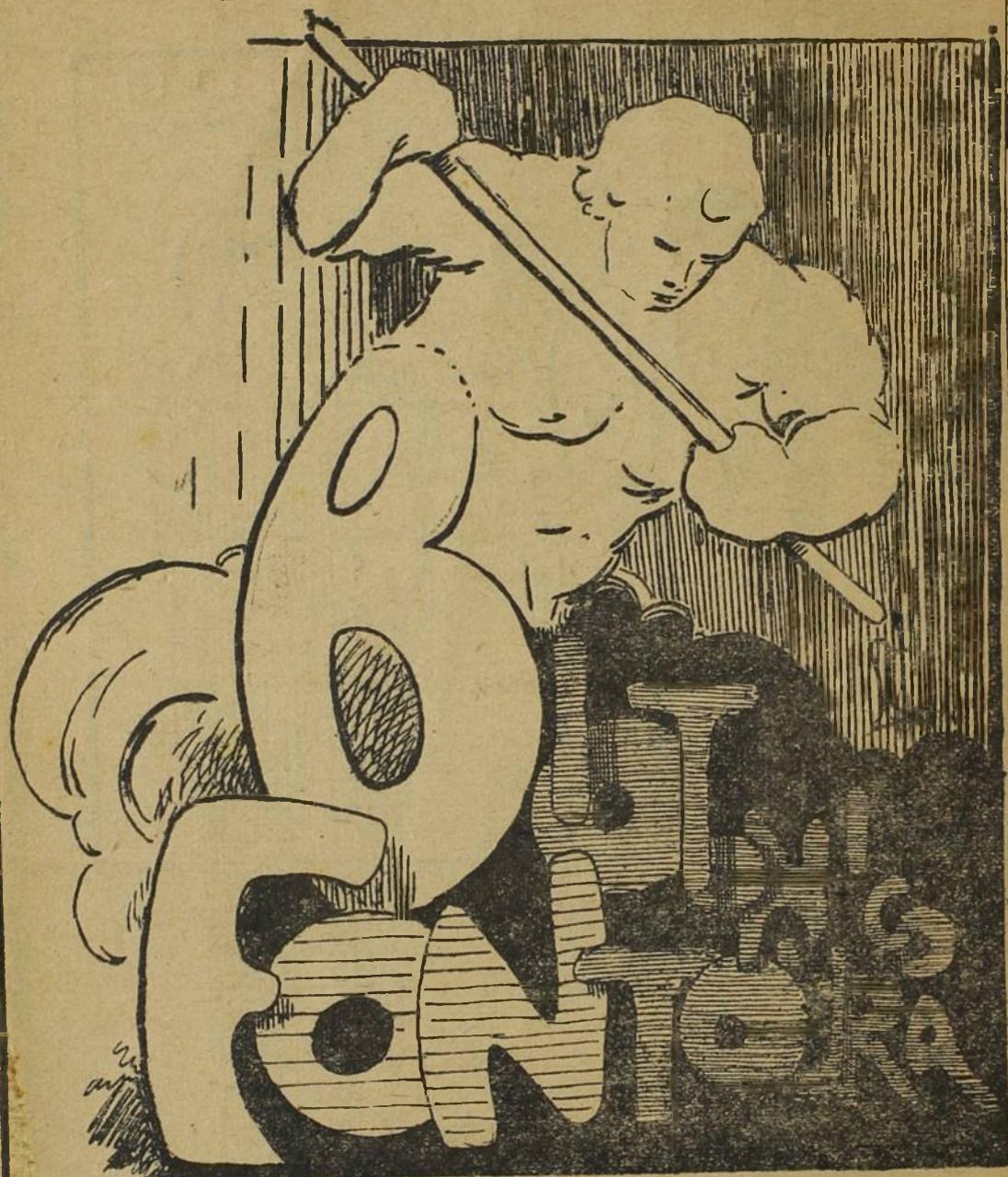


1º VELHO — Parece que hoje é o ultimo dia da minha vida. "Usei tudo" e nada me curou.

2º VELHO — "Usei tudo" — Não. Eu sou muito mais velho do que tú, fui tuberculoso, curei-me e devo toda esta saude e vigor ao Vinho Iodo Phosphatado de Werneck, o grande especifico contra anemia, lymphatismo, escrofulose e depauperamento geral.



Como Venus saiu das ondas,  
o Vigor sahe do BIOTONICO.



Emineute\* medicos affirmam que o BIOTONICO é o mais completo fortificante. Exerce acção benefica sobre todos os orgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

**O Biotonico** cura todas as fórmas de anemia. Cura fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infundem novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra causa.

E' notavel sua acção nos organismos  
ameaçados pela tuberculose

# Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO:  
"ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depositos de carvão  
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

## AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull . . . . .	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater . . . . .	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	Chá da Índia
Read Bros. Ltd., Londres . . . . .	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg . . . .	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne . . . . .	Champagne
Holzapfels, Ltd, Newcastle-on-Tyne . . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull . . . . .	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Lt., Londres . . . .	Dynamite
Ghotham Co. Ltd., Nottingham . . . .	Gesso estuque
P. Virabian et Cie., Marseilha . . . .	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York . . . .	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . .	Ferro em barra e em chapas

## Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"

Superior polvora para caça marca "VEADO" em  
cartuchos e em latas

Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

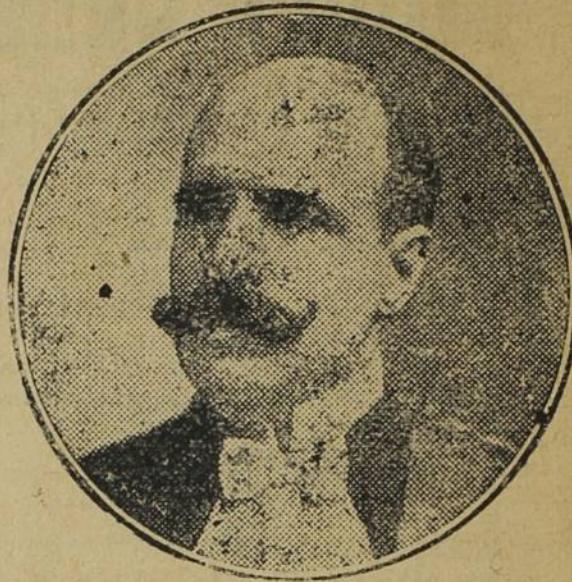
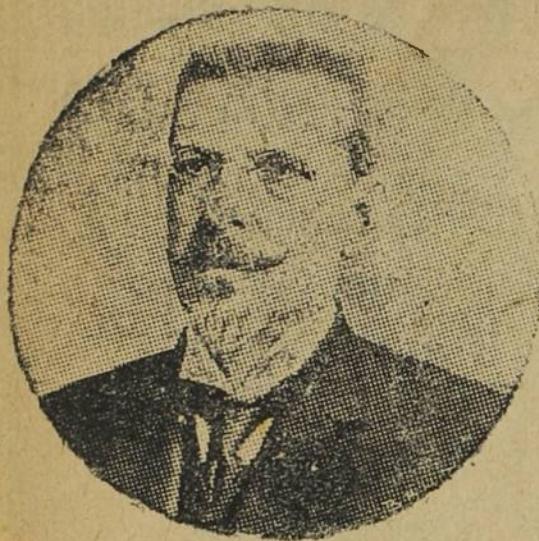
## Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para  
fundicões e fabricas, drogas e productos chimicos  
para industrias, louça sanitaria, etc.

## O VINHO RECONSTITUINTE

Recomendado e preferido por eminentes clínicos brasileiros

**SILVA ARAUJO**

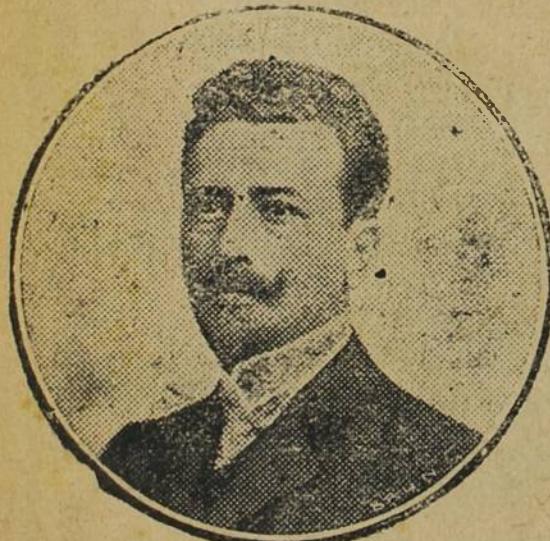


“de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticulooso cuidado de seu preparo a par do sabor agradavel ao paladar de todos os doentes e convalescentes.”

*Prof. ROCHA FARIA*

“excellente preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados.”

*Prof. MIGUEL COULTO*



“é um preparado que merece a minha inteira confiança.”

*Prof. MIGUEL PEREIRA*

“...excellente tonico nervino e hematogenico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.”

*Prof. AUSTREGESILLO*

**Tuberculose**

**Inappetencia**

**Anemia**

**Ráchitismo**

**Escrophulose**



# AGUA PURGATIVA

## MINERAL GAZOZA

A agua mineral gazoza purgativa é aplicada nas molestias dos intestinos, constipações de ventre, congestões, febres gastricas e, em geral, em todos os enjurdelamentos abdominaes.

Esta agua purga rapidamente sem produzir irritação gastro-intestinal; ella tem a vantagem de poder ser administrada em pequena dose, sendo o seu efeito imediato, sobre tudo se tomar-se logo depois uma chicara de chá. Ela não erige nenhuma diéta.



### COMPOSIÇÃO:

Sulfato de sodio anhydrio	96.265
Sulfato de potassio anhydrio	0.239
Sulfato de magnesia anhydrio	3.268
Sulfato de cal.	1.049
Chlorurto de Sodio anhydrio	2.055
TOTAL das substâncias fixas	103.736

Em um litro de agua gazoza purgativa .....

PREPARADA NO LABORATORIO DA:

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ - SÃO PAULO

**XAROPE DE  
LIMÃO BRAVO  
BROMOFORMIO  
de QUEIROZ  
CURA**

TOSSE, ASTHMA, CATHARROS  
COUGH, NEFE etc.

**DROGARIA AMERICANA  
Rua Libero Badaro 144  
SAO PAULO**

# **VENDA DE FIM DE ANO**

Estamos recebendo quantidades de mercadorias novas, modelos modernos em :

**Apparelhos para Jantar,  
Jogos para Lavatorio,  
Serviço de Cristal para meza,  
Faqueiros e Talheres de Christofle,  
Objectos de Arte para Presentes.**

---

**CASA FRANCEZA DE  
L. Grumbach & Cia.**

**Rua São Bento 89 & 91 - S. PAULO**

---

**Vendas a Varejo e por Atacado**

# REVISTA DO BRASIL

Dezembro, 1919.

Durante a guerra houve pelo mundo — e aqui como reflexo inevitável — um torneio literário entre Cultura e Civilização. *Nihil novum...* Não passava de reflorescência dos velhos temas escolares, obrigatorios entre meninos que promettem, associados em gremios literarios: Qual o maior, Cesar ou Alexandre? Qual mais forte, a Penna ou a Espada?

Nesta disputa entre cultura e civilização, graças ao apoio solerte da Havas, vencia sempre esta. Cultura não passava de mero apparelhamento material, sem sentimento nem alma. Civilização era uma coisa assim, assim... (Aqui intervinha a mão crispada como garra, em gestos que arredondam a idéa no ar).

A Cultura matava mulheres e crianças, bombardeando cidades abertas. A Cultura não respeitava os tratados. A Cultura pilhava. Era forçoso, pois, que a formidável representante da Cultura, — a Alemanha, fosse esmagada de vez, para que o mundo se gozasse *ab eterno* das delícias inenarráveis da Civilização.

Entretanto, conclusa a guerra, os ideologos espantados viram que:

1) — A Cultura em 70, vencida a França, impôz um tributo de guerra de 10 bilhões de francos, que o vencido pagou, continuando a viver e a prosperar. Não obstante, a Civilização, vitoriosa em 918, impõe ao vencido, não um tributo, mas a espoliação completa dos povos asfixiados, o confisco integral dos seus bens, o arrancamento da carne, do couro e do cabello.

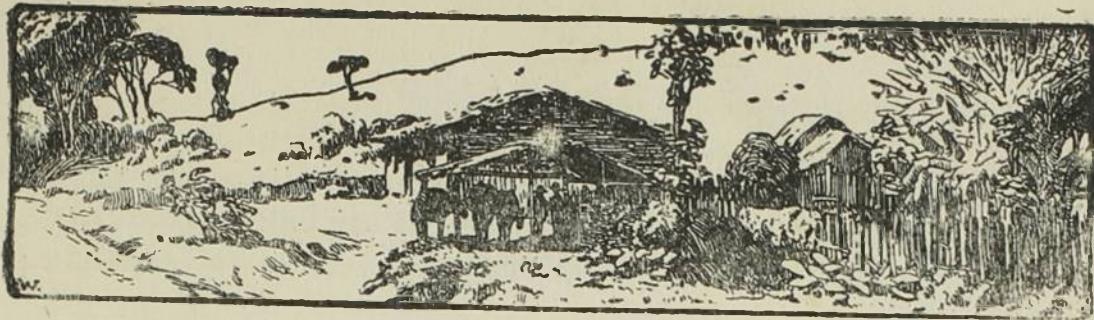
2) — A Cultura bombardeava com aeroplanos cidades abertas, matando indistinctamente mulheres, velhos e crianças. A Civilisação, sem estar em guerra declarada com a Rússia, e depois de concluída a paz geral, bombardeia com aeroplanos, por intermedio dos inglezes, as cidades russas e chacina alli indistinctamente velhos, mulheres e crianças; mette a pique navios mercantes, bloqueia e condena á morte, pela fome, milhares de criaturas humanas.

3) — A Cultura invade a Belgica tomando os tratados como méros farrapos de papel. A Civilisação furtar navios alheios que arrendou de acordo com as formalidades legaes, considerando os contractos, as escripturas, as assignaturas como méros gatafunhos sem nenhum valor. A França dá á simploria ingenuidade nacional uma lição bem dada. Justamente ao povo que a amou com maior ardor — ardor que chegou ás raias do ridiculo, trata-o ella aos ponta-pés.

Em troca dos navios acena-nos com bellas perspectivas. O sr. Conty promette que nossos bachareis terão lá livre campo ás suas actividades chicaneiras e que poderão casar com lindas francezinhas... Só isso quanto não vale como honra a um paiz de botocudos e compensação pelo avanço nos navios! E' positivamente delambaer as unhas, concordemos.

De tudo isso se conclue esta grande verdade: que no torneio entre Cultura e Civilisação ha de vencer sempre aquella que tiver a seu lado as agencias telegraphicais e o fiel da balança no mercado monetario.

Mas que positivamente se equivalem — quando tem a vara na mão...



## NISIA FLORESTA

*Nisia Floresta Brasileira Augusta, brasileira que encarnou certamente o tipo de mulher que Augusto Conte admirava e reverenciava, é nesta conferencia realizada em Natal, Rio Grande do Norte, justamente apontada pelo Sr. Oliveira Lima, como a mulher possuidora de todas as virtudes domesticas e civicas.*



LORESTA, no Rio Grande do Norte, fazenda que «infelicidades de familia e o vendaval das revoluções» (1) na epocha agitada da independencia fizeram decahir e sossobrar, foi em 1810 o berço da mais notável mulher de letras que o Brasil tem produzido, quer pela amplitude da visão, quer pela suavidade do estylo. O unico defeito a apontar-lhe é o seu nome disparatado pois que o pai se chamava Dyonisio Gonçalves Pinto, e bastante exdruxulo na sua mistura de arcadico e patriotico. Tambem o irmão, que era bacharel e se chamava Joaquim Pinto, acrescentou ao nome o appellido de Brasil. Ainda devemos dar graças a Deus de não ter ido alem, porque esse foi o tempo do nacionalismo nos nomes de familia — dos Cansansão de Sinimbu', dos Oiticica, dos Sucupira, dos Gê Acayaba de Montezuma.

Nisia Floresta Brasileira Augusta tem um sabor pronunciado a pseudonymo, mas *nom de plume* que fosse, a escriptora modestamente occultava, ou pelo menos dissimulava no geral dos seus escriptos — alguns anonymos, outros publicados com iniciaes, outros com um quarto de nome, outros ainda sob a designação de uma «brésilienne

(1) *Trois Ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce, Paris (1861).*

auteur de plusieurs ouvrages littéraires et moraux». Era a moda dos disfarces e meios disfarces: Varnhagen publicava a sua *Historia Geral* dizendo ser obra de «um brasileiro de Sorocaba».

Nisia Floresta passou depois dos 19 annos de idade a residir em Pernambuco, e é com melancolia que ella se refere ás sombras poeticas e ás aguas frescas do Beberibe, relembrando «o joven casal cuja curta felicidade o estudo e o amor tornavam encantadora.» A sua formação intelectual, possivelmente de auto didacta, pelo menos em boa parte, ou feita sob o influxo de algum parente de espirito erudito — eram menos raras do que se suppõe as mulheres que n'aquelles tempos adquiriam uma cultura humanista — foi solida e brilhante, classica e moderna. As viagens e a convivencia em circulos intellectuaes europeus enriqueceram-lhe por certo a illustração, mas foi do torrão natal que ella trouxe adestrada a capacidade de assimilação que a distingua.

Esse torrão natal, com suas praias de areia branca, suas dunas, suas salinas e seus coqueiraes, ella nunca o esqueceu, antes gravou uma saudade imperecivel, pelo menos litteraria, na alma d'essa romantica. Porque é o que ella foi espiritualmente e essencialmente. O romantismo nutriu-se da ampliação dos sentimentos generosos e foram sentimentos generosos os que parece terem exclusivamente povoados a alma d'essa mulher, que um seu contemporaneo portuguez diz ter sido dotada de «espirito elevado e coração excellente» e cuja vida, segundo consta de algumas palavras que lhe dedicou Henrique Castriciano, foi «intensa, atormentada e gloriosa.»

Eram com effeito ardentes seus affectos de familia, como o eram seus anhelos politicos e sociaes. Dizia-me um dia Joaquim Nabuco, a proposito da dolorosa e inconsolavel viuez de uma nossa commum amiga, senhora de alta intelligencia e de grande e nobilissimo coração, que as pernambucanas faziam viuvas muito tragicas. Não sei si ainda o fazem: imagino que sim, para consolo em vida dos maridos, mas do que estou certo é de que as brasileiras em geral continuam a fazer mãis de uma extrema indulgencia e devoção.

Nisia Floresta revela-se nos seus escriptos filha e mãe amantissima. As referencias áquella que lhe deu o ser são frequentes e tocantes, manifestando o mais vivo carinho. Os *Conselhos a minha filha*, que datam em primeira edição de 1842 e tiveram nova edição em 1845, foram por ella propria traduzidos para o italiano e por um admirador,

Braye-Debuysé, para o francez: ambas as versões editadas em Florença, cujos melhores jornaes elogiam o vernaculo da traductora. São publicações, uma de 1858 e outra de 1859, anno em que o bispo de Mondovi mandou, ao que a propria auctora se refere, fazer uma nova edição italiana, o que prova que pelo menos os conselhos maternas estavam no gosto do dia.

O clero italiano do *Risorgimento* não merecia á nossa escriptora uma decidida sympathia. Achava-o, no deismo christão que parece ter sido sua fé, falto de espiritualidade, mas o prelado de Mondovi mereceu-lhe n'uma menção o adjectivo de «severo».

Na lista dos ineditos de Nisia Floresta, que abrangem memorias que é lastimavel não terem visto a luz da publicidade, figura uma collecção de poesias intitulada — *Inpirações maternas*. O seu contemporaneo portuguez, citado a este proposito por Innocencio da Silva, o abalisado auctor do *Diccionario Bibliographico*, e que provavelmente era José Feliciano de Castilho, observa que «ella sempre teve em vista theorica e praticamente melhorar a condição do sexo feminino, no intuito de promover a felicidade domestica da familia. D'ahi, e como a boa educação deve começar por casa, os *Conselhos á filha*.

Suas theses não se circumscreveram todavia á esphera domestica. Seu primeiro trabalho impresso no Recife, em 1833, foi a traducção, segundo corre, revista pelo philologo e satyrico frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, dos *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* de Miss Godwin. A escolha revela uma tendencia e a circumstancia torna-a uma precursora do feminismo no Brasil. Consta comtudo dos seus falhos apontamentos biographicos que em 1842 ella realizou no Rio de Janeiro conferencias abolicionistas e republicanas, nas quaes prégava a emancipaçao dos escravos, a liberdade de cultos e a federação das provincias, o que a coloca pelo desassombro das suas theorias acima da maioria dos seus contemporaneos na sua patria, superior mesmo a um Tavares Bastos, que só mais de 20 annos depois nos veio surprehender com as ousadias da sua descentralização, da sua franquia fluvial e da sua tolerancia religiosa.

Não devemos esquecer que o reinado de Luiz Philippe em França, de 1830 a 1848, foi a edade de ouro do romantismo. Até o socialismo foi romantico com os phalansterios de Fourier e o direito ao trabalho de Louis Blanc. O imperio auctoritario de Luiz Napoleão, apoz 1852 e até sua conversão liberal, conjugado com o espirito de reacção

provocado na Egreja pelo espirito de revolução e do qual provieram o *Syllabus* e o dogma da infallibilidade papal, exercearem sobre as nações latinas da Europa e da America uma accão compressiva contra que se insurgiu na Italia a penna de Nisia Floresta, que do Brasil já viera embebida no extremo liberalismo do meio. A escriptora abominava, no seu proprio dizer, os tyrannos e os reptis e detestava Luiz Napoleão como si fosse uma victima do Dois de Dezembro.

Os sentimentos democraticos de Nisia Floresta radicaram-se certamente no Rio Grande do Sul, para onde ella emigrou do Recife e onde teve collegio, tendo alli vivido em plena republica do Piratinin. No Rio exerceu igualmente sua actividade como educadora, e já levava uns 10 annos quasi d'essa nobre profissão quando publicou os *Conselhos* que a notabilizaram como moralista. De 1847 data *Daciz ou a joven completa*, historieta para as educandas da nos-  
sa Madame de Genlis.

A data da sua ida para a Europa é dada differentemente nas resumidas notas que colhi a seu respeito. Não pretendo fóros de Cuvier da critica litteraria por estar tentando reconstituir a largos traços e dispondo da metade de um só dos seus livros a vida de uma intelligencia, como o grande naturalista francez reconstituia com um osso e applicando as leis da subordinação dos orgãos e da correlação das formas a anatomia de um animal fossil; mas o facto é que, além da pagina de Henrique Castriciano no Almanack Garnier e do Diccionario de Innocencio que Sacramento Blake copiou, não conheço por emquanto fontes onde haurir informações sobre o assumpto. Penso que 1849 foi a data da primeira viagem de Nisia Floresta ao Velho Mundo porquanto ella relata que, em 1851, foi despedir-se de Lamartine no Château de Madrid, no Bosque de Bologna, onde o poeta das *Meditações* vivia com a prodigalidade que o arruinou.

N'esse anno de 1849 publicou Nisia Floresta sob o pseudonymo de Tellesilla, que recorda patriota grega da antiguidade, libertadora de Argos, uma producção que pelo titulo indica que uma vez pelo menos lhe não foi estranho o indianismo. Chama-se *A lagrima de um caheté* e são lamentações em verso, tendo por thema a revolução praeira que custou a vida a Nunes Machado. Em 1850 ensaiou-se no romance historico — *Dedicação de uma amiga*, do qual li douz volumes quando deviam ser quatro. Os annos de 1845 a 1856 parece terem sido os do seu maior esforço litterario, correspondendo na maturidade dos seus annos

— dos 35 aos 55 — ao sazonamento das suas faculdades. Em 1853 voltou aos seus predilectos themas de pedagogia moral, publicando o *Opusculo humanitario*, muito gabado por Luiz Philippe Leite, professor do lyceu de Lisboa, que foi meu examinador de francez e que era com seu espesso bigode branco um homem culto e um espirito amavel. De 1857 é o *Voyage en Allemagne*; de 1859 as *Scintille d'una anima brasiliiana*; de 1861 as impressões de viagem ou antes de residencia na Italia e de viagem á Grecia; de 1864 o *Abysmo sob flores*.

Firmin Didot e Dentu, que eram então com Michel Levy os principaes editores de Paris, foram os que publicaram seus trabalhos em francez, o que é sufficiente attestado do seu valor.

A revolução de 1848, a mais romantica das revoluções, deve ter sido para o espirito ultra-liberal de Nisia Floresta o maior chamariz europeu: talvez o restabelecimento do imperio contribuisse para seu regresso ao Brasil. Em 1855 achava-se ella no Rio de Janeiro ao tempo da terrivel epidemia do cholera morbus, pois que falla dos seus serviços de enfermeira, consolação que se lhe deparou na dôr causada pela morte de sua māi. A Europa porem, com sua intensa vida intellectual, exercera sobre ella uma fascinação que não mais se apagaria. Os cursos de professores illustres, as visitas aos museus de artes e de sciencias, aos observatorios e laboratorios, as conversações litterarias e philosophicas, tudo a attrahia para lá e a demorada digressão de trez annos á Italia foi o seu baptismo de arte.

Era tambem essa precisamente a epocha da crise aguda da libertação da Italia. Dispondo de collaboração nos principaes jornaes do Rio — o *Jornal do Commercio*, o *Diario Mercantil*, o *Diario*, o *Brasil Illustrado*, onde, n'este ultimo, foram publicadas varias contribuições suas em 1854 — poude ajudar a propaganda da idéa da unidade italiana, a qual, depois da resurreição em 1848 da doutrina das nacionalidades e das raças, apaixonava o mundo intellectual não só latino como teutonico, comprehendendo n'esta designação o saxonico. Nisia Floresta relacionara-se na Italia tanto com figuras menores, Capponi e Thomaseo por exemplo, dous patriotas de Florença que a cegueira mais ardentes ainda tornava; quanto com as figuras maiores do movimento, Mazzini e Garibaldi. Ella propria conta que, ao encontrar em Napolis um amigo, partidario extremado dos Bourbons e convencido da duração da monarchia siciliana, sentiu não poder revelar-lhe o que conhecia dos preparativos que se operavam na penumbra.

Nem podia a causa italiana deixar de fazer pulsar um coração assim generoso. A residencia de Nisia Floresta é justamente interessante pelo vasto circulo de amizades que lhe proporcionou, sendo tão somente de deplorar que ignorremos a sua correspondencia com alguns escriptores illustres da sua convivencia. Salvaram-se apenas do olvido algumas cartas de Augusto Comte, que foram publicadas pelo Apostolado positivista do Rio de Janeiro sob a direcção de Miguel de Lemos. Sinto não as ter presentes, mas posso perfeitamente imaginar o tom em que são concebidas.

Todos conhecem o culto que á mulher votava o fundador do positivismo e que se concretizou na meiga personalidade de Clotilde de Vaux. Não sei se algum de vós já visitou o appartamento da rua Monsieur le Prince, no bairro da Sorbonne, onde viveu e falleceu o mestre. A piedade de alguns adeptos, entre os quaes avultam os brasileiros, conservava-o no seu aspecto de então, como um lugar de romaria para os fieis da religião da humanidade. E' a casa modesta de um professor, com mobilia barata no estylo sem gosto de Luiz Philippe. No quarto de dormir o seu leito de soffrimento e de morte, d'onde os seus olhos até o ultimo momento pousaram como um refrigerio sobre um ramo de flores artificiaes, sob redoma, que lhe offereceria um dia o objecto da sua fervorosa e platonica paixão, cuja memoria os positivistas veneram a par da do grande philosopho.

Pela gravidade do seu pensar, pela elevação dos seus conceitos, pela estrenua intellectualidade do seu ser disposto a receber todas as suggestões da belleza e do bém, Nisia Floresta encarnava certamente o typo de mulher que Augusto Comte admirava e reverenciava.

Além de Lamartine e de Comte, li que a nossa patricia conheceu Victor Hugo, Laboulaye, que era um fino espirito de politico e de sociologo, George Sand, com quem tem grandes pontos de contacto sua personalidade intellectual, sendo a ambas commum tanto a vibração d'arte que as paizagens historicas da Italia e da Grecia estimulavam, como a concepção humana que foi a maior honra do seculo XIX.

A mulher brasileira da geração de Nisia Floresta apresenta-se-nos dotada de um coração dedicado e de capacidade administrativa, porque para governar uma casa — as casas de outr'ora com uma quantidade de escravos, alem da quantidade de filhos — são necessarios tino e energia como para governar uma republica, a diferença estando

no tamanho. Ella pessoalmente se nos revelou porem prendida de um natural talento de expressão, bem como de uma rara independencia de opiniões, produzida pela ausencia de preconceitos que uma sã orientação, tradicional e ao mesmo tempo individual, impedia de degenerar em anarchia de principios moraes.

Um episodio mostra como sabia e costumava pensar por si essa mulher que reprovava o celibato ecclesiastico como uma violação da lei da natureza, que considerava o poeta satanico Byron o maior dos tempos modernos, e que condenou o poder temporal dos papas como a principal razão da adulteração da doutrina christã, que já no seculo XV levára a Petrarcha a flagellal-o n'um soneto como

*Fontana di dolore, d'albergo d'ira  
Scola d'errori, esempio d'eresia.*

Cito seus pontos de vista sem os discutir, pois estou fazendo critica objectiva. A religiosidade do espirito da escriptora era de natureza superior ás simples exterioridades do culto e ella detestava mesmo a beatice, em cuja sinceridade não acreditava, bebendo directamente sua caridade na moral do evangelho.

O episodio a que alludo foi o seguinte. Ao ordenar uma nova edição dos *Conselhos*, como livro apropriado á instrucção moral das alumnas da sua diocese, o reverendo bispo de Mondovi desejou que a autora retirasse do livro as linhas em que recommendava a sua filha de 12 annos que lhe confiasse todos os recessos da sua alma para que ella, «guia a mais interessada da sua felicidade, pudesse melhor dirigil-a, fazendo-a evitar os escolhos ignorados pela sua inexperiencia.» Tal recommendação afigurou-se ao prelado, que era um modelo das virtudes episcopaes, pastor diligente e compassivo, contraria á missão dos directores espirituales das jovens consciencias. Perante a recusa formal da escriptora cedeu porem, com esse feitio sympathico de transigencia que caracteriza o povo italiano como nenhum outro, e que em materia religiosa não affecta as bases, apenas as modalidades. Nem a escriptora dos *Conselhos a minha filha* era uma livre pensadora, apenas uma pensadora sem prejuizos.

A mentalidade de Nisia Floresta tinha de peculiar, dado o seu sexo e dado o meio da sua formação, essa funda preocupação dos problemas politicos e sociaes da humanidade, combinada com a lucida comprehensão philosophica em que os envolvia o seu liberalismo. Ella não dissi-

mulava por exemplo a sympathia que na sua alma despertava a sorte de uma India e de uma Algeria, dominadas embora por nações progressivas. A Italia e a Grecia deram ao seu espirito christão um banho de paganismo, que se reflecte no surto 'tomado pela sua imaginação ao contemplarem seus olhos essa natureza risonha e amavel. O mar e a luz da Grecia, que ella chama «os dous eternos e incomparaveis feitiços d'essa terra classica, os grandes manançiaes de inspiração da poesia hellenica, apezar do proprio Homero não lograr traduzir nos seus versos a fomasura encantadora do colorido e dos seus cambiantes,» foram tambem factores poderosos da sua fantasia maravilhada.

O patriotismo de Nisia Floresta, que resumbra em cada pagina sua, era romantico como todo o seu feitio espiritual. As invocações á patria ausente são repetidas e merencorias. Havia n'isso o convencionalismo litterario da epocha, eu ia dizer de todas as epochas. Sylvio Romero, com aquelle feitio iconoclastico que o distinguia, notou que Domingos de Magalhães lastimou n'uns versos o seu fado, jurando que si continuasse longe da patria, morreria de nostalgia. Entretanto passaram-se 40 annos antes que lhe acontecesse essa fatalidade, que nada teve a ver com semelhante enfermidade moral; ou então a saudade foi para elle, como dizia Voltaire do café, um veneno muito lento. Nisia Floresta fallava mais ou menos a linguagem de Magalhães, mesmo em Florença, cidade da sua predilecção pela luz suave e pela sociedade gentil, mas veio a morrer em Rouen aos 75 annos, em 1855, e pela Europa ficára desde os annos 50 e tantos.

Não quer isto dizer que eu pretenda amesquinar o seu patriotismo. Este sentimento exerce-se perto ou longe, ás vezes mais de longe que de perto, porque se tem a vista de conjunto e não se está a braços com os interesses. Nem eu acredito sómente no patriotismo indulgente. Acho que o patriotismo critico tem b'ém sua razão de ser e talvez seja mais sincero do que o outro. Pelo menos um é cégo e o outro vidente, e é melhor patriotismo ver cada qual seu paiz como se deseja que elle seja do que vel-o como se sabe que elle não é. E' um patriotismo mais intelligente e mais honesto.

Nisia Floresta não occultou aliás seu ressentimento contra as iniquidades, o que significa que seu patriotismo andava ligado com o sentimento de justiça. Ella precedeu Emile Faguet no perceber que o mundo é sobretudo de mediocres: será porque estes formam o maior numero. Por outro lado, personalidades culminantes, geniaes, como a de

Napoleão, eram-lhe repulsivas, offendendo até o amago o seu sentimento de pacifismo. O sentimento já existia: o que não existia ainda era o vocabulo. Ao que me não atrevo é a passar-lhe attestado de germanophilia, porque admirou a Allemanha não menos do que Madame de Stael. Dirigindo-se ao irmão no prefacio do *Voyage en Allemagne*, ella escreve:

«Ce pays du sentiment et de la philosophie mérite d'être parcouru et analysé par toi. Viens-y en jouir avec toute cette richesse d'intelligence que ta modestie voile dans une société où le padantisme et les zéros sans mérite réel savent mieux que les génies se faire jour.»

O romantismo foi muito espiritual mas pouco espirituoso, no sentido que commumente se empresta á expressão: pelo menos o não foi o verdadeiro romantismo, cujos chistes eram carrancudos e cujo comico chegava muitas vezes a ser macabro. Ainda n'isto Nisia Floresta era romântica, como tambem o era nas suas crenças religiosas, admirando e seguindo o catholicismo romantico de Lamennais e de Lacordaire, despido de galas terrenas e pairando n'uma atmosphera luminosa de fé apostolica e de abnegação evangelica.

N'estas condições não podia divertil-a a *blague* francesa. Nas paginas dedicadas á Grecia ella insurge-se contra Edmond About por haver motejado do que só com effusão lyrica devia ser tratado. Estou certo de que suas contribuições para os jornaes franceses e italianos em que collaborou eram alheias a quanto não fosse sensação d'arte, nota de sciencia, entusiasmo por uma causa politica de caracter geral ou impulso humanitario. Eu diria que seu animo tinha mais de germanico que de latino, pela capacidade reflexiva e pela ingenuidade espontanea, si não fosse que nós nos acostumamos a só considerar frances o que é superficial ou artificial, esquecendo que Renan, o mais frances dos prosadores franceses do seculo XIX, era o que menos tinha o espirito *boulevardier*.

O estylo de Nisia Floresta tem alguma cousa do d'este mago: attraí e prense extraordinariamente pela sua fluencia e pela sua limpidez, estranho a toda emphase e a toda obscuridade, mesmo quando turgido de liberalismo ou lidando com especulações philosophicas das quaes se enamorara a sua intellitencia desde que lera as paginas sublimes de Platão. Sob este aspecto mais é a sua individualidade conspicua no nosso paiz, onde os philosophos — os genuinos, não digo os que chrismaram o desmazelo em

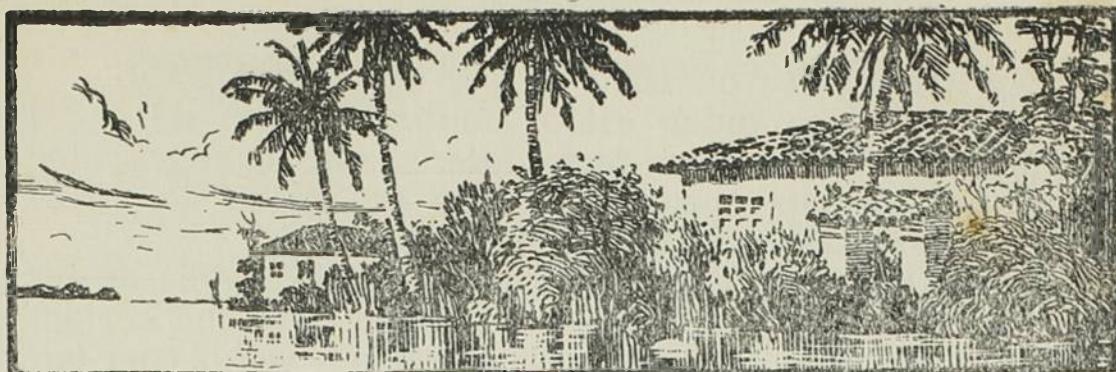
philosophia — se contain pelos dedos da mão. Nisia Floresta foi porem o exemplo vivo do que ella sempre ensinou e praticou — que a mulher deve possuir e exercer virtudes domesticas e civicas.

Virtudes domesticas são uma expressão lata e que como qualquer outra pode ter uma accepção mais restricta ou mais ampla. N'este caso deve ser tomada *cum grano salis*, não podendo significar mais do que affecto e piedade, virtudes domesticas de que na verdade parece haver trasbordado o coração d'essa mulher superior. Ella foi bem em todo sentido a nossa George Sand, em cuja vida houve um Alfred de Musset e até um Dr. Pagello. Para o cathecismo romantico, apezar de inspirado pela doutrina christã, o amor não constitua um mandamento estricto, como para o cathecismo catholico. A alma irmã encontrava-se as vezes fóra do matrimonio e, quando era encontrada, associavam-se as duas romanticamente, isto é, ardentemente.

Nisia Floresta falla da viuez do seu coração e a tradição quer estabelecer uma diferença entre esta viuez e a viuez legal, a do marido pelo vínculo civil ou religioso. Concordo em que fosse aquella mais tragica do que esta, uma vez que o sentimento conjugal fôra gerado na liberdade e não imposto pelo código ou pela benção eclesiastica. Ha portanto que seguir a escriptora mais no que ella pregou do que no que ella executou na sua vida particular. Foi um São Thomaz feminino, a darmos credito ao rifão. Suas lições são admiraveis e estas serão afinal as que ficam. *Verba volant* e mesmo *gesta volant*. Ensinando as virtudes domesticas e civicas, quem nos diz que ella se offerecia como modelo? A moral na sua penna inspirada era certamente mais objectiva do que subjectiva.

OLIVEIRA LIMA.





## CINCO ANNOS NO NORTE DO BRASIL

"Em alguns logares á margem do S. Francisco e do município piauhyense de Parnaguá e mesmo na vila do Duro (Goyaz), encontrámos alguns pés de *Cocos nucifera* L.

Nas regiões sertanejas o coqueiro da Bahia não encontrou as condições que favorecem o seu crescimento e frutificação como no litoral.

A escussez com que é encontrado já é uma prova, além do que pelas informações que colhemos os coqueiros ali, só começam a fructificar ao cabo de 7 annos e o exemplar que se desenvolveu na vila do Duro, só deu os primeiros frutos no fim de 11 annos".

Dr. Neiva, Pag. 79.



*Coco nucifera* que da Bahia para o sul é conhecido pela denominação popular de — «coco da Bahia», em o Norte, de Pernambuco para cima, o povo o conhece pela de — *coco da praia*. A meu vêr essa ultima denominação tem mais propriedade, porque designa uma qualidade importante do *Coco nucifera*, que é justamente a de indicar o seu *habitat* predilecto, onde elle se desenvolve perfeitamente.

Depois que se transpõe o Pharol da Barra, na bahia de S. Salvador, sempre que a vista alcança a costa, notam-se manchas verdes constituídas em grande parte por coqueiros. Da Bahia até o Pará, em todos os portos, aparecem a bordo, vendedores de cocos verdes; isto quer dizer que nessa grande extensão de litoral, ha plantações de coco, não tão grandes, infelizmente, como poderiam ser.

Em Recife, tive occasião de ver um bonito cocal.

Os arrabaldes todos estão «contraminados» de cocos da praia. Deu-se ahi um facto interessante e engraçado: interessante porque mostra o estado de atrazo do nosso povo, e engraçado pelo desfecho que teve.

Em visita aos cocaes proximos á cidade, depois de ter atravessado uma ponte sobre um igarapé, dos que cortam o vasto mangal ahi existente, encontrei um velho com um varal ao hombro cheio de fieiras de carangueijos, e como era um bello typo regional, comprimentando-o, perguntei:

— O senhor permite que eu lhe tire um instantaneo?

— Cuma? Que é que vamicê tá dizendo?

— Estou dizendo, si o senhor me deixa tirar um retrato com esta machina. Quero mostrar p'ra meu povo, lá da minha terra, como um velho sabe pescar carangueijos.

— Nhor, não!

— Mas, porque?

— Por aqui já andaram uns *inguileiz* com essas machinas, e depois dessa *arrumação* pegou morrer gente como quê.

Foram baldados todos os meus esforços de persuasão: o bom do velhote disse um «até outra vista», e saíu n'um passinho acelerado, com o varal de carangueijos balançando no hombro...

\*\*\*

A mais bella, ou uma das mais bellas agglomerações de coqueiros que eu tenho visto, é a de Cabedello — porto de mar da Parahyba do Norte, a poucos kilometros da capital do Estado.

Cabedello fica á margem direita do rio Parahyba do Norte, ou melhor, a margem direita de sua fóz. No estuário do Parahyba não se observam os inumeros igarapés e deltas do Parnahyba e Itapicuru': o rio vai n'um corpo só, até as fauces escancaradas do mar que o engole de um só «trago».

Quem, a bordo do Lloyd, entra no porto de Cabedello, depois de transpor a barra, que é muito estreita e difficult, penetra no rio: á margem esquerda vê um mangal e á direita, o velho forte de Cabedello e um enorme «cocal» cobrindo toda a cidade que se derrama pela praia plana e arenosa.

O navio atraca n'um pontilhão de madeira que serve de caes, onde começam os trilhos da E. de Ferro.

Consultando o meu canhenho de viagem, encontro a proposito estas notas:

### CABEDELLO

«Como gosto muito das coisas velhas (isto em termos...), das reliquias do passado, não posso resistir ao desejo de dar um pulo até o velho e carcomido forte de Cabedello em cujas paredes poderia lêr a historia do passado do nosso Brazil colonial.

O forte está no mais completo abandono, digo mal, abandono não! pois, á entrada, junto ao seu enorme portal de madeira, fui recebido por um sargento do exercito, muito convencido das suas funcções de commandante, amavel, um pouco pernóstico, mas infelizmente um tanto «alegre» pelos effeitos da «branca»...

«Entrei. Um genio carinhoso e amigo» — o sargento, tomou-me a dianteira com a viseira do kepi a indicar no espaço, no minimo 45º, deixando a mostra uma trunfa de cabellos negros que lhe cobria o olho direito, e poz-se a fallar.

— Moço, não repare. A gente nestes ermos, não tem com que se *adevirta*. Quem os manda deixarem-me só, com toda a liberdade, podendo a gente fazer o que bem entende? Gosto da *coisa* e como não posso *vê defunto sem chorá, mato o bicho*. E depois o meu officio não é matar mesmo?

Galguei o plano inclinado que leva até a praça onde estão os canhões. No meio do pateo que é redondo como o forte, vi um monte de balas de uns 10 centimetros de diametro. Pedi uma daquellas preciosas «contas», para guarda-la como lembrança, mas o sargento — fiel guardião, delicadamente m'a negou. Não insisti.

Os canhões são verdadeiras preciosidades hostoricas: alguns trazem as armas do rei de Hespanha e Portugal.

Depois de examinar attentamente as armas dos Filipes, que tão nitidamente ainda se desenhavam no dorso de um velho canhão sobre uma carreta em ruinas, dei-lhe uma palmadinha no flanco direito, e, enquanto elle resmungava em sons metallicos, mentalmente lhe perguntei:

— Então, amigo, que fazes aqui ha tanto tempo, sempre olhando para o mar, como quem espera ainda alguma coisa? Julgas, porventura, que as náus inimigas inda aqui aparecerão ameaçadoras, de velas pandas, procurando transpor a barra? Tu és um retardatario; todos os teus companheiros d'aquellas eras já não mais existem. Os navios

que escaparam ás tuas balas, não evitaram a acção do tempo. Pareces um actor que ao terminar o acto ficou aquem do panno, permanecendo em scena depois de tudo terminado. O teu lugar não é aqui, amigo velho, e não te enfades com a minha franqueza, deverias estar sepultado em um museu, ou transformado pelos cadinhos da fundição em objectos uteis. Assim é tudo. Eu tambem, meu velho, serei transformado. Como estás, ao envez de mostrares tão sómente o que fomos ha 300 annos, dás o mais eloquente testemunho do nosso atrazo, do nosso relaxamento e incompetencia para tudo que diz respeito ao progresso: já deverias ter sido substituido. Tu aqui, despertas risotas, historico bronze, emquanto que n'um museu, todos te visitariam com o chapéo na mão, e reverentes se curvariam ante o teu magestoso vulto...

Dei-lhe mais algumas pancadas e lá ficou elle em sons plangentes entoando sentida nenia ao passado, como si fosse a voz da saudade.

Corri um olhar á direita e outro á esquerda e vi alguns quartos que deveriam ter sido as habitações da guarnição. A familia do sargento lá estava acomodada.

Descendo o plano inclinado que leva ao portal da sahida, á direita vi uma masmorra lugubre, em que a luz mal podia penetrar por uma mingoada janella gradeada de ferro. Nas paredes humidas, inscripções gastas e inintelligiveis, diarios de angustias de infelizes que alli foram, talvez, pagar culpas alheias.

Embalde procurei lêr. O tempo... Bem diz o poeta do matto:

*O tempo gasta e consome,  
Da propria pedra o letreiro:  
Só não gasta, nem consome,  
Um amor que é verdadeiro...*

Com licença do poeta, eu acho que até o amor verdadeiro não resiste á acção do tempo.

Sahi. Como quem da escuridão penetra de repente na luz, fiquei um momento estonteado, parei um pouco, até me ageitar ao mundo da actualidade: dentro do forte havia regressado uns 300 annos.

Sob frondosas mangueiras, a rua principal da cidade, se estende ao comprido do caes. Ahi é que estão installados os hoteis, as casas commerciaes mais importantes, o quartel da policia, a feira, e os vendedores de quinquilharias,

exquisitices da terra: busios marítimos, bonecas de pano, miniaturas de jangadas, etc....

Debaixo de uma arvore, ou sentado na calçada, está um pobre velhinho com a sua viola cantando louvores aos «brancos». Creio que não ha quem tenha passado por Cabedello que se não lembre deste interessante musico da rua.

As outras ruas são irregulares, estreitas, e desde que se penetre um pouco pela cidade, notam-se casas em todas as direcções, todas sob as frondes dos coqueiros. Póde-se dizer que é uma cidade á sombra de um enorme «cocal». Dá ideia dessas povoações africanas que estamos acostumados a ver em litographias ou nos cinemas. Tudo é atraçado mas não deixa de ser pitoresco — fonte pura onde os nossos artistas poderiam beber as mais bellas inspirações.

Ha uma linha de bonde (não se assuste o leitor) que sae do porto, com a rua principal, passa em frente a igreja, vira á direita, deixando á esquerda uma carreira de casas cobertas de telhas e de bom aspecto, e vai sempre passando por debaixo das palmeiras, até chegar a uma formosa praia, que se não me engano, chama-se Praia Formosa.

Que beleza! Acompanhando a concavidade da praia, proximo ao logar onde as ondas do mar vêm docemente morrer na areia limpa, estão espalhadas pequenas vivendas, que não são obras d'arte, mas que são verdadeiros mimos, offerecendo o mais encantador agasalho ao homem cansado pelo reboliço das grandes cidades: Uma rede branca, armada entre dois coqueiros, sem que se tenha que pensar no dia d'amanhã, n'um «dolce far niente» (aqui esta expressão vem a calhar) tomando-se a deliciosa agua de coco, seria de causar inveja aos anjos...

A poucos metros, a praia offerecendo um banho de primeira ordem, e, segundo me parece, sem perigo.

E' nesta praia que as jangadas vêm descansar, soffrer algum reparo, afim de, mais tarde, impavidas, com uma ousadia inacreditavel, partirem, quaes gaivotas pelo mar em fóra, alto mar, onde só se veem céo e agua, onde, no dizer do poeta, os dois infinitos se encontram. Jangadeiro ousado, é muita temeridade confiar tanto em meia duzia de páus e uma vela!

De Maceió a Fortaleza, de quando em quando, encontram-se jangadas, geralmente tripuladas por um só homem, em alto mar. A' tarde, voltam todas para o porto da sahida, parecendo, umas atraç das outras, sauvas carregando folhas para o formigueiro.

A nota caracteristica de Cabedello é sem duvida o

seu bonito e grande cocal. Os coqueiros «botam» todo o anno. N'um mesmo pé, vêm-se cocos de todas as idades: desde o cacho em flôr, até o coco secco.

Sempre que por ahi passo vou direito aos meninos que vendem cocos verdes. Estes pequenos, semi-nus, com calça rota e a camisa em tiras, empunhando uma pequena foice (podão) ou mesmo um facão de «papo-largo» — que lembra a acaga mourisca — não perdem de vista o passageiro.

— Um coco verde, patrão, tem é agua muita. Corto?  
 — O meu é *vremeio*, patrão, me dê sua preferencia.  
 — Então ha cocos de duas qualidades?  
 — *Apois*, então, o patrão não sabe? Tem o coco branco e o *vremeio*. E quem tem o *vremeio* não procura o branco.

— Bem: corte um vermelho.

O pequeno, antes de ter sahido a ultima syllaba dos meus labios, rapido como um bôte de cobra, fez saltar um dos polos do coco e a agua espirrou molhando-me o rosto e o paletó.

— Não é nada — disse entregando-me, contente, o coco — isso não mancha.

O passageiro, que não é mais marinheiro de primeira agua, quando salta em terra vem munido de um canudinho d'aquelles com que se tomam refrescos, e assim bebe a sua agua de coco commodamente. Os que não sabem disso têm que beber directamente do coco, molhando o collarinho e a gravata.

Terminado o primeiro coco, que, ás vezes, tem um litro de liquido, o outro pequeno, o do coco branco, com o olhar supplice:

— Agora o meu, patrão, experimente o branco que tambem é bom.

O passageiro toma folego, dá um suspiro, procura fazer sahir o ar que possa existir no estomago, leva as mãos á cinta, como quem consulta se haverá ainda logar para mais um coco e, finalmente, a gulodice o vence: antes que ordene a abertura do coco, o menino que pelos olhos ia lendo o seu pensamento, celere dá um golpe de facão no fruto e entregando-o, alegre, exclama — prompto!

Leitor, não se admire: o viajante exgotou o segundo coco, e o menino animado pergunta: mais um patrão?

— O' pequeno, você pensa que o meu estomago é de borracha?

# 15\$000 de economia

...e o lucro que terá quem ler esta pagina e tomal-a na devida consideração.

A "Revista do Brasil", como nos annos anteriores, offerece aos seus assignantes um meio commodo de obter uma assignatura gratuita. Bastará para isso que angariem quatro assignantes novos, o que é facil, dados o credito, a reputação e a seriedade de que gosa esta publicação, dia a dia mais espalhada no Brasil inteiro e tida por voz unanime como unica no genero. Fala bem alto a respeito della o facto de entrar agora no seu quinto anno de existencia, tendo atravessado com galhardia os calamitosos annos da guerra. Para gosar desta offerta basta que o assignante encha o boletim abaixo, enviando-nos a respectiva importancia. Fazemos ainda aos nossos assignantes um abatimento de 20% nas edições da casa, *Urupês*, *Cidades mortas* e *Idéas de Géca* — de Monteiro Lobato; *Prof. Jeremias* — de Léo Vaz: *Annaes de Eugenia* e *Sacy-Pereira*.

## BOLETIM

Ilmo Sr. Gerente da "Revista do Brasil"  
Caixa, 2-B — S. PAULO

Peço-lhe incluir-me na lista dos assignantes para 1920, bem como aos quatro novos assignantes seguintes:

Nome .....

Residencia .....

Nome .....

Residencia .....

Nome .....

Residencia .....

Nome .....

Residencia .....

Envio-lhe a quantia de 60\$000 réis, importancia dessas quatro assignaturas, ficando com o direito á minha gratuita.

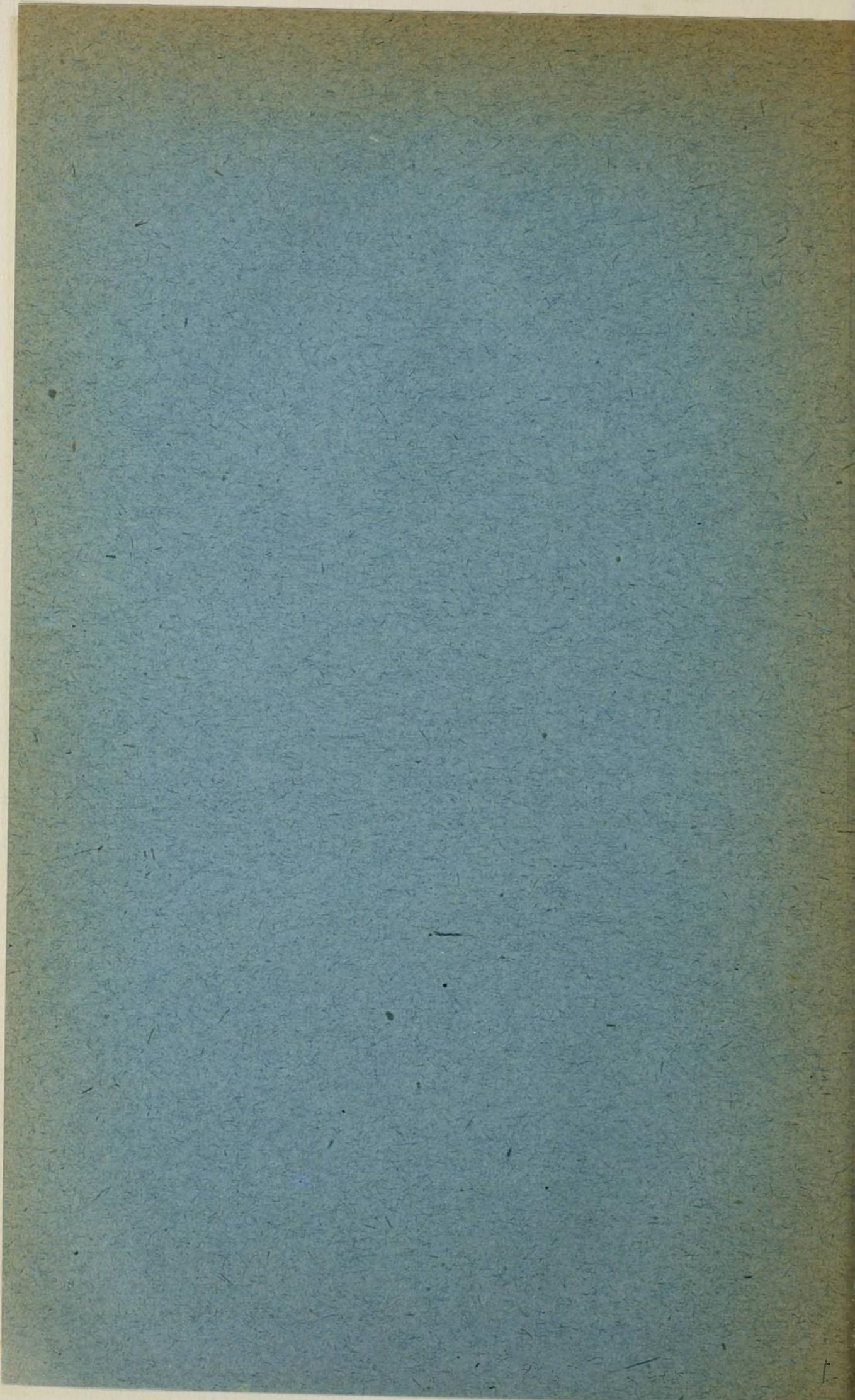
Nome .....

Residencia .....

Seguem mais ..... \$ ..... para a remessa dos seguintes livros:

Preço das obras supracitadas com o respectivo abatimento:

*Urupês*, encadernado, 4\$300; broch. papel Buffon, 3\$500; broch., edição popular, 1\$600 — *Idéas de Géca* e *Cidades Mortas*, encad., 4\$300; broch., 3\$500 — *O Prof. Jeremias*, broch., 2\$400 — *Annaes de Eugenia*, broch., 6\$800. — Nestes preços está incluido o porte.



- Então eu descasco uma duzia p'ra o patrão levar e ir bebendo na viagem.  
— Isso já é outro negocio. Quanto é a duzia?  
— A 3 tostões cada um, são 3\$600.  
— Você sabe lê?  
— *Nhor, não. Mas conta de coco eu tiro. Nisso ninguem mi fais desfeita, não.*»

\* \* \*

Mas, voltando ao coco. O *Coco nucifera* produz excelentemente nas praias arenosas, que para mais nada servem.

Seriam fabulosos os lucros que poderia produzir uma grande plantação de cocos nas praias arenosas do nosso vasto litoral. Além da producção do fructo que daria origem a muitas fontes de renda, teríamos a fixação das dunas que em certos pontos é um problema de grande importância.

Ninguem ignora o trabalho que dá para se fixar uma duna. As gramineas que tem sido empregadas, nem sempre dão o resultado colimado, porque antes que se desenvolvam são cobertas pela propria areia. Ora, si se plantar, *in primo loco*, uma floresta de coqueiros, a areia torna-se á menos moveida e a sombra das copas das palmeiras offerecerá um meio mais seguro para o desenvolvimento de uma graminea, ou de outra planta rasteira, que terminará a obra da fixação da duna, tornando essas zonas perfeitamente habitaveis.

Em Amarração, porto de mar do Estado do Piauhy, observa-se um facto curioso e que está pondo a vida da população em perigo; de um lado, as aguas do mar inundando a villa, do outro, pelo lado da terra, as areias cobrindo ruas e casas.

Quando por ahi passei (em 1914), trabalhava uma comissão encarregada de fixar as dunas.

O serviço se limitava ao plantio de gramineas; no entanto seria tão facil transformar tudo em um frondoso cocal, como a natureza mesma o está ensinando. O cocal que se estende pela praia proxima á villa é uma prova eloquente do que acabo de dizer.

Onde estão os coqueiros a terra já é firme, e não só se presta ao plantio de gramineas forrageiras, como até de outras plantas. O solo ahi é todo outro. Parece incrivel que se não vejam coisas tão faceis, que se não aproveitem as lições que a propria natureza se encarrega de dar, e

que bem observadas e postas em pratica, poderiam resolver problemas importantíssimos.

\*\*\*

O coco da praia, como bem o notaram os naturalistas, tambem cresce no interior. Ahi elle é um tanto tardio na producção. Em certos logares elle cresce bem, mas não produz, como é o caso de um pé que conheço em Therezina.

Encontrei o coqueiro produzindo bem nas seguintes localidades do interior: Jerumenha, (\*) á margem direita do Gurguêa, a 18 kilometros da sua fóz no Parnahyba; no Jacaré, á mesma margem do mesmo rio, a uns 150 kilometros da fóz; e finalmente na fazenda «Segredo», estado da Bahia (sertão).

No litoral o coqueiro é mais precoce, produz mais e até a agua é mais gostosa. Ahi um coqueiro *bota*, de 4 a 5 annos, dando alguns até 200 cocos por anno. Ao passo que no interior, só de 7 annos em diante é que *bota*, dando pequena producção e cocos menores.

---

(\*) A proposito da etymologia deste nome, ja depois de escriptas as impressões acima, reeebemos do Dr. Astrolabio Passos, Director do Instituto Pasteur de Manaus, a seguinte communicação:

«O Dr. Carl. Fried. von Martius, in Motersammlung brasiliischer Sprachen, escreve: "Jerumenha (Piauhy, Villa) — Jerumú, abóbora, *meeng*, dar". Vê-se que aquelle illustre sabio estava convicto de que a palavra Jerumenha deriva da lingua Tupy, quando é ella de origem portuguesa ou romana e nada tem de indigena. Sabe-se que em 1740 o arraial onde se estabeleceu, pouco tempo depois da descoberta do territorio do Piauhy, Francisco Dias de Avila, vindo da Bahia, acompanhado de indios domesticados, á procura ou á conquista de indios selvagens, foi elevado a categoria de freguesia com a denominação de Santo Antonio da Guigusia. A carta regia de 19 de Junho de 1761 elevou esta *freguesia* a villa, mas a instalação só teve lugar a 22 de Junho de 1762, no governo de João Pereira Caldas, portuguez, que assistiu o acto e deu á nova villa o nome de Jerumenha. O governador Caldas fel-o naturalmente em homenagem a seu paiz.

Juromenha é uma villa e praça d'armas do Alemtejo, concêlho do Alandroal, comarca do Redondo, districto de Evora, em Portugal, á margem direita do Guadiana, sobre um outeiro, que a separa da Hespanha.

Ahi está um dos modos de explicar a etymologia da palavra. Uma lenda bastante curiosa dá-lhe, porém, outra significação. Ha em Juromenha, de Portugal, um antigo castello de edificação romana, notavel pelas suas 17 torres.

Já que fallei em Jerumenha vou dar algumas notas interessantes sobre esta pequena villa piauhense. O que ella tem de mais importante, depois da igreja que é obra dos jesuitas, e da nova feira (mercado) é sem duvida o seu proprio nome — Jerumenha. Esta graphia é uzada pelos seus habitantes e por todos os piauhenses si não me engano. Quer me parecer, porém, que o Dr. Theodoro Sampaio discorda. A's paginas 169 a 170 do seu livro: «Tupy na geographia», diz:

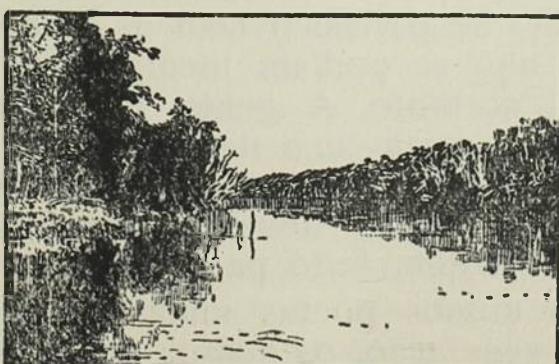
«O nome Jurumenha, por exemplo, que se encontra entre nós, designando uma villa obscura do Piauhy (com vistas ao coronel Fonseca...) pôde induzir erro, pela sua estructura tupy, o interpretador que se não recordar de que é esse nome de procedencia lusitana, e lembra um povoado alemtejano sobre a margem direita do Guadiana.»

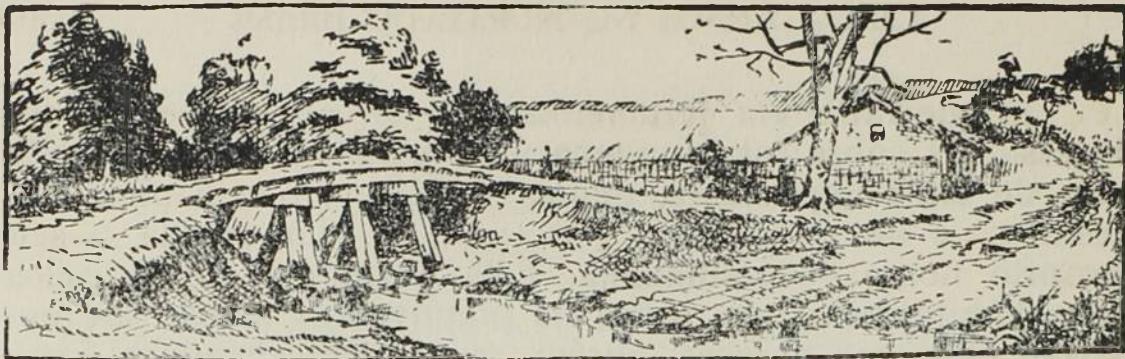
#### FRANCISCO IGLEZIAS.

Conta-se que, ao tempo da dominação gôda, querendo um *rico e nobre senhor* espoliar sua irmã Megnia ou Mênhia da grande herança paterna, segnndo uns, viver com ella vida incestuosa, segundo outros; e, encontrando resistencia, prendeu-a n'uma das torres do castello, no intuito de fazel-a render-se pelo soffrimento physico e moral. Nada demoveu a virtuosa donzella, que respondia sempre ás solicitações do irmão com o seguinte heroico protesto: "Jura Menha que não". Ainda hoje, conta-se, uma das 17 torres do castello é conhecida com a denominação de Torre de Menha.

De Jura Menha é que vem a palavra Juromenha, villa do Alemtejo.

Assim, não é Jerumenha, como quer Martins — a terra que dá abóboras: *Jurumú, meeng*, o que seria prosaico e injusto. Pode, entretanto, ser a terra das *muralhas* ou da *jurisdição* de Julio, o que é nobre».





## MAGUA QUE RALA

---

**D**OS chefes de Estado que tem tido o Brasil, o que mais amou, e muito profundamente, o Rio de Janeiro, foi sem duvida D. João VI; e a populaçāo da cidade e arredores ainda tem na memoria, nos dias contemporaneos, mais de um seculo ápos á sua chegada a estas plagas, a lembrança do seu nome. Nas freguezias afastadas do antigo Municipio Neutro, que conservam até hoje uma forte feição roceira, a recordaçāo do rei bondoso e bonachāo é mais viva e o seu nome é pronunciado pela gente mais humilde de taes lugarezos, soffrendo uma abreviatura singular — *D. Sexto*. Os que o procederam e nos governaram como Vice-Reis e Governadores Geraes, portaram-se na capital da illimitada colonia portugueza como simples funcionarios, executores de ordens dos Reis, Ministros, Conselhos, Mezas d'isto e d'aquillo, sem olhar sequer as arvores, o céo, as scenas que os cercavam e muito menos a gente da terra. Acredito que, com a sua empafia de fidalgos avariados, muitos delles duvidassem da humanidade dessa ultima e se aborreessem com a natureza local, pullulante e grandiosa. Não se pareciam com as cousas sumelhantes de Portugal e não se podiam medir pelo estalão dellas; não prestavam, portanto. A gente, para elles, um pouco mais que animaes, eram uns negros atôas; e a natureza, um flagello de mosquitos e cascaveis, sem possuir uma porporcionalidade com o homem, como a de Portugal, que parecia um jardim, feito para o homem.

Mesmo os nossos poetas mais velhos nunca entenderam a nossa vegetaçāo, os nossos mares, os nossos rios; não comprehendiam as nossas coisas naturaes e nunca

lhes pegaram a alma, o *subtractum*; e se queriam dizer alguma coisa sobre ella cahiam no logar comum amplificado e no encadeamento de adjetivos grandiloquentes, quando não voltavam para a sua arcadiana e livresca floresta de alamos, platanos, myrthos, com vagabundissimas nymphas e faunos idiotas, segundo a rhetorica e a poetica didacticas das suas cerebrinas escolas, cheias de pomposos tropos, de rapé, de latim e regras de cathecismo literario.

Se, nos poetas, o sentimento da natureza era esse de paysagens de poetas latinos, numa diluição já tão expositiva que fazia que os autores do decalque se parecessem todos uns com os outros, como se poderia exigir de funcionarios fidalgos limitados na sua propria prosapia, uma maior força original de sentimento deante dos novos quadros naturaes que a luminosa Guanabara lhes dava, cercando as aguas de mercurio de suas harmoniosas enseadas?

D. João VI, porem, nobre de alta linhagem e principe do seculo de Rousseau, mal enfrontado na literatura palerma dos arcades, dos desembargadores e repentistas, estava mais apto para sentir os de primeira mão, directamente. Podia elle, perfeitamente, amar o passarelo alegre na plumagem e triste no canto, a gravidade alpestre de scenarios severos. os morros cobertos de arvores de insondavel verde-escuro, que descem pelas encostas amarradas umas ás outras, pelos cipós e trepadeiras, até o mar fusco que muge ao sopé delles.

O successo de Rousseau entre a alta fidalguia do seu tempo foi um estranho acontecimento que hoje surpreende a todos nós, tanto mais que não se passa uma geração e vem elle a ser amaldiçoados pelos filhos e netos dos que o festejaram, como sendo um dos autores do 89 e do rubro 93.

Antes disso foi elle o *enfant gâté* da grande nobreza e da grande burguezia que áquelle se assemelhava nos gestos, nos gostos, nos vestuarios, em tudo, enfim, até no modo de assignar o nome.

Depois dos seus primeiros successos musicas e literarios, mesmo antes com a sua mãe-amante, Mme. de Warrens, Jean Jacques foi o mimo, o autor predilecto da alta nobreza e da grande burguezia, que esperavam a guilhotina da Grande Revolução lendo as suas declamações e objurgatorias contra a civilisação. Sempre lido por elles, sempre por elles agraciado e socorrido, ambas sorveram com lagrimas nos olhos as palavras do genebrino, cujas obras deviam inspirar e sustentar o animo do summo pontifice da guilhotina — Robespierre. E' Rousseau, nas

festâncias e bailes do rico financeiro Dupin, avô ou coisa parecida de George Sand, que, n'uma edição das «Confessions», prefaciada por ella, se confessa fiel ao espirito do commensal de seu avô, naquelle lacustre castello de Chenonceaux, erguido a capricho sobre as aguas do Cher; é Mme. d'Épinay, é a marechala de Luxembourg, é o Marquez de Girardin, é o principe de Conti, é Frederico II, é o marechal, governador de Neuchatel, em nome deste ultimo, e tantos outros magnatas do tempo.

D. João VI devia tel-o lido e, sendo desgraçado tres vezes, como filho, como marido e como rei, havia de encontrar a sua alma bem aberta para lhe receber as licções e comprehendêr de modo mais amplo a natureza, de modo a ser solicitado para um convivio mais intimo com as arvores, com os regatos, com as cascatas, fossem ellas civilisadas, barbaras ou selvagens.

Fugido do seu reino, trazendo comsigo a mãe louca, que pedia, ao embarcar em Lisbôa andassem mais de vagar, para não parecer que fugiam; obrigado pelo seu nascimento e as condições particulares do seu estado, a supportar uma mulher que perdera toda a conveniencia, todo o pudor e todo o respeito a si propria, nos seus desnegramentos sexuaes, — o pobre rei, gordo, glotão, tido como estupido, desconfiado da sua paternidade official, só encontrava na musica e nos aspectos naturaes derivativos para a sua muito humana necessidade de effusões sentimentaes.

Na sua vida de grandes maguas e profundas dores, o seu desembarque no Rio, com certeza foi para a sua alma uma Alleluia. A augusta belleza do scenario natural, a sua originalidade imprevista e grandiosa — sem attingir o incomprehensivel do desmedido e do colossal, a effusão filial de toda uma bizarra populaçao de brancos, indios, negros e mulatos, quasi toda a chorar, provocaram muito naturalmente a sympathia, fizeram-lhe logo brotar no coração uma grande affeição pelo lugar, animaram-no novamente a viver, sentir-se rei de facto — Rei — o chefe acceito voluntariamente, como pae e senhor, por todos aquelles subditos longinquos que o viam pela primeira vez.

D. João, diz Oliveira Lima, caminha sereno, com a melancolia a fundir-se ao calor da sympathia que o estava acolhendo.

Para bem ver a terra, então, elle se esqueceu as quinze mil pessoas que o acompanhavam desde as margens do Tejo, daquelles quinze mil *desembargadores e repentistas, peraltas e secias, frades e freiras, monsenhores e castrados*, — *enxame de parasitas immundos*, como diz

Oliveira Martins, que aportava em São Sebastião para esvair quotidianamente a Ucharia Real e enchel-a em troca de zumbidos de intrigas, mexericos e alcovitices.

E o Rei pagou bem o carinho filial com que o Rio de Janeiro o recebeu; foi grato. Tratou logo de arranjar uma nobreza da terra, que elle mesmo dizia não ser *nobreza*, mas *taffetá*; protegeu José Mauricio e autorisou que a sua desgraciosa mas sagrada figura de Rei, de nobre da mais alta e pura fidalgia, apesar de filho do Barbadão, fosse pintada na tela por um nobre pintor mulato, José Leandro, que nunca vira a Italia nem museus, nem academias, e talvez até, nem tivesse mestres.

Mas, não foi só ahi que mostrou a sua gratidão para os affagos recebidos por elle, na sociedade da Guanabara; não o foi tambem unicamente, nas Instituições de ensino e outras que creou; foi para a terra que o seu agradecimento se voltou, foi para a sua belleza de que se enamorou, onde quiz deixar as marcas e o penhor do grande amor que ella lhe inspirára.

De facto, não ha lugar no Rio de Janeiro que não tenha un lembrança do simplorio Rei erypeloso e gordo. De Santa Cruz á Ilha do Governador, numa distancia de vinte leguas, as ha por toda a parte; da Ilha do Governador á Gavea, tambem; e, no centro da cidade são inumeras.

Com as más estradas daquelles tempos, talvez pouco peiores que as de hoje, é incrivel como esse homem, tido por preguiçoso, indolente, vadio, vencesse tão grandes distancias, andando de um lado para outro, só para gozar os pinturescos e pittorescos recantos de sua improvisada capital ultramarina.

Hoje, com bondes electricos, automoveis e o mais, os nossos grandes burguezes, alguns, dados todos os descontos, mais ricos do que o Principe Regente, só sabem amontoar-se em Botafogo, em palacetes de um gosto afectado, pedras falsas de architectura, com as taboletas idiotas de *villas* (sic) disto ou daquillo.

E não era só o Rei; a propria Rainha foi-se para Botafogo, hoje *melindroso e encantador*, mas, naquelle tempo, roça perfeita; von Langschoff, consul geral da Russia, tinha uma fazenda na raiz da serra, onde cultivava em larga escala a mandioca; Chamberlain, tambem consul geral, mas da Inglaterra, era proprietario de uma chacara em Santa Theresa, para caçar borboletas e plantar café; um emmigrado politico, o Conde de Hogendrop foi morar como simples roceiro da terra, nas Aguas Ferreas; e o pintor Taunay, membro do Instituto de França, que veiu

bem ao Jardim Botanico; e este recanto do Rio de Janeiro, tão peculiar à cidade que é até um dos seus emblemas, fala ainda de D. João VI. Até bem pouco tempo, era o lugar predilecto para os passeios burguezes e familiares. Era o logar dos pic-nics ou convescótes; e, aos domingos e dias de festas, quem lá fosse, encontraria, á sombra das suas veneraveis arvores, familias e convivas, creados e mucamas, namorados e noivos, a comer o leitão assado e o peru' recheiado, votivos á bôa harmonia e felicidade dos lares, em dias de sacrifico domestico do nosso culto aos Penates Foram prohibidos, e o Jardim Botanico só ficou lembrado por causa de uma casa rustica que havia de fionte delle, especie de hospedaria disfarçada em que, á noite, se realizavam pandegas alegres de rapazes e raparigas que não tinham o que perder. Assim mesmo, entretanto, elle não se aguentou na memoria dos cariocas passeadores. Como o Sylvestre, a Tijuca e o moderno Sumaré, passou da moda. Hoje é em Copacabana e adjacencias que se realizam as pandegas e se epilogam tragedias ou comedias conjugaes. O Jardim Botanico, porem, ficou socegado, quieto entre o mar bem proximo e a selva verde-negra que cobre os contrafortes do Corcovado ao fundo, polvilhada de prata apôs as grandes chuvas lançando sobre os que o abandonaram o desdem de suas palmeiras altivas e titanicamente atraidas para o céo, á espera de que, para as suas alfombras, voltem as familias em festança honesta e os amorosos irregulares em transportes sagrados, afim de abençoar, quer umas, quer outras, debaixo das arcarias gothicas dos seus bambu's veneraveis.

Com quanto tenha tido a primazia de nortear para o seu portão a primeira linha de bondes que se construiu no Rio de Janeiro, de uns tempos a esta parte o Jardim deixou de ser falado nos jornaes, nas chronicas elegantes, não mais foi escolhido para festividades mundanas a estrangeiros de distincção ephemera; e a massa dos cariocas, desabituando-se de lhe ouvir o nome, nem vendo a sua alamedia senhorial de palmeiras nas notas do Thesouro, esqueceu-se daquelle pedaço da cidade, que é bem e só elle mesmo, elle unicamente, sem semelhança com outro.

Um bello dia de annos passados, porem, nas primeiras horas da manhã, logo apôs o café, abrindo os jornaes, deram com a primeira pagina de quasi todos os quotidianos occupada com uma longa noticia, entremeiada de gravuras macabras e physionomias satisfeitas de policiaes em diligencia.

Cada qual das gazetas tinha mais titulos e sub-titulos

com a missão artistica de Le Breton, foi residir com toda a familia, nas proximidades da cascatinha da Tijuca.

A nossa burguezia actual, porém, é panurgiana e, por isso, banalisa tudo em que toca ou de que se utilisa. Darwin, quando passou por aqui, em 1832, habitou durante os bellos mezes cariocas de Maio e Junho uma pequena casa de roça, nas recanias da Bahia de Botafogo. E' impossivel, diz elle, sonhar nada mais delicioso do que essa residencia de algumas semanas em paiz tão admiravel. Hoje, se elle visse esse suburbio do Rio de Janeiro, com as suas casas quasi todas iguaes em pacholice; com os seus jardins economicos de terra e, mais do que isso, avaros; com a sua aristocracia de melindrosas desfructaveis e encantadoras com o espirito nas pontas dos dedos, ambos, machos e femeas, esthetas de cinemas; com os seus verdadeiros e falsos ricos, arrogantes e avidos; com os seus lacaios e *badauds* do luxo de pacotilha que lá impera; como não se recordaria da meiguice primitiva do logar, quando por alli elle caçava *planarias*, classificadas por Cuvier como vermes intestinaes, mas que, por signal, não se encontram nos intestinos de qualquer animal; como lhe dariam saudades a musica vesperal e dissonante iniciada pelas cigarras estridentes, e seguida pelo coaxar de rãs e sapos e pelo chiar dos grillos, com a illuminação instantnea dos pyrilamps? Mas, a nuvem pardo azul, que nos grandes dias de luz funde ao longe as cores e as nuanças, observada pelo sabio inglez, ainda se pôde ver naquelle celebre recanto do Rio de Janeiro. Os burguezes não se erguem da terra; não escalam o céo. Isso é coisa para titans... A nossa plutoracia, como a de todos os paizes, perdeu a unica justificação da sua existencia como alta classe, mais ou menos viciosa e privilegiada, que era a de educadora das massas, propulsora do seu alevantamento moral, artistico e social. Nada sabe fazer de acordo com o paiz, nem inspirar que se faça. Ella copia os habitos e opiniões uns dos outros, amontãoa-se n'um logar só, e deixa os lindos recantos do Rio de Janeiro abandonados aos carvoeiros ferozes que, afinal, saem della mesma.

Encarando a burguezia actual de todo o genero, os recursos e privilegios de que dispõe, como sendo unicamente meios de alcançar faceis prazeres e baixas satisfações pessoas, e não se compenetrando ella de ter, para com outros, deveres de todas as especies, falseia a sua missão e provoca a sua morte. Não precisará de guilhotina...

E' bom lembrar, porem, já que falavamos em Darwin, que elle — e não podia deixar de fazel-o — se refere tam-

e cada qual destes era mais campanudo e inexplicavel. Leram a noticia e, em summa, tratava-se do seguinte: tendo fechado o Jardim, os guardas, conforme mandava o regulamento, passaram revista a todo elle. Davam-na por acabada, quando um delles encontrou, na borda de um gramado, um punhal exquisito, «esquinado», dizia elle, com uma inscripção na face da lamina. Era simples e em hespanhol o motte: «Soy io!» O achado intrigou-o, esquadrihou melhor os arredores e veio a dar, dissimulado em uma moita, com o cadaver de uma mulher com o rosto arroxeados e congestionado, inteiramente vestida, só com chapéo fóra do logar, mas, posto por outra mão ao lado-della. Parecia estrangeira. De subito e de forma tão tetrica, foi arrancado do esquecimento a lembrança do velho jardim real; e elle surgiu a todos da cidade com uma aureola de martyrio, feita da ingratidão de toda uma população a cujos paes e avós, sem nada lhes pedir, elle soubera dar tantos instantes de alegria e amor.

Os jornaes lembraram a sua historia, a sua fundação pelo rei D. João VI, os beneficios que havia prestado com fornecimentos de sementes de plantas uteis ou «mudas» de variedades de canna de assucar; lembraram a plantação de chá que lá houvera, sem esquecer de louvar as esguias e magestosas palmeiras, uma das quaes, plantada pelas proprias mãos do rei, estava morrendo de velha.

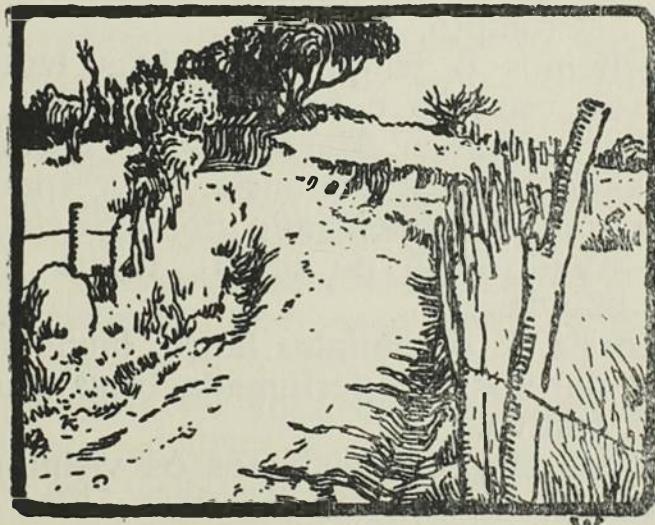
O inquerito veio a correr, ou melhor, a arrastar-se sem esperança de resultado; e a inscripção em hespanhol, no punhal, fazia que as autoridades policiaes prendessem, não só todos os subditos do rei de Hespanha que encontravam á mão, como tambem colombianos, argentinos, chilenos, e até um philippino azeitonado foi preso, apesar de ser um simples e inoffensivo malaio vagabundo e cavel-ludo, que vivia a catar hervas medicinaes para vendel-as aos herbanarios da rua Larga e aos chefes de macumbas e candomblés dos suburbios longinquos. Tudo em pura perda.

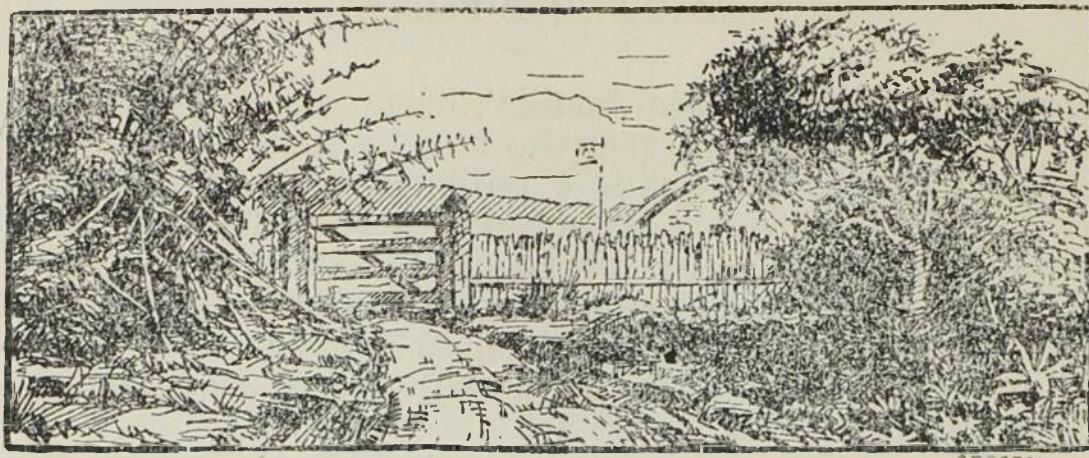
A victimia foi identificada. Era uma criada allemã, arrumadeira de um grande hotel de luxo do Silvestre ou de Santa Thereza, que, nos seus dias de folga ou licença, gostava de passear pelos arredores da cidade e beber cerveja em toda a parte. Todos os frequentadores de casas de chopes conheciam aquella pequena alleman, de Baden, rochonchudinha, polpuda que nem um repolho, com os mallares sempre rosados, possuidora de um perfeito aspecto de boneca alleman de carregação, que bebia mais do que os patricios, rindo curto e estalando as palavras no duro

e guttural allemão, cuja familia diziam ser de camponezes de um logarejo do grão-ducado. Os seus papeis eram cartas dos paes, de irmãos e parentes, além de lembranças de uns e outros, como retratos, sem mais outro traço sentimental que não este da familia; e sobre o seu cadáver foram encontradas as joias que a sua modesta condição permittia possuir: um annel de pouco preço, umas bichas de ouro e brilhantes mas de valor pouco consideravel, um par de pulseiras, algum dinheiro e mais nada.

*(Continu'a)*

LIMA BARRETO.





## A TRISTEZA DO SUBDELEGADO



fresca manhã de Agosto debuxava a esperança de um dia claro, sem uma nuvem esgarçada no horizonte vasto.

Um automovel descoberto parou fonfonando:  
— Prompto, Doutor...

— Aproveitemos o tempo. São duas leguas...

E seguimos, escrivão e ordenança, n'uma volada, em direcção do Bairro Branco. Marcáramos o encontro para as oito, nas Tres-porteiras. A denuncia, de vespera, facilitará a combinação com o subdelegado do districto confinante: um caboclo, tirando cipó no matto, fugira apavorado á vista de uma ossada...

O auto corria. E o caminho largo, humedecido de orvalho, parecia dar-nos, na perfumada brisa das capoeiras, um «bom dia» festivo.

N'uma curva rasgada avistámos os visinhos pontuaes, que esperavam.

— Madrugando, Doutor? Foi preciso um pretexto...

— Olhe, Capitão Barbosa, o senhor não sabe que espiga é uma visita longa. Tanto convida que já temos um projecto feito...

— Não fique nelle. Hoje não se conta...

E o subdelegado, amavel, sorrindo com a lealdade das almas simples, resplandecia de contentamento.

— A cousa deve ser por aqui...

— E' a primeira porteira, Capitão?

— Justamente, a assombrada... A nossa divisa é o vallo; e, conforme o lado, assim a autoridade do inquerito...

Começou-se a exploração. Foram batidas as moitas, devassados os desvãos, investigadas as touceiras próximas. De repente,

— Achei, pessoal!... gritou o escrivão.

Sob um sassafraz, a cincuenta passos do caminho, na sombra fresca de ramos baixos, á beira do capão, jazia n'um travesseiro de sáias e blusas putrefactas e nos restos de um cobertor a servir-lhe de cama, uma ossada branca, de mulher.

— Como se explica isto?

— Será que nem os corvos a viram?

Analysavamos a sua posição, revirando os ossos, sondando os arredores, em conjecturas diversas. Achamos, depois, nos restos que lhe serviam de travesseiro, uma cartilha infantil, algumas moedas de prata, um pente, espelhinho e um laço de fita prendendo uma chave de cadeado; ao lado, uma latinha da antipirina, vasia e enferrujada.

Commentavamos, arriscando hypotheses.

— E a sua opinião, Doutor?

Voltei-me; o Capitão Barbosa indagava de sobrecenho fechado. Expuz a minha idéa: Vinha de longe, adoentada talvez; e a luz causticante do sol aggravara o seu estado. Procurou um abrigo ao mal passageiro. Contava descansar e proseguir viagem até o Salto. A molestia, porém, ao pilhal-a em repouso nesta sombra, explodiu violenta; a febre prostrou-a. Enfraquecida, com a esperança de forças novas, foi ficando. Mas a falta de socorro terminou a obra. Morreu abandonada. Não teve alento para atrahir a atenção do viandante apressado. Falleceu sem assistência, sem um remedio. Por visão unica, a soalheira ou o orvalho da noite...

— Porque viria ter aqui, tão longe da estrada?

— A razão é simples. Na época das queimadas o fogo destróe toda esta macéga, salvando-se as touceiras maiores e os capões mais fechados e grossos. As arvores fortes, ainda que chamuscadas, brótam de novo ás primeiras chuvas. A moita maior é esta; repare que é a mais proxima do caminho...

— E nenhum vagabundo a aborreceria aqui... frisou escrivão.

— Cresceu o matto, continuei. O corpo entrou em decomposição. Vieram mais tarde chuvas que a apressaram; e, ao fim da estação das aguas, estava descarnado...

Houve um silencio. Todos contemplavam a ossada, pensativos.

O Capitão Barbosa, muito sensivel, murmurou:

— Pode ser... Mas ha tanto mysterio neste mundo...

— Suspeita alguma cousa?

— Parece... e de cabeça baixa, mãos no bolso, passeava lentamente, com a preoccupação estampada na phisionomia.

— Então?... interpellei-o.

— Mais tarde, Doutor, qualquer dia... Agora, vamos embora que o sól está subindo. Portaremos na subdelegacia para um café...

Partimos; e os ossos limpos, recolhidos a um grosseiro sacco de estopa, foram comnosco, no automovel, para o Salto.

\*\*\*

— Eu fico um bocado. O escrivão e a ordenança que voltem logo. O Capitão offereceu-nos uma cadeira de balanço, com tanta gentileza, que é justo que eu o aborreça...

— Isso não, Doutor; prazer somente...

— Vejamos. Sou curioso. Estamos sosinhos. Desejava saber a razão da sua preoccupação... Não será indiscrição minha?

— Entre amigos não ha disso. Foi uma ideia que tive. Tolices...

— Fui imprudente...

— Não repita, Doutor. Ha casos que é preciso coragem para narrar. Este é um delles... Mas para não haver desconfiança, conto... O senhor não ouviu fallar da Marianna, filha de Jeremias Corrêa, ali do pontilhão? Cabocla de truz!....

Fez uma pausa. Depois, mão no queixo, como a recordar-se:

— Nasci perto do Corrêa. Marianna eu vi gatinhando: dez annos mais moça do que eu. Poucos meninos lhe passavam a perna... Corria, pegava passarinho, nadava, pintava o séte... O pae ficava desesperado, mas eu achava graça no demo da pequena. Quando não me encontrava, ella arrodeava a casa, negaceando. Assim chegou aos dezoito. Certa vez, um rapaz cercou-a no caminho. Perguntei a Marianna qual a conversa. Respondeu que não era da minha conta. Zanguei-me; virou-me as costas. Fiquei aborrecido, cogitando... Para encurtar: eu tinha ciumes... E o raio do sujeito, o Jéca Estanislau, sempre de segredo com ella... Resolvi um dia:

— Marianna, venha cá...



**Olavo Bilac**

Bronze de P. Fosca.



Nestor Pestana

Bronze de P. Fosca.

- Como vae, Barbosa; já sarou?
- Não brinque... E' negocio serio.
- Então vou-me embora... Estou farta de sermões.
- Espere, escute...

Minha voz amolleceu de uma vez. Ella aproximou-se.

- Eu ando pensando muito, tudo para seu bem...

Esse Jéca tem má fama, é rapaz vagabundo, desordeiro, vive de tróça... Dizem que é bisca. Tenho reparado o geito delle, mas não lhe sei a intenção...

— Já disse, Barbosa. Se é para me ralhar, vou-me embora.

— Não é, Marianna; é para lhe pedir em casamento... Desde creança penso nisso.

E parando, olhando-me de face, o Subdelegado confessou ingenuamente:

— Eu mentia, Doutor. Tive essa resolução, quando vi o Jéca avançar terreno...

- Ella que fez? Acceitou?

— Deu uma gargalhada assim como quem diz: «não se enxerga?!» E fallou:

— Perdeu o tempo, Barbosa. Eu tambem o estimo. Mas, casamento, só com o Jéca...

Que choque levei! Até hoje me lembro... O pae não consentiu; deu até o desespero. Fugiu de casa e nunca mais foi vista. Syndiquei por minha conta: nem rastro... O Corrêa tambem, coitado, durou pouco. Descendo o rio apanhou maleita e lá se foi o homem. Que ente infeliz! Até depois de morto... Imagine Doutor, no Grotão. Chovia como seiscentos. Quando aprromptaram o corpo, o pessoal do acompanhamento já estava meio torrado. Com parte da agua os caboclos foram bebendo; e numa estiada pegaram a tróte o caminho. Vinham cavocando chão. Mas eram tres leguas a pé; e nas vendas que passavam, portavam para esquentar. O mata-bicho foi alterando os homens. Já não acertavam o balanço da rede; o defunto começava a pezar... Ali perto, no João Turco, a estrada que vem por cima, no espigão, tem uma curva empinada para descer ao correjo. E' um lugar perigoso. A caipirada vinha esmorecendo; e de medo da chuva não quiz parar no João. Parece que foi castigo. Quando chegaram na ladeira, falsearam pé e lá se foi o pobre defunto aos trancos, barróca abaixo, abrindo rego no barro, até mergulhar de ponta-cabeça no ribeirão. Os carregadores assustados, avançaram atraç para acudir e zás... afocinharam tambem. Não houve geito de

*salvarem* o pobre do Corrêa. Lidaram, deram pancas. O Jeremias — sempre ficando no tijuco. Pelejaram. Cada vez peorava mais....

— Sabe d'uma cousa? disse um tal. Elle está reinando... Vamos largar o *cujo*...

— E' melhor avizar o João da venda. O amaldiçoado do turco que se arrume....

E obrigaram o outro a retirar da enxurrada os restos do Corrêa.

Nos dias de finados eu ia ao cemiterio. A Marianna nunca foi. Aborrecido, não me casei; nem vi outra tão bonita...

— Que fim levaria?

— Contaram-me ha alguns annos, que ella estava em Sorocaba. Trabalhava dia e noite e o Jéca sempre vagabundeando... No fim elle deu para beber. Por qualquer cousa, pancadaria. Felizmente, n'um rôlo de venda.... mataram o sujeito.

— Quantos filhos?

— Só o primeiro vingou. Judiarias. Questão de dois annos, Marianna ficou doente. O menino com doze, estava na fabrica; o ordenado, porém, não bastava. Arranjei então um lugar para descânco, aqui na fazenda de um compadre. Era a outra a pobre. Tinha feito trinta annos e estava acabada, magra, amarella, só os olhos os mesmos.

Lá no sitio ia tudo bem, quando estupidamente, uns meses depois, morre o pequeno afogado. Foi um desastre. Marianna quasi endoideceu. Com muito remedio e serviço, melhorou. Não andava mais quieta — arredia, olhos cheios d'agua, sem comer... Contou-me o compadre a sua saude; dei um pulo lá. Meu coração sangrou: quem diria que era aquella... Prós vae, prós vem, fallou-me que ia á Pirapora por causa da promessa. Quando veio doente, ella jurou que se sarasse afim de cuidar do rapazinho, ouviria uma bênção. Sarou, tratou, agora cumpria. Lidei: que esperasse mais um pouco... Estava muito fraca, teria recahida. Tudo inutil!... Partiu. Nunca mais soubemos della... E essa cartilha era lembrança do filho, que ella mesma ensinou. Parece que eu reconheci o pedaço da bluza de ramagens, que estava junto ao livro. Essa é a chave do cadeado do caixão. Pobre Marianna! Voltava adoentada. Fez-se de forte; e o sól terrivel aggravou-lhe a molestia. Procurou um abrigo seguro e achou esse ao lado. Arranjada a cama, deitou-se; a febre escaldava-lhe a fronte. Tomou a ultima antipirina. Não teve forças para se levantar. Esperou as melhores. A noite fria contrastando com o calor, apanhou-a

desabrigada. No dia seguinte delirava talvez... Foi morrendo a mingua, assim sosinha, sem uma palavra ao seus soluços e um braço á sua cabeça infeliz... Fome, sede, falta de remedio, agasalhos, tudo! Quantos dias agonisou?... Perceberia a morte chegar, lentamente? E acabou-se afinal, aos poucos, com tormentos que nós nem por sombra imaginamos... Infeliz Marianna... Quanto lhe custou o erro! Nem os corvos a acharam. Que vida, meu Deus; parece até castigo.....

— E que morte, Capitão!... São capazes de vel-a ainda, como o assombramento da porteira ...

— Era o que faltava... Desapparecer abandonada ao sól e á chuva, a moça mais linda e cortejada destas bandas!.....

\*\*\*

— Prompto, Doutor. A's ordens!

— Já de volta? Bem, partamos. Capitão, agradeço-lhe lhe a gentileza. Não ha o que pague a sua amizade e confiança. Doeu-me n'alma essa tragedia silenciosa... Até á volta!

Pela primeira não me contive: abracei apertadamente o pobre amigo. Senti que o seu coração agradecia o lenitivo á sua tristeza.

Mais tarde, pela estrada larga, contou-me o escrivão:

— Os soldados do Subdelegado julgaram que traziamos laranja no embrulho... Enfiaram a mão... Em vez de laranja — surgiu a caveira da *tal*... Que susto!

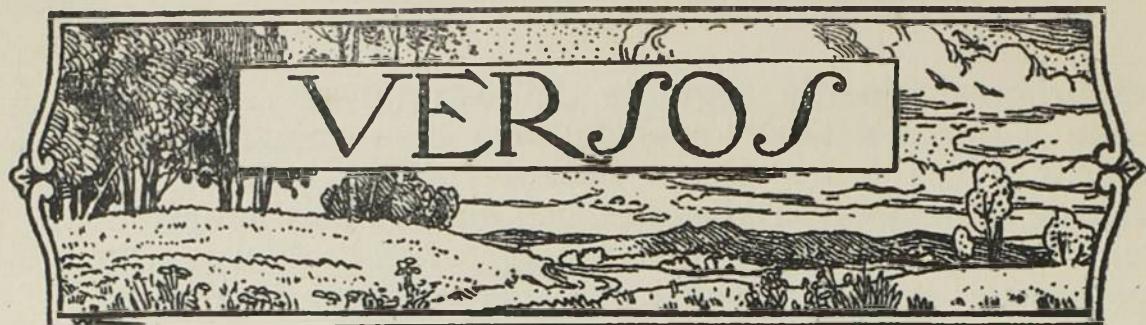
E uma rizada festejou o derradeiro logro.

Eu só revia o amigo, bonacheirão e triste, carregando para o interior da sala, quando partiamos, o grosseiro saco de estopa em que ia o seu ideal de moço, toda a sua vida e coração. Não sei se o macabro fardo receberia — uma primeira lagrima de amor ou de saudade.

\*\*\*

Fiquei admirando a logica, a argucia e os bons sentimentos do Capitão Barbosa. Hoje admiro somente os bons sentimentos, porque... Marianna reappareceu! Reappareceu e anda por cá, velhusca, estragada pelos annos, mas viva, positivamente viva....

AMANDO CAIUBY.



## CANTIGAS DE ANTANHO

---

### I

*Disseste-me, em terra os giolhos,  
E os olhos cheios de pranto,  
Que vós me adoraveis tanto  
Como á menina dos olhos;*

*Mas augurios, que são sabios,  
Quando a experientia os inspira,  
Mostraram-me essa mentira  
Que vos nascia dos labios.*

*Vossas graças adoraveis,  
Com serem graças, a gente  
Não illudem facilmente,  
Como, decerto, pensaveis;*

*Tanto, que, apôs ter ouvido  
As vossas falas e juras,  
Vos disse tambem ternuras  
Sem me dar per illudido.*

### II

*Horas de intenso regalo,  
Acceso o olhar em desejos,  
As boccas cheias de beijos,  
Que é uma loucura contal-o,*

*Passavamos á porfia  
Nestes jogos amoraveis:  
Dizieis vós que me amaveis,  
Que vos amava eu dizia.*

*Diziamos com tal fogo,  
(Que, certo, não vinha d'alma)  
Que hoje nem sei quem a palma  
Ganhou enfim nesse jogo.*

*Eramos como, parece,  
Duas pessoas travessas  
De cujas pobres cabeças  
O siso fugido houvesse.*

## III

*Nessa mutua falsidade  
Trocada por longos mezes,  
A mentira tantas vezes  
Se confundiu com a verdade,*

*Que algumas falas sinceras  
Me sahiram bocca á fóra,  
Cuidando talvez, senhora,  
Que vos amava devéras.*

*O acaso, porém, um dia,  
Das nossas contas no ajuste  
Fez-me entrever todo o embuste  
Que dentro de vós havia.*

*Não soffri, não, que a experencia  
Nisto me ensinou apenas  
Quanto nas coisas terrenas  
E' enganadora a apparencia.*

## IV

*A meu lado, anciosa e louca,  
Do leito entre os niveos folhos,  
Daveis-me a graça dos olhos,  
Daveis-me o beijo da bocca.*

*E atraç desse falso goso  
Que vos eu dava, abundante,  
Tanto illudieis o amante  
Como enganaveis o esposo.*

*Adeus, fermoso rebanho  
De suspiros que não solto,  
Adeus, senhora, que eu volto  
Aos meus amores d'antanho;*

*Que é coisa que não intento  
Deixar de parte, senhora,  
Amores velhos de outr'ora  
Per amores de momento.*

## NOSSA HISTORIA

*Nossa historia de amor por desenlace  
Teve, como têm todas, a ruptura.  
A ventura passou, por ser ventura,  
Porque não ha ventura que não passe.*

*Dóe-me, porém, pensar que na fugace  
Memoria della, em que, por desventura,  
Nada do bem passado emfim perdura,  
Nosso passado bem não perdurasse.*

*Não sei se a ella ou se a mim mesmo louve:  
Eu oiço-a e vejo-a sempre, recordada,  
Ella, esquecida, não me vê nem 'ouve;*

*Eu padeço; ella passa, descuidada,  
Sem se lembrar do que entre nós já houve,  
Qual se nunca entre nós houvéra nada.*

## EXILIO

*Perto de ti, mal cuidas que me dôa  
Dôr que da tua seja differente;  
Dóe-me, e nem vês siquer o pranto ardente  
Que ás vezes os meus olhos ennevôa.*

*E' a saudade da patria, não sómente  
Da patria, mas da gente que a povôa,  
Mansa de instincto, hospitaleira e boa,  
Como em nenhum paiz nenhuma gente.*

*E até sinto, a despeito de tamanha  
Affeição que me tens, que me acarinha,  
E meus passos e gestos acompanha,*

*Que essa affeição se apouca e se amesquinha,  
Só porque a dizes numa lingua estranha  
Que a doçura não tem da lingua minha.*

## CONTRASTE

*Casta nos gestos e nas attitudes  
Vêm-te os meus olhos sempre, enamorados,  
E a toda hora te lanço os meus alados  
Beijos, dispondo em pinha os dedos rudes.*

*E's tão pura de corpo e de cuidados,  
Que se, acaso, aos meus olhos te desnudes,  
Mais te verei vestida de virtudes  
Quão me vejo coberto de peccados.*

*Nunca pensei em tua bocca fria  
Pôr, mesmo em sonho, um beijo imaginario;  
Nunca o pensei e nunca o pensaria;*

*Não sou e nunca fui tão temerario;  
Se o fosse, é certo que a impressão teria  
De um sacrilegio em pleno sanctuario.*

## HONTEM E HOJE

*Partiu. Voltou. Com a alma a tudo affeita,  
Acolhe, resignado, a desventura,  
De que, afinal, tortura por tortura,  
Fez a mais farta, a mais cruel colheita.*

*Nem mais siquer a sua mão enjeita,  
Nem mais dos labios afastar procura  
Esse trago de fel e de amargura  
Que o máo destino em sua taça deita.*

*Hontem, a alma sem freios e sem brida,  
Tendo sonhos e risos por escolta,  
Partia. Hoje, a tarefa concluida,*

*Regressa; ao regressar, suspiros solta,  
E o bastão rico que levou na ida  
Lhe serve de muleta para a volta.*

### CIUMES

*Ralha-me, sim; mas ralha, tu, que és boa,  
Usando em dóse igual fel e doçura,  
Sem lampejos no olhar nem phrase dura,  
Mas com o olhar meigo e a phrase que perdoa.*

*Não faças nunca uma censura á tôa;  
Quando hajas de o fazer, antes procura,  
Adoçando-lhe o fel, uma censura  
Que não amargue muito e que não doa.*

*E's ciumenta demais. Tens o costume,  
Que tem, de resto, amantes ou esposas,  
De temperar amor com azedume;*

*Mas sabes bem e confessar não ousas  
Que, como o microscópio, tem o ciúme  
Essa virtude de augmentar as cousas...*

### DE PASSAGEM

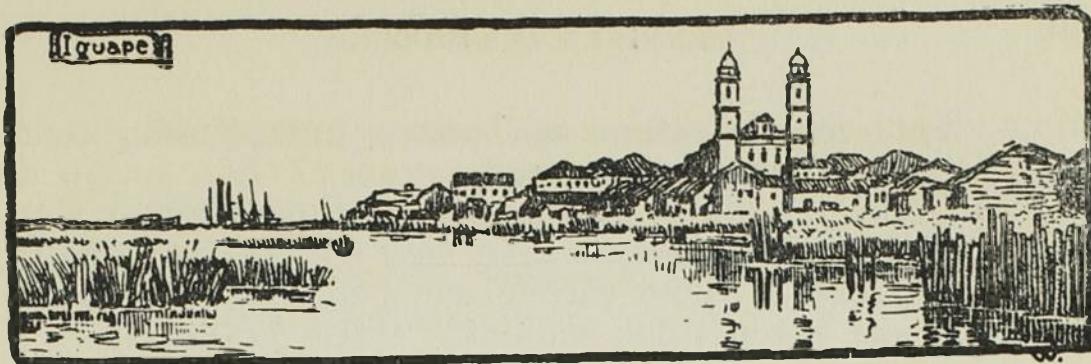
*Nada, em suave tortura e anceio, iguala  
A esta sede de amor que me extenua.  
Forasteiro que sou, oiço-te a fala,  
Tenta-me o brilho dessa espadua nua.*

*Tonto do aroma que teu corpo exhala,  
Se eu entro, a est' hora, a bella alcova tua,  
E' que essa ardente mocidade em gala  
Tem as portas abertas para a rua.*

*Teu beijo um vinho forte e bom semelha,  
Que a alma deleita, o cerebro atordoa  
E nos olhos accende uma centelha.*

*Tomo-o, e sigo o meu passo... Assim, á tôa,  
Zumbindo em torno á flôr, incerta abelha  
Recolhe ás pressas o seu mel, e vôa...*

JULIO CESAR DA SILVA



## PAIZ DE OURO E ESMERALDA

### XXII

Depois do triumpho oratorio no salão *High Life*, Angelo julgou que era chegada a occasião de mandar fazer o seu pedido de casamento. Para esse efeito encarregou ao Luz, que se dava com o coronel Vieira, de procurar saber previamente como seria recebida tal pretenção.

Combinada a campanha, enquanto o joven italiano, em uma confeitaria do centro da cidade, proxima ao largo da Sé, aguardava, alheio ao ruido crescente que do «triangulo» desaguava em ondas humanas pela sala a dentro, sua sentença de vida e morte, o bacharel subia as escadas do n. 22, á rua Direita, predio em cujos altos tinha escriptorio o pae de Maria Luiza.

Arribando ao primeiro andar, encontrou logo no topo um moço de cabellos crespos e cara espinhosa, que o convidou a entrar para a saleta de espera, com inumeros sorrisos e attitudes rebuscadas — tudo destinado a protestar contra a possivel suspeita de que porventura não passaria de humilimo criado.

— Procuro o snr. coronel Vieira.

— E' aqui mesmo. Tenha a bondade de entrar... Quem é que devo annunciar?

— Diga que é o advogado Benicio da Silva Luz.

Não foi preciso esperar. Um instante apôs achava-se Luz no escriptorio. O coronel, da sua cadeira gyratoria, junto á escrevaninha, extendeu-lhe a mão e indicou-lhe a cadeira proxima. Trocados cumprimentos e palavras de meia polidez, o bacharel, sem perda de tempo e sem rodeios, expoz logo e *ex abrupto* o motivo que o levava:

— Snr. coronel, disse um pouco formalizado, como quem ia tratar de assumpto muito grave... Sou amigo de Angelo Orsini... — Fez uma pausa como para tomar alento e ajuntou de um folego: Esse meu amigo deseja saber como seria recebido pelo coronel um pedido de casamento delle com sua exma. filha, senhorita Maria Luiza...

Em quanto Luz fallava, a attitude cortez do coronel transformava-se em infinita estupefacção. Mal comprehendeu o que lhe dizia o moço, voltou-se espantado, olhando-o fito como para se certificar de que tinha deante de si um homem em juizo perfeito.

— Uma filha minha casar com esse rapaz! exclamou por fim com expressão de quem esperava tudo no mundo menos tal cousa.

Houve um momento de silencio durante o qual Luz julgou ver passar no olhar duro do velho um relampago de colera prestes dominada.

— Se me permitte usar de toda a franqueza, disse o bacharei num impulso nervoso, devo dizer que Angelo é dotado de raras qualidades, que o senhor não pôde deixar de lhe reconhecer... E se eu não estivesse absolutamente certo disso, não me teria incumbido de vir fallar-lhe sobre a pretenção desse meu amigo...

O coronel Vieira imprimiu á cadeira gyratoria um pequeno movimento e, depondo na meza o alfange de marfim, descansou os braços no recôsto, com expressão de firmeza e concentração. O rosto já vincado de rugas parecia ter-se coberto de estranha e indefinivel autoridade.

— Depois... accrescentou Luz mais doce, como quem se esforçava por justificar a sua ousadia — depois... Angelo me communicou as razões em que se fundava para não julgar de todo impossivel esse consorcio... Disse-me com certeza o que pensa a respeito de sua exma. filha... Quanto a pureza do nome e ás excellentes qualidades dos Orsini, creio não precisar insistir, visto como o coronel rigoroso comb é na escolha de suas relações, não o teria distinguido recebendo-o em sua casa, se não estivesse tão convencido como eu de que elle é a todos os respeitos realmente digno de toda consideração e amizade...

Aqui o velho Vieira fez um aceno, interrompendo-o:

— Peço-lhe que não insista nesse assumpto... Esse moço foi-me apresentado por um amigo meu. Julgo que tem optimas qualidades... Mas não se trata disso... E ajuntou sinceramente admirado, como de si para si: E' extraordinario! Quem diria que elle pudesse pensar em uma filha minha!...

Como Luz fizesse menção de fallar, fez segundo aceno:

— O snr. precisa dar uma resposta a seu amigo... Diga-lhe que não pôde ser, que não pense mais nisso... Desengane-o uma vez por todas... — E murmurou como que em soliloquio, esquecido inteiramente da presença do bachel: E' uma maçada! Mas eu pretendia mesmo ir passar uma temporoada na fazenda...

— Desculpe-me, snr. coronel... Mas... ia o Luz objectando.

Nisto, porém, pelo olhar acerado do argentario cafêzista tornou a perpassar um brilho de colera. Exclamou num impeto:

— Pois minha filha havia de casar-se com um estrangeiro, como um... Sabe-se lá quem é esse rapaz?!...

— O snr. me perdôe, contraveio com vivacidade o Luz... Mas o simples facto de ser estrangeiro...

— Ora senhor! atalhou o coronel, perdendo a paciencia. O snr. tem filhos? Sabe qual é o dever de um pae?! Era só o que faltava!

E passando a mão pelos cabellos grisalhos, como se alli estivera só, repetia de si para comsigo:

— Era só o que faltava! Pensar em uma filha minha!

Luz, humilhado, nervoso, banhado em suor frio, despediu-se, murmurando heroicas palavras de desculpa. E desceu a escada precipitadamente sem reparar sequer no sujeito de cabellos crespos e sorrisos affectados, que se impertigára á sua passagem. Ao chegar á porta da rua, pensou: «Devo estar horrivelmente pallido... Com este aspecto não convem apresentar-m'e a Angelo... O pobre namorado ficaria doido... Elle que espere um pouco até me passarem os nervos...»

A rua estava repleta de transeuntes apressados. Atravessou-a a custo, para ganhar o passeio opposto. Depois caminhou o mais depressa que pôde, no meio da multidão, entrando pela rua de S. Bento, rumo da praça Antonio Prado. E olhava desconfiado para os lados, temendo que Angelo surgisse por alli. Chegando ao largo embarafustou pela confeitoria «Castellões» e foi assentar-se na segunda sala, ao fundo.

— Que toma, *signore*?

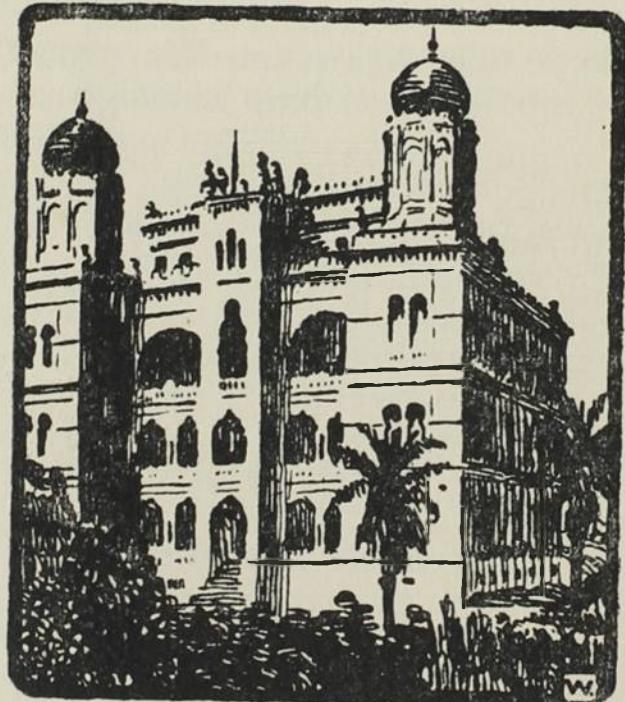
— Traga um *chop*.

E entrou a recapitular o acontecido. «Ahi está o que fui procurar! Aquillo é um bruto! Confundem a firmeza, a austerdade, a dignidade com a grosseria! São assim os nos-

sos fidalgos!» Bebeu o *chop*. Sentiu-se a pouco e pouco mais brando. «E' isto! Somos um povo de rastaqueras, de *parvenus*, de mestiçados moraes mesmo quando alardeamos pureza de sangue! E aquella do homem! — A filha não havia de casar-se com estrangeiro! Que empafia tola! Que...» Pediou outro *chop*. Respirou. «Agora é que é o mais difficult! Como dizer a Angelo o que se passou!»

(Continúa)

J. A. NOGUEIRA.

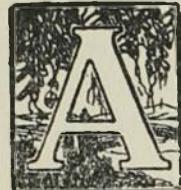




## A NOIVA DE OSCAR WILDE

---

### II



palavra de Wilde não carecia dos jardins de Academo, e era quasi sempre em torno á mesa de um café, entre espiraes de fumo louro e diante de um copo de *Whisky and soda*, que elle reunia os discipulos, para ditar-lhes o novo evangelho, em que se tinha a belleza por bem suprêmo e se fazia o elogio do vicio e da indolencia, da vaidade e do egoismo, da inconstancia e da mentira. A mocidade ouvia-o attenta, na fascinação daquella prosa, tecida de parabolas suaves e paradoxos impenitentes, como se numa panoplia extravagante o aço de adagas e sabres sarracenos descansasse sobre a seda frouxelada de um chale de Tonkim. Por vezes, tal a esphinge que de garras cravadas no deserto assustava os viandantes, elle a subitas interrompia a narração, para fazer perguntas aberrantes, que tambem ficavam sem resposta.

Entre a roda dos novos esthetas, vinha buscal-o a sociedade aristocratica, que lhe requestava o convívio e recolhia as phrases. Nada se fazia então em Londres sem o assentimento de Wilde; e se as senhoras o consultavam a respeito de modas e mil futilidades, artista algum dispensava o seu elogio, que seria a consagração definitiva.

A vida particular do estheta transformara-se numa curiosidade publica, e os seus habitos e superstições interessavam tanto como a leitura de «Intenções» ou a representação do «O marido ideal».

Falava-se na quinzena de seda azul pavão com que elle, para escrever, se sentava á mesa que fôra de Carlyle; discutia-se a sua collecção de turquezas e amethystas, capaz de despertar inveja a Deocleciano; commentavam-se

os caprichos da sua inspiração, que tinha exigencias de Califa, e só se sentia bem entre tapeçarias persas e dalmáticas bysantinas, majolicas de Gubbio e marfins hindu's; e elogiava-se o escaravelho em lapis-lazuli, que lhe adorava o anular, e fôra arrancado ao dedo millenario de uma mumia.

Temido da burguezia, invejado dos homens, adorado pelas mulheres, a mocidade seguia-lhe o rastro luminoso da vida, que se ia abrir no jardim das Hesperides.

Tal foi o homem maravilhoso, mixto de Baccho asiatico e de Apollo grego, figura ainda de hontem e já lendaria pela gloria — que eu vi apparecer ante mim, e que tão profunda impressão deve ter produzido no espirito formoso e sensivel de D. Isabel.

Entretanto, Raul proseguia. Sua tia, não só aquella, mas muitas outras vezes, tivera ensejo de se encontrar com Wilde. E' que se o mundanismo deste ultimo o levava por toda parte, os avós de D. Isabel, ligados á melhor sociedade londrina, queriam proporcionar á neta o maximo de diversões.

Sabida a situação de relevo e prestigio alcançada por Wilde, não será de espantar que o pai de D. Isabel, em começo nenhuma importancia desse aos entusiasmos com que a filha sempre se referia á pessoa do poeta. Mero reflexo do meio, esses entusiasmos de coração moço e susceptivel deveriam facilmente dissolver-se no marulho de aplausos e louvores, com que discípulos e admiradores envolviam a pessoa de Wilde. A mais, afugentando receios que, eu penso, nunca teriam acudido á mente do velho Ardrade e Mello, Wilde era casado e Cyril e Vivian, os seus dois encantadores pequenos, lhe amparavam a felicidade conjugal.

Veio, porém, o desastre. Do ferculo de ouro Wilde baixou ao carcere de Reading. A blusa numerada substituiu-lhe o quimão de seda azul. O seu nome, que outrora perfumava os halitos e era magnificado a cada instante, passou a ser sussurrado entre dentes e serviu para estigmatizar um vicio.

E á medida que na fronte gloriosa do poeta a laurea se transformava numa corôa de espinhos, — D. Isabel também foi demonstrando aos seus íntimos o que até então conseguira dissimular: nos refôlhos do seu coração havia qualquer cousa além de um simples entusiasmo no sentimento que lhe inspirava Wilde.

Possuiu-a um profundo desalento, foi-se-lhe a alegria antiga, e por mais que se esforçassem os seus parentes,

nada conseguia distrahil-a. E' que de tudo o que lhe andava em volta, só uma cousa a podia interessar, e dessa ninguem lhe falava: o processo de Wilde.

Angustiando-lhe as cogitações e exacerbando-lhe os soffrimentos, D. Isabel sentia ainda que uma ponta de opprobrio vinha mesclar-se á pureza dos seus sentimentos, desde que deveria ignorar os motivos daquelle condenaçāo e até a leitura dos jornaes lhe havia sido sonegada.

O velho Andrade e Mello, entretanto, se já muito se preocupava com o que vinha observando, só mais tarde teve certeza plena da fatalidade que pesava sobre o destino da filha, quando soube que D. Isabel, por interferencia dos poucos amigos que não abandonaram a Wilde na hora da desgraça, mantinha o seu pensamento constantemente ligado ao carcere de Reading; e que flores escoihidas pelo seu proprio punho iam, ás vezes, abrir um sorriso nas sombras do cubiculo em que o artista, já sem o recamo dos seus anneis, desangrava os dedos na tarefa humilhante de desfiar corda.

Foi por essa occasiāo que o pai de D. Isabel resolveu apressar a volta ao Rio, na esperança de que, afastando-a daquelle meio, a filha rapido olvidasse a figura de Wilde.

Enganou-se, porém, o velho Andrade e Mello. A distancia e o tempo não conseguiram reviventiar as alegrias daquelle coração, que nunca mais se quiz abrir a qualquer outro affecto, a despeito de que muitas outras sympathias ainda lhe vieram ao encontro da belleza.

E Raul concluiu:

— «Uma paixāo, meu amigo! Desses que já hoje em dia mui raramente se observam; que não medem sacrificios, nem anteveem obstaculos; e que quando não florejam em carinhos e attenções, deixam o coração num punhado de cinzas!

«Embora a sua religiāo não tenha altar, sente-se que a sombra de Wilde acompanha minha Tia por toda parte, e lhe povôa as solitudes do coração. Se entrasses, hoje, no seu quarto, no Rio, havias de vêr, numa estante ao abrigo dos olhares indiscretos, todas as obras do escriptor dilecto e, entre ellas, não sei como conseguido, um dos rarissimos exemplares da «Salomé», que foi maravilhosamente illustrada por Beardsley. Sei que ella lê e relê meditadamente esses livros, na esperança talvez, de que, ao calôr dos seus dedos, algum dias as palavras se animem, e com resonancias de um crystal de Veneza, lhe tragam os écos da voz inesquecivel. Vem ainda do mesmo culto o nome que ella escolheu

para os seus gatos, mal supondo que Dorian e Sybil medariam a chave do seu segredo, pois que entre os seus proximos a leitura do «O Retrato de Dorian Gray» já era familiar a alguem.

— E do lado de Wilde? inquiri eu, sentindo de minuto recrescer a minha curiosidade. Teria havido qualquer incitamento ás vehemencias dessa paixão, ou mesmo, já não dizendo tanto, teria o poeta conhecido o que lhe era tributado?

— «Nada de positivo. Mas muita suposição interessante, que me dá quasi a certeza de que Wilde, se não percebeu a essencia do sentimento que havia despertado, soube, comtudo, comprehendêr a magnitude do coração que se lhe abria em balsamos na hora da desgraça.»

E Raul contou-me então como chegara a essa conclusão, graças tão somente ao seu esforço, já que o Dr. Andrade, quando lhe relatara o facto, fôra profundamente lacônico, deixando-o com a cabeça cheia de interrogações.

E' preciso que se não esqueça que o Dr. Andrade é medico, e medico ás direitas, tendo, portanto, o seu senso artistico — se é que elle o possuiu algum dia — completamente embotado. Estou certo que a sua concepção de belleza anda hoje muito mais proxima de um «bello» abcesso de figado ou qualquer outra horrivel mazella, do que da Venus de Milo ou do «Julgamento final»; e que se lhe derem a escolha de leitura entre uma encantadora pagina de Wilde ou qualquer outro autor que elle nunca leu — e uma monographia clinica, o Dr. Andrade não hesitará: irá á massuda monographia.

Não nos admiraremos, portanto, que em todo esse curioso entrecho de amor, elle haja apenas visto: de um lado, a pessoa extremecida de sua querida e unica irmã, com a vida partida pela fatalidade daquelle desassisada paixão; e de outro, a figura odienta de Wilde, o causador daquelle desvario, e que só o poderia interessar atravez da analyse de um Krafft Ebing. Raul disse-me mesmo ter notado que o pae, durante toda a narrativa, evitara o mais que poude pronunciar o nome de Wilde, e nas poucas vezes em que isto não lhe fôra possivel, trouxera-o sempre precedido de um «cabotino», «degenerado», ou «nevrosado».

O meu amigo, entretanto, como era de esperar, pois pleiteava commigo, a sua admiração por Wilde, é que se não conformou com o que lhe fôra contado, e desde logo passou a fazer uma serie de investigações, a vêr se encontrava, quer nos proprios livros de Wilde, quer no que se



**D. Duarte Leopoldo**

Bronze de P. Fosca.

EXPOSIÇÃO DI CAVALCANTI



“Ironia e Piedade”

tem escripto a seu respeito, qualquer clareira por onde pudesse respirar a sua curiosidade.

Embóra Caliban já lhe dormisse aos pés e o diabo o tentasse com a mascara indecisa de Antinoo, era de presumir que a Wilde, sempre de olhos abertos para a belleza, não tivesse passado despercebida, logo ao primeiro encontro, a graça estranha de D. Isabel que, de cabelleira negra e pelle dourada, se destacaria dos outros typos femininos da sociedade londrina, como uma garça morena perdida em meio a um bando de cegonhas.

Dos livros de Wilde, o unico que poderia trazer qualquer elucidação a esse respeito era o «De Profundis», sabendo-se que todos os outros são anteriores a 1894. Esse livro, além de escripto na propria prisão, tinha o grande interesse de constituir como que um jornal intimo dos dias de sombra e soffrimento do grande artista.

Pois foi justamente nas paginas do «De Profundis», que Raul encontrou as duas passagens, que lhe deram absoluta certeza de que D. Isabel não foi indiferente ao poeta. E' pena que eu não tenha aqui o volume, para lhes ler, na integra, esses dois trechos, que me trouxeram a mesma convicção.

Um delles está numa das cartas que da prisão Wilde endereçou a Roberto Ross, e foram transcriptas po prefacio do livro. Nessa carta Wilde pede a Ross que agradeça a um amigo *commum*, cujo nome agora me escapa, a remessa dos livros que elle lhe tem feito; e que, por intermedio desse mesmo amigo, faça chegar «sua gratidão á senhora que mora em Winbledon». Presume-se que esta senhora, que elle não quiz nomear, lhe houvesse tambem enviados livros ou qualquer outra cousa. Concidencia ou não, entre as poucas cartas subsistentes do seu avô, Raul encontrou uma cuja sobrecarta já rasgada, talvez por um impiedoso collecionador de sellos, ainda deixava perceber num bocado da carimbo, certa palavra que deveria começar por: WINB. Raul, ao tempo em que conversamos, ainda não tinha conseguido saber se Winbledon seria apenas o nome de qualquer rua ou quarteirão de Londres, ou mesmo de alguma cidade da Inglaterra.

A outra referencia com relação ao nosso caso está no corpo mesmo do «De Profundis». Se ella é menos preciza e não traz indicação alguma da pessoa a que se refere, em compensação é muito mais extensa, e dá a essa sombra feminina, cujo perfume mal podemos aspirar, uma grande ascendencia sobre o espirito do encarcerado de Reading.

Mais uma vez eu lamento não ter presente o volume. A prosa de Wilde não pode ser resumida e eu não trago o trecho de cór. Digo-lhe apenas que o artista evoca a imagem dessa mulher «cuja infinita docura se transmittia ao ar em que respirava», quando rememora os erros da sua vida passada, que se obstinava em não conhecer a dôr e tinha o grande prazer como unico motivo da existencia. E' que essa figura feminina já uma vez lhe fizera sentir que a alma só se acrisola no soffrimento e o espírito tem a dôr por alimento. Wilde tece-lhe, então, um hymno de admiração e respeito, e depois de falar «na sua nobre bondade para com elle, não só antes como ainda durante o encarceramento», e de dizer que «ella, muito embora sem o saber, o auxiliou a carregar o fardo de tormentos»; termina declarando que «ella é a um só tempo, um ideal, uma influencia, e uma suggestão de aperfeiçoamento para o futuro».

Como vêm vocês, nada de mais elogioso para a pessoa que despertou tales sentimentos, e que, eu penso, tenha sido D. Isabel. E' digno ainda de menção, que logo após esse trecho, as idéas de Wilde começam a reflectir uma religiosidade até então ignorada, a figura de Christo descendo amiude sobre as suas paginas, como o paradigma da nova vida que elle se propunha para mais tarde. Dahi não ser tambem difficult acceitar que a essa mesma mulher deu Wilde a devoção que annos depois o faria ir, por varias vezes, á benção do Papa e lhe daria a morte com todos os sacramentos catholicos.

Além desses elementos, Raul ainda descobriu uma nova fonte de suggestões, que referenda de algum modo as suas conjecturas.

Trata-se de um opusculo em que André Gide, grande amigo de Wilde, nos conta alguns episodios da sua vida. Por elle sabemos que Wilde, durante a sua permanencia em Berneval, após cumprida a sentença, falava com grande entusiasmo nos seus projectos literarios, e dizia que só reappareceria em Paris, quando de novo se pudesse impôr como «Rei da Vida», por uma bella obra de arte.

Entre esses trabalhos, alguns apenas ideados, outros já em execução, elle se referia com grande amôr a um drama biblico: Achab e Gezabel. Note-se uma nova coincidencia. André Gide assignala que Wilde, ao envez de pronunciar Gezabel, sempre dizia Isabel. Não seria ainda a nossa patricia que lhe teria despertado a lembrança de tecer um drama em torno da bella e vaidosa Gezabel, do segundo livro dos Reis?

Quando Raul, acabando de me citar a procedencia

das suas suspeitas, lamentava que o nosso problema houvesse que permanecer eternamente insolvel, não me contive que lhe perguntei:

— E por que não vaes resolutamente á tua Tia! Estou certo de que apenas com uma palavrinha sua tudo ficaria esclarecido. Depois, dado o teu amôr por Wilde, ella não se vexaria de te abrir o coração.

— «Já quiz fazer isso e tenho estado varias vezes com o «De Profundis» entre as mãos, prompto a ir-lhe ao encontro, — respondeu-me Raul. «Pondere, porém, que uma méra curiosidade literaria, não me da direito a tanto. Seria resangrar despidosamente uma ferida que o tempo vai cicatrizando. A mais, tive proibição formal do velho de lhe fazer a menor allusão a esse respeito».

Raul ainda falava, quando sentimos um ruido ao fundo da varanda. Ambos estremecemos. Era D. Isabel que se debruçava á janella, advertindo o sobrinho que já passava das 11 horas e elle estava fóra do regimen. E depois, numa voz muito branda: «Deixem a prosa para amanhã, meus filhos. Vocês têm tanto tempo para conversar»....

Levantamo-nos. Lá fóra o plenilunio remontava, e no ceu semeado de estrellas, dir-se-ia um grande lirio branco entre uma seara dourada. Na profundez da noite as montanhas dormiam, conchegadas por nevoas claras; e, sob o poejo do luar, pareciam proseguir o bello sonho que eu havia interrompido....

— Deixemos de sentimentalismos e vamos ao jantar do Honorio — atalhou Genesio que verificara ser quasi 7 horas.

E já na porta, enquanto vestiamos os sobretudos, eu perguntei a Alfredo porque não faria a sua estreia na novella aproveitando a historia que nos acabava de contar.

— Pensei nisso e cheguei até a escolher-lhe um titulo. Seria «A noiva de Oscar Wilde». Raul, porém, dissuadiu-me do intento, muito embora, já se vê, eu lhe propuzesse a alteração do nome de uma das personagens.

Parece-me que ainda o ouço, quando, proximo do quarto, lhe dei a conhecer o meu intento:

— «E' muito cedo, meu amigo. Escripto agora o nosso encantador entrecho de amôr não passaria de uma enfadonha monographia historica, inçada de datas e notas á margem. E' precizo que o tempo aplaque a preamar de odios e escrupulos que ainda se agitam sobre a figura de Wilde, e de novo esbata em torno á sua cabeça aquelle halo luminoso que uma senhora de Paris dizia vêr for-

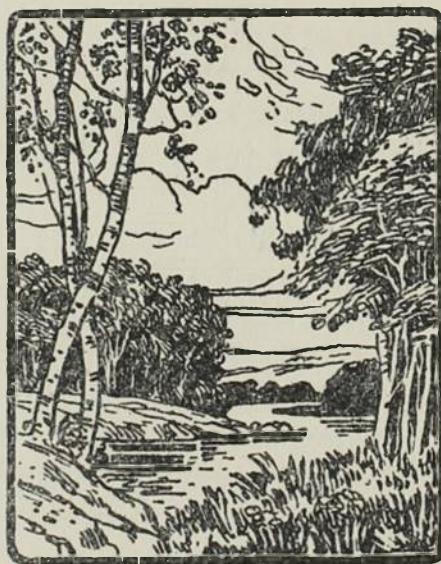
mar-se toda vez que elle falava. Lembra-te que a nossa heroína ainda ahi está, e que se Wilde já morreu ha 17 annos, só em 1960 o British Museum nos permitirá conhacer, na integra, o original do «De Profundis».

E depois, num sorriso que talvez mal encobrisse o seu torvo designio:

— «Vivamos, portanto, até lá, meu amigo, na esperança de que, já velhinhos, ainda possamos ver evolar-se das paginas ineditas — um novo perfume, de que se ha de servir o futuro narrador da tua «A Noiva de Oscar Wilde».

Cinco dias depois, vinha-me um chamado urgente, e eu ia encontrar o meu amigo semi-morto, com a cabeça ensanguentada a resvalar entre os dedos tremulos de D. Isabel, que lhe beijava afflictivamente a fronte.

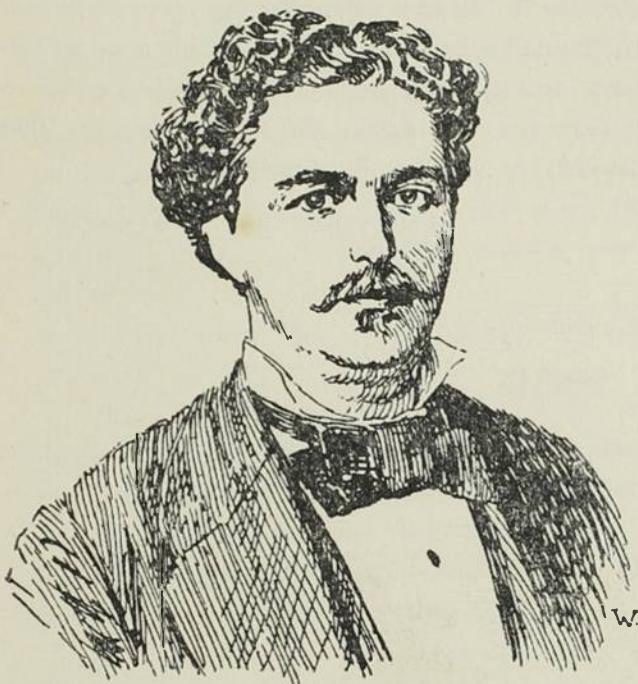
SERGIO ESPINOLA.



# INÉDITOS PRECIOSOS

## Excerptos do Diario do Visconde de Taunay

(Março, Maio de 1889)



Se durante os longos annos das campanhas de Matto Grosso e do Paraguay, á risca seguiu o Visconde de Taunay o preceito camoneano relativo ao uso simultaneo da espada e da penna, finda a nossa grande guerra, durante a qual escrevera: *Scenas de viagens*, *A mocidade de Trajano*, *A Retirada da Laguna*, o *Diario do Exercito* e os seus relatorios sobre a campanha de Matto Grosso — passado Primeiro de Março, dizíamos, e deposta a espada que jamais tenia ainda o en-  
sejo de desembainhar, diuturnamente manejou a penna nos quasi vinte e nove annos que lhe caberiam viver.

Só o que na imprensa publicou, por exemplo, neste lapso de tempo daria para a confecção de dezenas de grossos *in folio*.

A vida afanosissima do politico, do propagandista de reformas sociaes, do campeão de immigração européa, do adversario inconvençivel da introduçao de aziaticos, do critico e do romancista, todo este labor continuo e intenso raramente lhe deixava o tempo para redigir o seu *Diario intimo*; o que com prazer sempre fazia desde que lhe sobrassem lazeres.

Assim na longa serie dos cadernos em que o redigiu extensas lacunas se notam por vezes de muitos e muitos mezes. O afastamento completo da politica promovido pelo advento da Republica, deu-lhe o preciso vagar para tal redacção e assim, desde 1890 em deante, até a sua ultima semana, em janeiro de 1899 registou, quasi sem solução de continuidade os principaes acontecimentos e impressões da existencia diaria. São geralmente mais notas de canhenho do que outra cousa os apontamentos que nos livros do *Diario* se inscrevem, referindo-se aos factos familiares e á economia domestica, ao registro das transacções financeiras e da correspondencia epistolar com diversos amigos.

Surgem porém, de vez em quando algumas linhas de apreciações sobre homens, cousas e livros, anecdotas, reminiscências etc. e muitos destes tópicos são interessantes.

Aqui e ali respigando alguma cousa do que me pareceu mais curioso no período correspondente ao trimestre de Março, Abril e Maio de 1889 transcrevo estes excertos destinando-os à *Revista do Brasil*. Julgo que a vários dos seus leitores possa causar prazer a leitura de tais inéditos, onde há várias notas referentes ao Imperador D. Pedro II nos seus últimos meses de reinado.

Escretas com a sinceridade de quem as traçava para si — sem a menor ideia de que algum dia pudessem vir à publicidade — são curiosas quer pelo facto de revelarem o assunto variado e sempre elevado das preocupações intelectuais do glorioso monarca, numa época em que a velhice e o formidável labor de quasi meio século de governo patriótico já lhe traziam o declínio das forças e faculdades, quer pela revelação da franqueza com que lhe falavam e com que com elle discutia o Senador do Império.

AFFONSO d'E. TAUNAY

## 1889

PETROPOLIS — 4 de março). — A noite baile do Bragança durante o qual muito conversou o Imperador comigo sobre literatura francesa e ingleza.

11) A tarde conversámos (1) na Estação largamente com o Imperador sobre Uruguai e a Guerra do Paraguai, demonstrando S. M. optima memória dos factos mais miúdos.

14) Fui ao cortejo anunciando o Imperador a partida do Conde d'Eu para Santos, hoje mesmo, à tarde, como de facto aconteceu.

20) Fui à ducha, onde conversou, amavelmente, o Imperador, comigo, falando de Carlos Gomes. Disse-me «ainda nada fez superior ao *Guarany*.»

21) Levantei-me cedo para escrever uma carta a João Alfredo sobre a condecoração do X... e do Y...

27) Na Estação, à espera do trem da tarde, tivemos conversa interessante com o Imperador a princípio sobre crenças e salvação eterna. Citei a S. M. as suas palavras à Imperatriz, no dia do enterro do seu estimado professor de alemão, Lietpold. — Pena que tenha sido protestante, observou a Imperatriz. — Pois então replicou elle, por esta razão o meu bom Lietpold ha de ir para o Inferno? — Falámos depois em Lacordaire, Didon e Deguerry. A conversa em seguida tomou outro rumo e falámos dos grandes mentirosos.

(1) O autor e André Rebouças, a quem o ligava a maior amizade. Refere-se sempre o plural, a ambos, pois sahiam diariamente, pela tarde a passear por Petrópolis, o que frequentemente os levava a encontrar o Imperador D. Pedro II.

O Imperador contou duas anedotas engraçadas, uma do semanario J.... que se salvava de um naufragio enchendo moringues que boiavam, outra do B... que vira uma onda arrebatar, por occasião de um temporal, na fortaleza da Lage, uma guarita com um soldado dentro e outros a repor tudo no lugar.

29) Na estação conversei largo tempo com o Imperador sobre quadros da Escola Franceza.

6 de abril) Recebi do Luiz Guimarães o seguinte bilhete: «Meu giroso Taunay: Beijo-lhe as mãos pela offerta do seu *Discurso*. E' um bello trabalho litterario, como tudo que sahe da brillante penna do romancista da *Mocidade de Trajano* e do extraordinario chronista da *Retirada da Lagona*. O seu juizo critico sobre Franklin Tavora é de uma concisão plutar-chiana e de uma eloquencia magistral. Bravo! Lisboa, 17 de março de 1889.»

8) Tive hontem grande alegria, lendo afinal os nomes do X... e do Y... entre os condecorados com o officialato da Rosa. Fomos á tarde visitar o X, que estava muito cheio da distincção dada pelo Governo Imperial. Curiosa humanidade! Curiosa existencia! Bem exprimiu este sentimento Claude Larcher (*Mensonges*) «*Quelle comédie que la vie et quelle sottise d'en faire un drame!*»

Recebi carta do Y... agradecendo os parabens que lhe mandei. Só os parabens?

10) Hontem, na Estação, tivemos engraçada discussão sobre a significação do que era *Communhão dos Santos* mostrando-se o Imperador mais entendido do que todos nós. Concordou, entretanto, na necessidade da decretação do Casamento Civil. Mostrou-se alheio a todos os artigos que tenho escripto verificando-se mais uma vez, o facto bem conhecido que não lê mais os jornaes.

19) *Sexta Feira santa*. Longa conferencia com o João Alfredo sobre mil assumptos. Desanimos e queixas. Li com muito interesse o opusculo que me mandou Catani sobre *Infezione*.

21) O Dr. Castro Lopes propõe hoje fádico em vez de feerico (1). O Machado de Assis com muito espirito e carradas de razão criticou e poz por terra e *roclo* (do francez *roquelaure*) que é muito diferente de *chambre* (robe de chambre). A' noite fui á casa do Conde de Motta Maia que deu um baile a que assistiu toda a familia Imperial, em continuação e como fecho da manifestação que lhe fôra feita de manhã. De lá sahi com o Rebouças ás 11 horas, pouco depois do Imperador.

22) O Conde de Motta Maia, hontem, fez valer o facto de ter lido ao Imperador o meu artigo sobre Casamento Civil, em que fallei da intervenção imperial desde 1855. Disse-me elle que tudo fôra confirmado sem a menor hesitação.

26) Na estação achámos o Imperador retrahido e calado. Não se ani-

(1) Diariamente propunha então o Dr. Castro Lopes, pela imprensa, os seus «neologismos indispensaveis e barbarismos dispensaveis».

mou com a apresentação que lhe fiz do Dr. Paul Ehrenreich chegado hontem e companheiro do Dr. Carlos von den Steinen, o explorador do Xingu'.

29) Na estação o Imperador conversou largamente e com excellente memória dos philosophos francezes, de sua estada em Potsdam onde occupou o quarto habitado por Voltaire. Depois fomos com D. Pedro (1) tocando eu Offenbach.

30) De manhã entreguei ao Imperador o livro de Pierre Loti (*Japonerias d'automne*) de que eu lhe falára na vespera por occasião da palestra habitual. Nesta disse elle a mim, e ao Rebouças, discutindo questões litterarias e philosophices: «Devo o gosto que tenho aos classicos e á boa litteratura a seu pae» repetindo aliás o que em outras occasões mais me dissera.

1.º de Maio) Fui ao Senado onde o Correia me disse que obrigatoria-mente eu havia de ser o ministro da agricultura do primeiro gabinete. Conversei com Serro Frio, Barros Barreto e outros senadores e fui á commissão de inquerito á uma hora. Na estação encontrei o Rebouças e o principe D. Pedro Augusto. Este me contou que ao jantar o Motta Maia perguntara ao Imperador se era verdade o que eu contara no artigo de hoje, respondendo-lhe Sua Magestade: — «Motta tudo aquillo é a pura verdade», com o que se mostrou o Principe muito satisfeito.

3) Desci para a abertura da sessão legislativa sahindo de Petropolis ás 7 e meia. Almocei na barca e fui ao meio dia ao Senado. Muito pouca gente; tribunas e galerias cheias. O Imperador fraco; a extensa Falla do Throno menos mal. Esse documento causou-me, como aliás a todos impressão desagradável pelo seu tom de carrancismo. O Imperador voltando eu da tribuna da Imperatriz me disse ao passar: «Não gostou da Falla do Throno? Foi o melhor que pude fazer.» Na escadaria ao descer fallou novamente commigo nos seguintes termos: «Tenho lido os seus artigos; muito obrigado. Tudo quanto o senhor diz é exacto.» Ao que repliquei—costumo zelar a verdade» — «E faz muito bem.»

4) De manhã, sahindo do hotel fui visitar no França o Paranaguá. Fui ao Senado onde estive muito aborrecido — Paulino, presidente com 22 votos; Cruzeiro 12 votos governistas. Colligação dos liberaes com os conservadores dissidentes.

Na estação encontrei o Imperador que conversou sobre os factos do dia. Disse-lhe que não gostara da Falla do Throno. «Mas porque?» — perguntou elle. «Não traç reforma alguma sobre o Casamento Civil, nada diz, etc.» — «Ora, replicou S. M. é preciso ir devagar. Sou oportunista. Sobre casamento civil já fizemos alguma cousa.» Fiquei positivamente pasmo de semelhante declaração. «Não gosto de intrigas, continuou elle; politicamente os factos de hoje, no Senado, não me dão direcção alguma.»

6) Deixei de ir ao Rio de Janeiro. De manhã escrevi ao Azevedo Castro longa carta contando todos os factos ocorridos e que tantos desgostos politicos me tenu ultimamente dado.

(1) D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo Gotha, neto de D. Pedro II.

Na estação tive com o Imperador uma conversa que me desanimou. «A falla do Throno está excellente, repetiu elle varias vezes «Comprida demais, observei-lhe «Não senhor, não tem uma palavra dispensavel. E' preciso reflectir. Tiv. muito prazer em lel-a.» — «Poderia ter adiantado um pouco mais, não ser tão retrograda.» — «Não concordo absolutamente; alli ha muitas medidas apontadas e que são muito progressistas.»

Neste thema e em tom acalorado de quem está se zangando fallou algum tempo. Contrariei-o sempre, respondendo a tudo — «Não gostei, não gostei!»

9) Nenhuma alteração da crise. Suppunham todos o João Alfredo derubado do poder, tanto que circulava o dito «Todos são presidentes do conselho, menos elle. O Correia muito cumprimentado e rodeado.

10) O Senado suspendeu a sessão á espera de explicações de qualquer ministro. A possibilidade da dissolução dada ao João Alfredo poz murcha muita gente, dando grandes esperanças aos governistas. A situação é muito grave, fomentados os odios dos negros contra os antigos escravagistas e vice-versa. Voltei para Petropolis.

12) Encontrando-me com o Imperador na rua Bragança poz-se-me a fallar no Schiavo e disse-me que estaria prompto para fazer montar a peça. «Repare, Senhor, que serão necessarios quarenta contos.» — E elle, todo risonho. «Não com a brécal! isso não! não sou tão rico assim!»

13) Grandes festejos anniversarios da lei n.º 3353 da Abolição da escravidão. Deixei-me ficar em Petropolis tendo aconselhado ao principe D. Pedro que comparecesse ás festas. Estava este receioso de grandes disturbios, tendo recebido uma carta anonyma, ameaçando-o de morte, caso descesse á cidade neste dia. Acredito bem que nada ensanguente aquellas festas, embora haja reunidos bastantes elementos para graves conflictos e desordens.

18) Bonito dia de Petropolis, claro, muito fresco, melancolico. Andei de um lado para outro sem saber o que fazer. Fui ter com o Rebouças no hotel. Voltando á casa achei o volume de Pierre Loti — *Japonerias d'autonne* recambiado pelo imperador, a quem eu o emprestára no dia 30 de abril proximo passado. Vem cheio de indicações a lapis e varias notas bem interessantes. O manuseio indica que o livro foi lido e apreciado com todo o cuidado pagina por pagina e sujeito a assidua leitura.

20) Desci á Côrte, indo ao Senado por causa do discurso de Ouro Preto sobre a questão Loyo. A' noute fui á casa do Innocencio Góes.

24) Escrevi de manhã ao Carlos Gomes e Azevedo Castro, contando a este por miudo as peripecias da crise e a desagradavel situação em que nos achamos. Escrevi nova carta ao Carlos Gomes.

25) A' noute o Rebouças deo-me a noticia da morte do Caio Prado no Ceará.

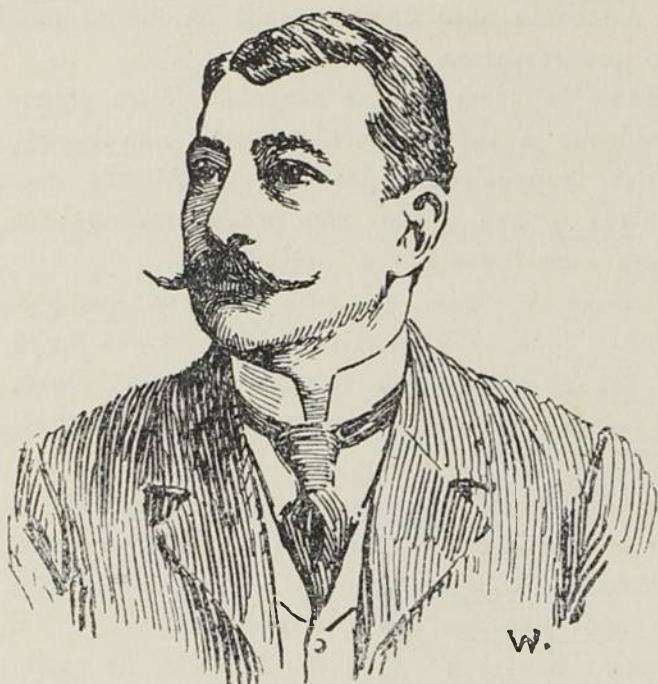
26-27) Desci á Côrte; continu'a a crise.

28) Mesmas condições da vespera. Falleceu o Octaviano a cujo enterro fui.

31) Desci á Côrte. Grande agitação por causa da reunião do Conselho de Estado e imminencia de dissolução.

A' noute no *Jornal do Commercio* soube pelos Dantas do resultado do Conselho de Estado.

# ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



## Aluizio Azevedo

*Fundador da cadeira n. 4. Nasceu na cidade de São Luiz, Estado do Maranhão, a 14 de Abril de 1857 e faleceu em Buenos Ayres a 31 de Janeiro de 1913.*

## Bibliographia

- 1 UMA LAGRIMA DE MULHER — romance original — 242 pgs. Rio, H. Garnier (escripto em 1879) e primeira edição em 1880.
- 2 O MULATO, romance 360 paginas, 4.a edição — Rio, H. Garnier, primeira edição — Maranhão, Typ. do Paiz 1881.
- 3 MYSTERIO DA TIJUCA ou Girandola de amores, romance (nova edição) 413 pags. — Rio, H. Garnier — 1900 — primeira edição 1883 (publicado em folhetins na Folha Nova).
- 4 MEMORIAS DE UM CONDEMNADO ou Condessa Vesper, romance, 468 pgs. (ediç. revista) Rio, H. Garnier — 1902 — primeira edição 1882 (publicado em folhetins na Gazetinha).
- 5 FLOR DE LIZ — opereta 3 actos, 125 pgs. — Domingos de Magalhães, Editor. (Coll. Arthur Azevedo) 1882 (representada no Theatro Sant'Anna).
- 6 O CORUJA, romance, 315 pgs. Rio, B. L. Garnier, 1889.
- 7 O CORTIÇO, romance — 354 pgs. (1.º milheiro) Rio, B. L. Garnier, 1890.
- 8 O HOMEM — romance, 292 pgs. (6.a edição) Rio, H. Garnier — primeira edição 1887.
- 9 CASA DE PENSÃO — romance, 380 pgs. — nova edição — Rio, H. Garnier — 1.a edição 1884 (publicado em folhetins na Folha Nova, 1883).
- 10 A MORTALHA DE ALZIRA — romance — 280 pgs., 1.a edição 1893 — Rio, H. Garnier (nova edição) — (publicado em folhetins na «Gazeta de Notícias» com o pseudonymo de Victor Leal).
- 11 DEMONIOS, contos, 264 pags. — S. Paulo, Teixeira e Irmão, 1893.
- 12 PEGADAS — contos — 197 pags. — Rio, H. Garnier.

- 13 LIVRO DE UMA SOGRA, romance — 341 pags., Rio, Domingos de Magalhães 1895.
- 14 O ESQUELETO — (Misterios da Casa de Bragança) — pseudonymo Victor Leal, 47 pags. — Rio, Typ. «Gazeta Noticias» — 1890.
- 15 O TOIRC NEGRO — (separata da Revista Americana) pags. 21 a 29.
- 16 O MULATO — drama em 3 actos — 1884 (representado no Theatro Recreio Dramatico).
- 17 OS SONHADORES — (Macaquinhas no sotão), comedia em 3 actos — 1887 (representada no Theatro Sant'Anna).
- 18 PHILOMENA BORGES, romance — Rio, Typ. «Gazeta de Noticias», publicado antes em folhetins na «Gazeta de Noticias».
- 19 PHILOMENA BORGES, comedia em 1 acto — 1884 (representada no Theatro Principe Imperial).
- 20 CASA DE ORATES — comedia em 3 actos (collab. Arthur Azevedo) representada no Theatro Sant'Anna em 1882.
- 21 FRITZMACK, revista do anno (coll. Arthur Azevedo) — 1888 representada no Th. Variedades Dramaticas.
- 22 A REPUBLICA — revista do anno (coll. Arthur Azevedo) 1890 (rep. no Th. Variedades Dramaticas).
- 23 VENENOS QUE CURAM, comedia 4 actos (coll. E. Rouède) 1885 (representada no Theatro Lucinda).
- 24 O CABOCLO — drama em 3 actos, (coll. Emilio Rouède) — 1886 (representada no Theatro Lucinda).
- 25 UM CASO DE ADULTERIO — drama em 3 actos (coll. Emilio Rouède) — 1891 (representado no Theatro Lucinda).
- 26 EM FLAGRANTE — comedia 1 acto (coll. E. Rouède) 1891 (representada no Theatro Lucinda).
- 27 OS DOUDOS — comedia em 3 actos, em verso, collaboração de Arthur de Azevedo, (na Revista dos Theatros 1879) (supponho ser *Casa de Orates*).
- 28 AS MINAS DE SALOMÃO — phantasia em 5 actos.
- 29 O INFERNO — phantasia em 3 actos (collaboração com Emilio Rouède).
- 30 A MULHER — drama phantastico em 5 actos.  
A «Vida Moderna» refere-se a um romance — «A filha de Sua Excellencia» — que ia ser publicado em fasciculos.
- Collaborou na *Comedia Popular*, *Mequetrefe*, *O Pensador*, *Pacotilha*, *Revista Americana*: — O toiro negro — *O Album*, *Gazeta Litteraria*: Licção de mestre, ns. 20 e 21 do anno I — *Gazetinha*, *Folha Nova*, *Gazeta de Notícias*, *Semana* e muitos outros. No «Almanack Garnier» (1904) foi publicado um fragmento do livro sobre o Japão: Japonezas e norteamericanas.
- Encontram-se reproduções do seu retrato em *Pégadas*, *Littérature brésilienne* de Victor Orban, *Litteratura brasileira* de V. Magalhães.

## Fontes para o estudo critico

- 1 *Araripe Junior* — Movimento litterario de 1893, pg. 132.
- 2 *José Verissimo* — Estudos de litteratura brasileira — vol. I, pag. 27 e volume V, pagina 200.  
Estudos brasileiros, vol. II, pag. 1.  
Historia da Litteratura brasileira, pag. 354.
- 3 *Clovis Bevilacqua* — Epocas e individualidades, pag. 149.
- 4 *Valentim Magalhães* — Escriptores e escriptos, pag. 75.
- 5 *Valentim Magalhães* — Litteratura brasileira, pag. 22.  
A Noticia (critica litteraria semanal).
- 6 *Adherbal de Carvalho* — O naturalismo no Brasil.
- 7 *Afranio Peixoto* — Lembrança de Aluizio — n. 12 da Revista da Academia.
- 8 *Julio Barbuda* — Littérature brésilienne, pag. 511.
- 9 *Victor Orban* — Litterature Brésiliénne — pagina 511.
- 10 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographic.
- 11 *Eugenio Werneck* — Anthologia brasileira, pag. 77.
- 12 *Benedicto Costa* — Le roman au Brésil.
- 13 *Coelho Netto* — Conquista.
- 14 *Alcides Maya* — Elogio na Academia.
- 15 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 16 *Antonio Salles* — Os nossos academicos (Revista Brasileira (3.a pha-  
se), vol. IX, pag. 342.
- 17 *Garcia Merou* — El Brasil intelectual, pag. 429.
- 18 *Oliveira Lima* — Gazeta, S. Paulo — Outubro 1919.
- 19 *Carlos D. Fernandes* — Jornal do Commercio do Rio (8—10—919).
- 20 *Ronald de Carvalho* — Pequena historia da litteratura brasileira —  
pagina 317.
- 21 *Escragnolle Doria* — Jornal do Commercio do Rio — 17—10—919.

Noticia biographica e subsidios para um  
estudo critico

Na falta de uma biographia do notavel romancista brasileiro, andei respi-  
gando factos e datas, com o fim de apresentar uma ligeira referencia ao  
homem, apanhando elementos caracteristicos das varias phases de sua vida  
afanosa e cheia de abrolhos, pesquisando a sua predisposição artistica e enca-  
rando o meio em que se operou a formação e o desenvolvimento do seu  
espirito.

Nasceu Aluizio de Azevedo, filho de David Gonçalves de Azevedo, na  
cidade de S. Luiz do Maranhão, a 14 de Abril de 1857.

Seu pae era consul portuguez na provincia que já recebera a denominação  
de Athenas Brasileira, e tinha mais dous filhos: Arthur mais idoso, e Americo.

Nada logrei sobre a infancia e educação do autor d'«O Mulato»; sei apenas que luctou dedicando-se á carreira commercial onde conseguiu ser guarda-livros, tirando depois proventos da profissão do magisterio e chegando a ser, em momento critico da vida, gerente de hotel.

Desabrochou-lhe precoce a habilidade para o desenho, pretendendo o adolescente aos 14 annos, dirigir-se a Roma, com o intuito de estudar pintura; mas não conseguiu o consentimento paterno.

Aos 16 annos surgiu-lhe a vocação para a carreira litteraria e começou a collaborar em varios jornaes, produzindo versos e prosa compativeis com a idade. Foi então que iniciou a sua labuta de professor particular, leccionando elementos da lingua portugueza e desenho no collegio Feillon, em São Luiz.

Cedo deixou a província natal, em 1875, com rumo á corte, trazendo as algibeiras vasias e o cerebro cheio de talento. Matriculou-se na Academia de Bellas Artes onde cursou um anno de aula de modelo vivo e aperfeiçoou o estudo de desenho, fazendo-se caricaturista. Essa habilidade lhe serviu para ilustrar a «Comedia popular», «O Figaro», o «Mequetrefe, „A vida fluminense"», o «Zig-zag», o seu romance «O esqueleto» (Mysterios da Casa de Bragança) e para compôr effigies dos personagens dos seus livros, á maneira de Eugenio Sue, no momento em que preparava o desenvolvimento da acção.

Também pintou, com um companheiro, o panno de boca do theatro Gymnasio e parte do scenario da *Petite mariée*, representada no theatro Alcazar.

No seu ultimo anno de permanencia na corte (1877) tentou novamente estudar pintura na Italia requerendo uma pensão á assembléa maranhense que lh'a recusou.

Perdendo o pae, regressou ao Maranhão no anno seguinte e ahi permaneceu até fins de 1881.

Reencetou a vida litteraria, escrevendo contos, poesias e chronicas em varios jornaes.

O seu livro de estreia foi o romance «Uma lagrima de mulher» (1880) escripto um anno antes, nos moldes das novellas de Lamartine e de «Paulo e Virginia». não despertando interesse no meio litterario, por ser de concepção fraca, adstricto aos sediços modelos romanticos e tendo como scenario as ilhas de Lipari.

Antes escrevera uma comedia em verso, em 3 actos, de collaboração com o seu irmão Arthur. Encontra-se na «Revista dos theatros», periodico dedicado á litteratura e arte dramaticas de Arthur Azevedo e A. Lopes Cardozo (n.º 1, Julho de 1879), um fragmento do 1.º acto dessa comedia «Os doudos».

Supponho, a julgar pela semelhança dos titulos e pelas indicações das obras do auctor, tratar-se da mesma comedia «Casa de Orates», representada em 1882 no theatro Sant'Anna.

Só conheço o fragmento acima alludido e a opereta «Flôr de Liz». As outras peças theatraes permanecem ineditas, segundo creio, constando as respectivas datas em que foram escriptas, na parte da bibliographia.

Vê-se que o romancista occupou-se de litteratura theatrical desde 1879 até 1881.

Fara combater os padres do Convento de Santo Antonio que redigiam o jornal catholico «A Civilisação», celebre pela campanha sustentada sobre assuntos diversos, mantendo polemicas de toda sorte, alliou-se o joven escriptor ao dr. Eduardo Ribeiro, fundando um jornal hebdomadario «O Pensador», assignaldo nos annaes da imprensa, devido ao processo sensacional que lhe instaurou o padre José Baptista, apresentando-se Aluizio como responsavel pelo artigo acoimado de injurioso.

Trilhando a senda do jornalismo, fez-se redactor chefe da «Pacotilha» e ahi desenvolveu assombrosa actividade, dedicando-se a todos os generos litterarios, do artigo de fundo á chronica, do romance á poesia, do folhetim á comedia.

Trabalhava com Paula Duarte, João Moraes Rego, Raymundo Capella e outros, adquirindo nesse convivio farta messe de cultura litteraria e tinturas de conhecimentos scientificos e philosophicos.

Diz o snr. Adherbal de Carvalho de quem extraio alguns informes biograficos do autor do «Cortiço», que até essa época a cultura litteraria de Aluizio limitava-se a Chateaubriand, Alphonse Karr, Ponson du Terrail e alguns poetas franceses; a Alexandre Herculano, C. Castello Branco, Julio Diniz, Garret, Castilho, etc. e aos autores brasileiros.

Mais tarde os que mais influiram sobre elle foram Zola e os naturalistas franceses; Eça de Queiroz e os russos.

Em 1881 appareceu «O Mulato», causando verdadeira sensação de sul a norte, recebido encomiasticamente pela critica, excepto no Maranhão onde mais uma vez se confirmou o proverbio frances.

Os aplausos foram unanimes na imprensa da corte e das provincias, sendo o romance louvado por Araripe Junior, Joaquim Serra, Urbano Duarte, Sylvio Romero, Clovis Bevilacqua, Lucio de Mendonça, Valentim Magalhães, Capistrano de Abreu, Raul Pompeia e muitos outros escriptores; e em São Luiz, a despeito das censuras da imprensa, havendo quem aconselhasse o autor a trocar a pena pela enxada, venderam douz mil exemplares do romance em poucos dias.

«O Mulato» desbravou o caminho para a marcha triumphante do naturalismo segundo os processos de Balzac, Zola e Flaubert, assignalando um periodo de transição e desempenhando função analoga ao «Uruguay» de Bazilio da Gama, «Suspiros poeticos» de Gonçalves de Magalhães, aos romances de Teixeira de Souza, á obra de José de Alencar e ás primeiras manifestações dos parrasianos reaccionarios. E' o principal merito do livro accentuar uma phase evolutiva da nossa litteratura, operando verdadeira revolução, alvorada de emancipação do espirito brasileiro.

Não se coaduna com o caracter destes ligeiros escorços o resumo dos entrechos e a apreciação detalhada das obras. Define-se aqui o acervo litterario de cada autor a traços fugitivos, pinceladas de scenographia. Basta que se diga que «O Mulato» é um livro eminentemente nacional, que analysa com fidelidade a vida da provincia, desenha com destaque admiravel os caracteres dos personagens, revolta-se contra o preconceito da cõr e esboça ideias dignas de meditação.

A parte descriptiva é sobria e bem desenhada e a acção se desenvolve de accordo com methodo e propriedade.

A segunda edição foi escoimada de defeitos de estylo.

Após o grande sucesso causado pelo romance, poude o autor regressar ao Rio de Janeiro, para se dedicar exclusivamente á litteratura, escrevendo outros romances, comedias, dramas e collaborando em diversos jornaes.

Os romances immediatos foram: «Memorias de um condemnedo», «Mysterio da Tijuca» e «Philomena Borges», publicados antes em folhetins da *Gazetinha*, *Folha Nova* e *Gazeta de Notícias*, escriptos *à la hâte*, no afan de acudir aos appellos dos redactores principaes e de prover as exigencias da vida prosaica.

Mas esses proprios romances, destituidos de valor compativel com os meritos do autor, representam algum interesse, pois são escriptos com certa arte, propriedade de composição e enredo attrahente.

Segue-se-lhes «A casa de pensão», o melhor livro de Aluizio Azevedo.

Aproveitando-se de um facto sensacional, ocorrido entre douos estudantes da Escola Polytechnica do Rio, o romancista estuda a vida nessas habitações collectivas em que uma familia, geralmente uma viuva, admite na propria casa, como hospedes, estudantes, funcionarios publicos e empregados do commercio, com o intuito de conseguir rendimentos indispensaveis á sua manutenção.

Palpita nas paginas desse livro a verdade flagrante, a justa observação da vida intensa, dos typos de castas distinctas, dos costumes, de tudo. E despertam-nos emoção artistica a leitura das paginas vibrantes, em progressivo interesse por parte do leitor. Harmonisam-se o methodo de observação com as bellezas do estylo, constituindo a verdadeira arte.

Confirmou-se a sua reputação de escriptor, sendo consagrado Aluizio como o melhor romancista da geração, exceptuando-se Machado de Assis entre os intellectuaes.

Appareceu, em 1877, tres annos depois «O homem» que se resente da preoccupação do estudo scientifico, pagando o autor o seu tributo a physiologia e por isso mesmo, produzindo uma obra de artificio. E' a obsessão da escola a que não escaparam Zola, Goncourt, Daudet e Bourget.

Ha passagens do livro que mais se approximam de uma monographia scientifica, de um caso clinico exposto por um psychiatra, do que um trabalho de ficção.

Já não acontece o mesmo a «O Coruja» onde a psychologia dos personagens é feita sem a preoccupação dos diagnosticos clinicos. Os typos de Theobaldo e principalmente do Coruja, são bem estudos e compostos com habilidade e proporção.

«O Cortiço» que podia rivalisar, e na realidade não fica em plano inferior á «Casa de Pensão», apresenta o excesso de scenas cru'as, do realismo mal comprehendido; porquanto pode-se realizar a observação e escrever romance naturalista, sem abordar os themes abjectos e explorar os quadros de alcoice ou lupanar. O autor poderia nos apresentar a galeria de typos da colmeia humana, da *ilha*, como dizem os portuguezes, sem descortinar as scenas indecorosas. Tirante essa feição, o livro é magistral.

Do mesmo anno (1890) é o «Esqueleto», com a sub epigraphe — *Mystérios da Casa de Bragança*. — Foi um mero capricho de Aluizio que recorreu ao seu pseudonymo — Victor Leal — para ter liberdade de escrever o que lhe approuvesse nos folhetins da «Gazeta de Notícias».

Em 1893 apparecem «A mortalha de Alzira» e «Demonios». O romance é uma divagação do auctor que procura distrahir os seus leitores, remontando-os aos tempos idos. Não é uma obra de fancaria, o que se não coaduna com o merito do escriptor; mas é, na phrase do romancista, «um filho que não reconheceu logo... Nasceu fóra do seu casal».

Em «Demonios» ha contos apreciaveis, principalmente *O macaco azul*, impregnado de *humour* e ironia.

O «Livro de uma sogra», 1895, representa um feitio novo. O romancista pretende estudar uma these segundo a qual, para perdurar a felicidade no casamento, é necessário a separação dos conjuges em determinadas situações, afim de se evitar o enfado, o tédio, a repugnancia do marido pela mulher. E para chegar a semelhante conclusão apresenta-nos um caso de uma senhora infeliz no casamento, a qual, procurando salvaguardar a felicidade da filha, impõe ao genro o sacrifício de se submeter ao seu sistema.

A these é falsa e tem a sua refutação na maioria dos casais felizes que celebram as bôdas de prata ou de ouro. Pecca pelo vezo que tem muita gente de generalisar casos particulares.

Valentim Magalhães, ao aparecer o livro, consagrhou-lhe uma critica injusta, censurando o autor de haver plagiado a *Sonata de Kreutzer* de Tolstoï. Essa perversidade desgostou profundamente a Aluizio que, certamente não foi por esse motivo, deixou de escrever.

Jose Verissimo, embora tambem profligasse a these, já de si abalada, fez uma apreciação justa, como quasi sempre lhe acontecia no exercicio meritorio da critica.

Mas pondo de lado o conceito do thema, deve-se exaltar o estylo do escriptor e destacar paginas de mestre.

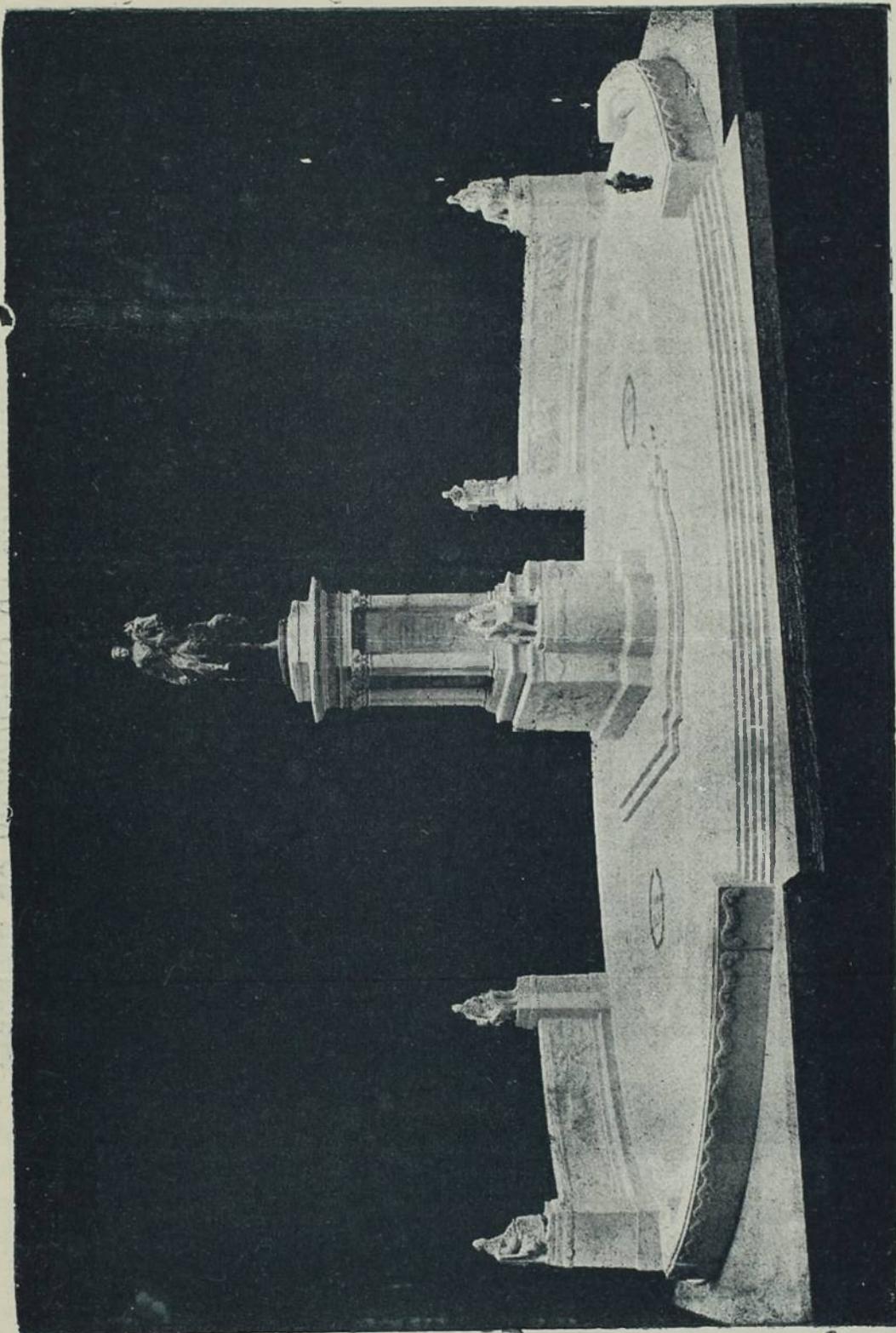
«Pegadas» constituem a reedição dos «Demonios» com suppressões e acrescimos.

Enfastiado do meio litterario, subito tomou a resolução de fazer um concurso para seguir a carreira consular. Preparou-se em direito internacional, com as explicações que lhe deu Graça Aranha, e facil tornou-se-lhe realizar a sua aspiração. Foi nomeado consul brasileiro em Vigo e successivamente removido para o Japão. Cardiff, Napoles e Buenos Ayres, onde faleceu a 31 de Janeiro de 1913.

Depois que se ausentou do Brasil só li um novo trabalho seu — *O toiro negro* — escripto na Hespanha e publicado na *Revista Americana*. No entanto proçalava-se que elle havia preparado um livro contendo as suas impressões da patria de Cervantes, um estudo completo sobre o Japão e concluido um novo romance que definiria a sua ultima orientação.

Graças ao dr. Afranio Peixoto que com elle conversou em Napoles, 13 annos talvez depois de deixar o Brasil, tivemos noticias delle.

Nas confidencias que fez ao autor de «Maria Bonita», soubemos que não

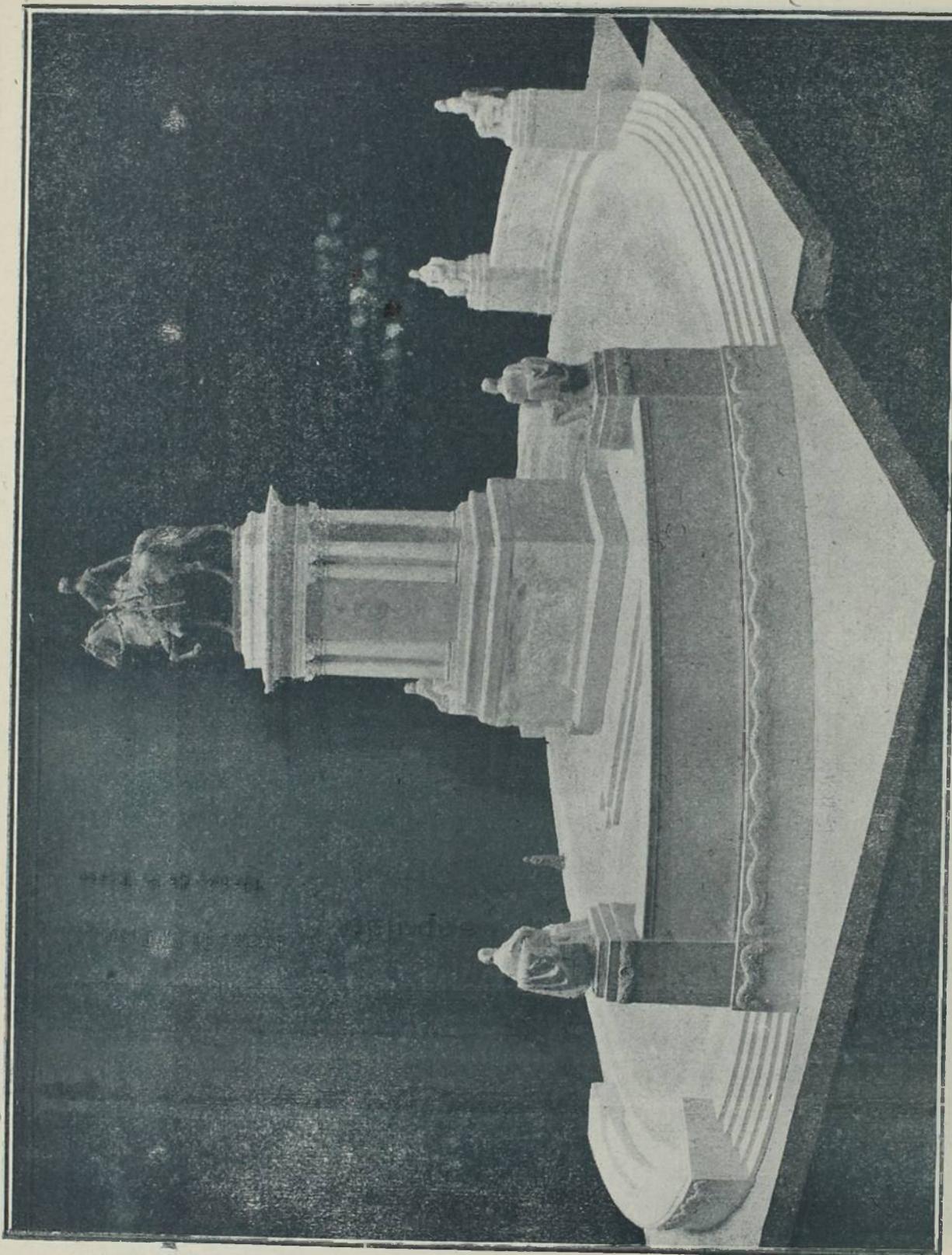


**Maqueta do monumento da Independência**

Projeto de Charles Keck — Vista de frente.

**Maqueta do monumento da Independência**

— Projeto de Charles Keck — Vista posterior.



gostava de «O homem» e apreciava «O Mulato», «Casa de pensão», «O cortiço» e «Coruja».

Aliás já era conhecido o seu plano de artista, concebendo, a exemplo dos *Rougon Macquart* e da *Comédie humaine*, a serie «Brasileiros antigos e modernos», constituída de cinco romances nos moldes da «Casa de pensão»: *O Cortiço*, *A família brasileira*, *O Felizardo*, *A Loureira*, e *Bola Preta*.

Esse plano foi inserto em «A Semana» de Valentim Magalhães e reproduzido no bello elogio que lhe teceu o snr. Alcides Mayra.

Revelou tambem ao dr. Afranio que nunca fôra um bohemio, como o pintor Coelho Netto na *Conquista*. Ao contrario, sempre se manifestara «um burguez ordeiro pacato, que escrevera por necessidade e com um objectivo e que na primeira occasião se introduziu no *pecus* do funcionalismo utilitario».

Creio que Coelho Netto teve razão, si não foi visceralmente um bohemio assumiu a attitude de um *dilettante*.

Transmittiu-lhe as impressões sobre o Japão e revelou-lhe que, com efeito, havia escripto um livro palpítante sobre o paiz asiatico, cuja civilisação distincta da nossa, lhe feriu as retinas de observador perspicaz e arguto. Mas desejava preparar um volume artistico quanto á qualidade do papel, á natureza das gravuras, ao formato e ao aspecto geral.

Destinava para isso mais de uma dezena de contos de réis que representavam a restituição legitima dos seus direitos autoriaes, levada a efeito pelo seu editor.

Esperava o dinheiro para imprimir o livro no Japão, quando recebeu uma carta do seu advogado, comunicando haver deliberado de *motu-proprio* adquirir para Aluizio uma propriedade em Copacabana.

Depois resolveu não imprimir mais o livro, porque o Japão fôra explorado por outros escriptores e devassado ao mundo pela guerra russo-japoneza. (1)

Narra, ainda os seus amores com a Satô, «uma creatura formosa, quasi occidental na sua meuda face morena, mas com a graça tenue e subtil, de recato e simplicidade, das *musumêes* já lendarias.»

E o autor da «Esphinge» luctou em vão para o demover da resolução que tomára de abandonar de vez a litteratura, conseguindo por muita insistência descobrir no intimo do artista o plano acariciado de compôr um novo romance «Seria um conflicto religioso, entre povo simples e rude do interior do Brasil, um desses muitos Antonios Conselheiros que se apossam da alma das multidões sertanejas. Mas seria em grande, pensado e trabalhado, na idéa geral e no meio em que a acção se devia desenvolver.»

Mais tarde em 1911, ao passar pelo Rio de Janeiro com destino a Buenos Ayres, confessou que muita cousa estava prompta e outro tanto em esboço. Era o seu ultimo romance «O Messias».

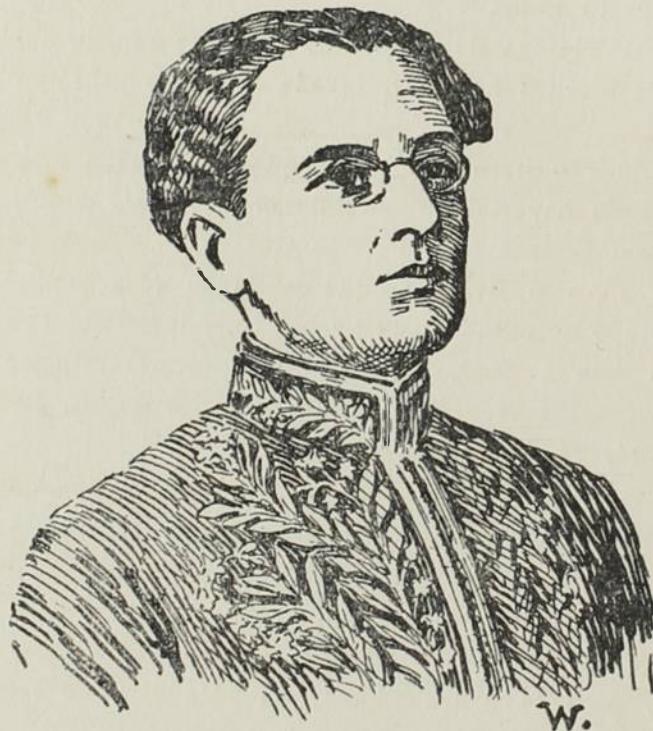
E finou-se o artista antes de concluir o seu canto de cysne.

(1) O *Almanack Gariner* de 1904 publicou um fragmento: — *saponezas e norte-americanas*.

A' Academia que conseguiu trasladar os seus restos mortaes para a Patria amada, incumbe editar as suas obras manuscriptas: as peças theatraes, os livros sobre o Japão e a Hespanha e o romance inacabado.

### Summario para um estudo completo

A precocidade do artista — Instabilidade do seu destino — Primeiras manifestações litterarias — O successo de «O Mulato» — Os seus romances de gênero primitivo — A serie «Brasileiros antigos e modernos» — O folhetinista incerrigivel — Os contos — O livro de uma sogra — Longe da Patria — O homem e o artista — A cultura de seu espirito — Thesouro a descobrir — No tribunal da critica.



### Alcides Maya

*Successor de Aluizio de Azevedo na cadeira n. 4. Nasceu na cidade de S. Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul, a 15 de Outubro de 1878.*

### Bibliographia

- 1 PELO FUTURO — 113 pags. — Porto Alegre, Typ. Franco e Irmão — 1897.
- 2 O RIO GRANDE INDEPENDENTE — 119 pgs., Porto Alegre — Typ. Agencia Litteraria — 1898.
- 3 RUINAS VIVAS, romance gaúcho — 235 pgs. — Porto, Livraria Chardron — 1910.
- 4 TAPERA, contos, 153 pgs., Rio, Livraria Garnier Irmãos — 1911.
- 5 MACHADO DE ASSIS, algumas notas sobre o humour — 161-VIII pgs., Rio, Cas. Editora Jacintho Silva — 1912.

6 CHRONICAS E ENSAIOS — 280 pags. — Porto Alegre, Barcellos Bertaso e Cia. — 1918.

7 ATRAVEZ DA IMPRENSA.

8 O GAUCHO NA LEGENDA E NA HISTORIA.

Aos 18 annos de idade assumiu a direcção d'«A Republica», orgão da dissidencia republicana do Rio Grande; e depois do «Jornal da Manhã». Collaborou por muito tempo no «Correio da Manhã», no «Jornal do Commercio» e em «O Paiz», no tempo de Eduardo Salamonde. Encontram-se reproduções de seu retrato em «Chronicas e ensaios» e «Littérature brésiliennne» de Victor Orban.

Fez varias conferencias literarias, encontrando-se a que pronunciou na S. de Cultura Artistica de S. Paulo (D. Juan) no 2.º volume das «Conferencias» editadas pela referida Sociedade.

### Fontes para o estudo critico

- 1 *Coelho Netto* — Carta na «Tapera».
- 2 *José Verissimo* — Revista Americana — anno III, n. 5-6, pag. 500 e artigo no «Imparcial» sobre o livro «Machado de Assis».
- 3 *Victor Orban* — Littérature brésiliennne, pag. 468.
- 4 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 5 *Carlos Maximiliano* — Prefacio de «Pelo Futuro».
- 6 *Apolinario Porto Alegre* — Prefacio de «O Rio Grande independente».
- 7 *João Ribeiro* — Tapera (appenso ao vol. «Chronicas e ensaios»).
- 8 *Osorio Duque Estrada* — Idem, idem, idem.
- 9 *João do Norte* — Ruinas vivas (idem, idem.)
- 10 *Sylvio Romero* — Artigo a proposito de «Atravez da imprensa», bem como a resposta ao livro sobre Machado de Assis.
- 11 *João do Rio* — Artigo na «Gazeta de Noticias» sobre o livro «Machado de Assis».
- 12 *João Luso* — Tres artigos nas «Dominicaes» do «Jornal do Commercio», sobre «Ruina viva», «Tapera» e «Machado de Assis».
- 13 *Jan Mas y Pi* — na revista «Nosotros», ensaio traduzido por Manuel Gahisto e Phileas Lebesgue para a revista «Les Nouvelles Rubriques», os quaes tambem traduziram a «Tapera» para o francez.
- 14 *Emilio Kemp* — Artigo sobre «Chronicas e ensaios» no «Correio do Povo» de Porto Alegre.
- 15 *João Pinto da Silva* — Vultos no meu caminho.
- 16 *Gilberto Amado* — Chave de Salomão.

### Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

A 15 de Outubro de 1878 nasceu Alcides Maya, na cidade de São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul.

Ignoro inteiramente a sua biographia e só tenho ensejo de me relacionar com o illustre escriptor gau'cho, aos 19 annos de idade, quando publicou o seu livro de estreia «Pelo Futuro», prefaciado pelo snr. Carlos Maximiliano.

Esse opusculo de ensaios é um attestado eloquente do talento e da capacidade de estudo do autor, verdadeiro caso de precocidade litteraria. Os seus primeiros passos no tablado das letras, talvez ainda durante a phase em que estudava na Faculdade de Direito de S. Paulo, reflectem os resultados da leitura intensiva, quando amanhecia «sobre os livros, preso, attrahido, fascinado pela sciencia, philosophia e critica». Foi tão activo o seu trabalho intellectual, que lhe sobreveio a consequencia do *surmenage*: uma enfermidade do systema nervoso, naturalmente.

A despeito do desequilibrio, insistiu em cumprir o programma que se impoz, devorando volumes de Spencer, meditando os conceitos de Letourneau e passando em revistas as varias modalidades da critica, desde La Harpe a Taine, de Sainte Beuve ate Hennequin, sem olvidar o dever de pesquisar o nosso passado e examinar as theorias expostas pelos criticos nacionaes.

Abordou varios programmas interessantes no seu livro de estreia, apontando a vereda a ser trilhada pela mocidade; apreciou com entusiasmo as tentativas dos que desbravam o nosso passado e isolam da trama dos factos um fio tenue de tradição; applaudiu os esforços de se coordenar o nosso *folklore* e procurou estudar as leis do movimento philosophico entre nós.

Lendo um trabalho de Adolpho Caminha, em que o escriptor cearense tentou demonstrar, unicamente pela influencia do clima, a superioridade intellectual dos brasileiros do norte sobre os do sul, insurgiu-se contra o exclusivismo da theoria climaterica e fez uma digressão sobre o thema, invocando o metodo comparativo para derrocar a these da accão mesologica e explicou o phénomeno observado através de outro prisma. Assiste-lhe razão em tal contradicta, pois não se pode explicar um phenomeno social, sempre revestido de complexidade, por uma causa unica ou por alguma theoria isolada.

E, variando de assumpto, abordou o problema do socialismo, volveu a atenção para o movimento litterario do Rio Grande do Sul, desde Porto Alegre até o autor do «Crioulo do pastoreio», apreciou um caso teratologico ou antes de mimetismo poetico e discorreu sobre as funcções da imprensa e da arte perante a civilisação.

Não é este o lugar opportuno para analysar os conceitos emitidos pelo critico e combater as conclusões do doutrinador. Basta accentuar que o livro é de um jovem cujas ideias evoluiram, cujo senso critico muito se desenvolveu para conseguir a feição revelada no ensaio sobre «Machado de Assis».

Ao opusculo promissor de surto mais amplo, sucedeua a dissertação contra as tendencias separatistas, apregoadas por um grupo de paulistas e de rio-grandenses.

E' um pamphleto patriótico «O Rio Grande independente» onde o auctor se insurge contra o vesgo e myope civismo dos que restringem a concepção de pátria ao ambito acanhado em que viram a luz meridiana, substituindo a ideia elevada e dignificante de pátria pela acanhada noção de bairrismo.

Essa scissiparidade sociologica, fazendo surgir as pequenas patrias das grandes, por um phänomeno de endogenese dos nucleos gemmiparos, encontra adeptos entre os que admitem a differenciação fatal, determinada pelo progresso que faz desenvolver uns orgãos (estados no caso vertente), em detimento de outros que se atrophiam. Appellam para os exemplos historicos: o imperio de Alexandre, o mundo dos Romanos, as conquistas de Carlos Magno e o immenso dominio de Napoleão, todas essas vastas aggremiações politicas que se desmembraram. E podem accrescentar os casos recentes da Austria e da Russia. Mas é preciso observar immediatamente que a causa do desequilibrio e da consequente desaggregação não reside na extensão territorial nem na desigualdade de varias provincias ou departamentos do mesmo paiz; mas sim na reacção operada contra o espirito de conquista, reunindo, em torno de um centro forte, povos de raças e linguas diferentes, vencidos e subjugados ao vencedor. Nesse caso o odio permanece latente, perduram os caracteres éthnicoes, as ideias religiosas, os costumes differenciados e, em dado momento, rompe-se o equilibrio mantido por forças ficticias que cessam de actuar ou são excedidas por outras de maior intensidade.

Deve-se encarar o caso da Italia, a unificação do imperio allemão, a união íntima e estreita dos Estados Unidos, da China e do Brasil.

Combatendo essas ideias perniciosas, Alcides Maya apresenta varios argumentos hauridos em nossa historia e obtidos pelo methodo de comparação, fazendo um appello aos seus conterraneos e a todos os brasileiros para que afugentem do espirito semelhantes argumentos fallazes que só contribuirão para a nossa ruina e a formação de pequenos paizes de rivalidade bellicosa.

E' um trabalho meritorio de patriotismo sadio e de excellente raciocinio.

Depois dos dous livros citados, reuniu o escriptor a sua contribuição jornalistica e deu a lumé o livro «Atravez da imprensa» que não consegui ainda obter, e o folheto «O gau'cho na legenda e na historia», de edição exgottada.

No genero de ficção a sua estreia se verificou com o romance de costumes gau'chos, «Ruinas vivas», em 1910. Não podia ser a estreia destituida de interesse, porque o autor já era sobejamente conhecido, no meio litterario do Rio Grande do Sul, como um moço de talento. Accrescia a circumstancia de se tratar de um romance regional, rememorando façanhas dos nossos destemidos patriotas do sul, filiado ao genero a que Sylvio Romero denominou «o meio naturalismo tradicionalista e campesino».

Mas o livro editado em Portugal teve circulo mais amplo de leitores e veio satisfazer uma curiosidade dos que, pouco viajados, só conheciam o gau'cho de José de Alencar.

Infelizmente o romance não correspondeu á espectativa, por estar inçado de longas descripções enfadonhas, abusando o autor do emprego de termos regionaes e, o que é peior, de vocabulos obsoletos, de neologismos dispensaveis, pois que muitos são enxertos, na lingua vernacula, de elementos estranhos.

A despeito dos defeitos de factura e da descontinuidade de accão que pouco interesse desperta, o romance se impõe como um attestado do talento do autor, de sua prodigiosa e exuberante imaginação.

Certo estou de que o romancista se aperfeiçoará, enriquecendo a nossa literatura com outros romances de mais acurado lavor, melhor concebidos e de maior vigor esthetic e emotivo.

E não é preciso dispôr de qualidades de propheta para se formular semelhante vaticinio. Basta lêr o volume de contos «Tapera», tambem de scenarios gau'chos, publicado um anno apôs, em 1911.

«O teu livro é bem nosso, diz-lhe Coelho Netto no prefacio, no assumpto e na linguagem — reçuma seiva e por elle, na abastosa paysagem de campo, o clima, a luz, as vozes, os costumes são nossos. O homem que se nos depara, é o pampeano corajoso e destrô, é o filho da natureza moça, barbara...»

E mais adiante accrescenta:

«Escripto vagarosamente, aos trechos, na campanha, ora á sombra cheirosa da ramada, ou na verde coxilha florida ante a fartura viva dos rebanhos, é novo, é forte como a propria natureza que retrata.»

Venham o «Occaso» e «Nos fogões», romance e livro de contos promettidos, com o mesmo cunho de regionalismo, venham outros mais ornar a nossa literatura tão destituida de adornos e firmar a reputação do romancista dos pampas e /dos bravos gau'chos.

Em livros posteriores o autor não se refere mais aos volumes que, em 1911, dizia, se achavam no prélo, e annuncia: «Contos crioulos» (scenas do campo), «Pampa» (impressões e perfis), «Novos e velhos» (critica litteraria), «Discursos e conferencias», «Lendas do sul», «Alma Barbara» (contos gau'chos) e «Vida e obra de Julio de Castilhos». (1)

O livro que, a meu vêr, constitue até hoje a obra prima de Alcides Maya, é o *ensaio sobre o humour* de Machado de Assis.

No primeiro capitulo passa em revista as definições desse estado psychologico do homem, segundo a concepção dos criticos e esthetas que examinaram a sensibilidade de Cervantes e Sterne, de Rabelais e Swift, de Molière e Thackeray, de Voltaire e M. de Assis.

Desisto do intuito de resumir esse livro admirável que nos traça um perfil animado do notavel autor de Braz Cubas. Semelhante desejo me arrastaria a um dedal de considerações sobre a obra do critico de Machado de Assis,

(1) A' ultima hora tive conhecimento de se acharem no prélo da Livraria Alves, o livro «Prisma» de ensaios de esthetica e de philosophia, na Livraria Globo de Porto Alegre, o volume de contos gau'chos «Alma Barbara», e, em preparo, «Lendas do Sul, folk-lore gau'cho (lendas do periodo colonial, impressões das missões dos jesuítas, lendas hispano-portuguezas e particularmente rio-grandenses.

determinando desenvolvimento incompativel com o caracter destes ligeiros es-  
corços.

Foi esse vigoroso ensaio que abriu as portas da Academia ao auctor de «Tapera». Foi em Setembro de 1913 que se procedeu á eleição para preencher a vaga de Aluizio Azevedo. Inscreveram-se, além de Alcides Maya, Alberto Torres, Almachio Diniz e Virgilio Varzea e só em terceiro escrutinio pôde elle conseguir a maioria absoluta, prescripta pelos estatutos da Academia.

Transposto o limiar do Syllogêo, pronunciou o bello elogio sobre o seu antecessor e proferiu algumas conferencias litterarias no Rio e em São Paulo.

Em 1918 apareceram «Chronicas e ensaios», collectanea de artigos escriptos em «O Paiz» e outros jornaes.

São attestados palpitantes do talento de escol do escriptor rio-grandense e da variada cultura do seu luminoso espirito.

De sua vida practica logrei apenas saber que occupou o logar de bibliothecario do Pedagogium no Rio de Janeiro, sendo ultimamente eleito deputado federal pelo seu estado natal.

A sua vida intellectual se tem exercido principalmente na tribuna e na imprensa politica.

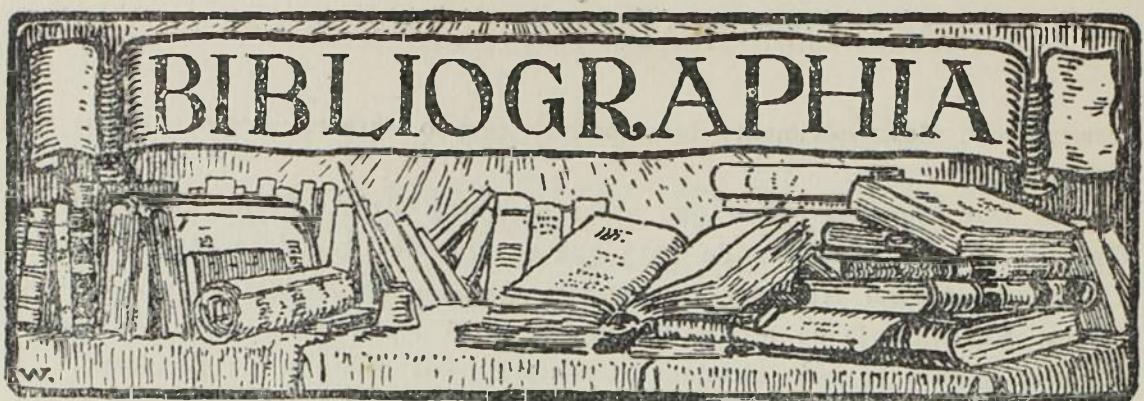
---

### Sumario para um estudo completo

O critico e o publicista — Tendencias separatistas — O tradicionalismo no romance — Paysagista — O movimento litterario no Rio Grande do Sul — Sul e Norte — Ensaio sobre o *humour*.

ARTHUR MOTTA





EM REDOR DA ESCOLA PROFES-  
SIONAL MASCULINA — *Aprigio  
Gonzaga* — «Diario Official» — S.  
Paulo — 1919.

Album onde o professor Aprigio Gonzaga dá notícia completa do que é esse estabelecimento de ensino. A sua leitura e uma consequente visita á escola produzem uma impressão magnifica. A sensação que aquillo dá é de entusiasmo e fé no futuro. Aquelles meninos que batem o ferro, aplainam a madeira, modelam o barro, traçam desenhos ornamentaes — meninos arrancados á vadiagem das ruas — são os obreiros em germe da grande patria futura. Vão elles breve constituir a melhor força propulsora da nossa civilisação. Modestos, humildes, escondidos dentro das officinas, é por mãos delles que se plasmará tudo quanto constitue a grandeza material de um paiz. Nossa mal, concordam-no todos, é o absoluto desapparelhamento technico. Existe a massa immensa dos Gécas em baixo e o bacharelismo por cima. No meio, essa classe operosa de mechanicos, marneciros, decoradores, electricistas, gravadores, etc., as formigas do progresso industrial faltam-nos por completo. Dahí a necessidade de importal-as. Se em S. Paulo a industria pôde alçar-se ao nível em que está, deve-o ao technico estrangeiro importado. Mas importal-os não é solução completa, e não é uma solução nacional. E' mistério fazel-os aqui, educando para isso as nossas creanças.

Gravissimo defeito tem o nosso sistema de instrucção publica. Ensina a ler aos meninos e lança-os na vida, sem nenhum outro apparelhamento. Isso não basta. E' fazer delles parasitas sociaes, incapazes de uma função ef-

ficiente na vida. Vão ser eletores, vão utilizar-se do conhecimento do alfabeto para leituras viciosas, ou ficam toda a vida a aspirar miseraveis empreguinhos publicos, julgando-se decahidos se voltam as vistas para as profissões manuaes. Parece paradoxal isto: a instrucção primaria incompleta, não acompanhada da instrucção profissional complementar, produz mais males do que bens tanto ao paiz como ao individuo. Fórm a um estamento nas baixas classes correspondente ao bacharelismo nas altas. E' o bacharel de poucas letras e sem anel no dêdo, mas tão inutil e nocivo á sociedade como o bacharel de rubim. Entretanto, se ao sahir da escola primaria o menino cursa uma escola profissional, onde adquire um officio, entrará depois para a vida pratica armado em pé de guerra. Assim como é um verdadeiro crime atirar ao combate soldados desprovvidos de armas, é tambem um crime lançar na vida creanças desprovidas das armas do ensino technico. O conhecimento do alfabeto vale como meio e nunca como um fim. Como vae a coisa, no dia em que se acabar com o analfabetismo no Brasil, o paiz irá á garra: ninguem mais trabalhará.

A Escola Profissional Masculina é modelar. Dá um magnifico ensino technico a novecentas creanças, que sem ella viveriam ao léo, sem saber que fazer da instrucção bebita na escola publica, predestinados a engrossar a nuvem dos *faineants* bacharelescos que vegetam á conta e á custa do conhecimento da cartilha: a nuvem dos eletores, dos biscateiros, dos capangas, dos phosphoros politicos, dos literatos de sargeta, dos cafagestes pernósticos, dos encostados, dos poetas casquentos, dos incomprehendidos, dos *ra-*

tés, em summa. Saem dalli artistas feitos, mechanicos de mão cheia, electricistas, desenhistas, pintores, marceneiros, ferreiros, fundidores... Admiravel isto!... Ah! se houvesse na cabeça dos nossos dirigentes um granulo de intelligencia que os fizesse comprehender a vantagem do ensino profissional, escolas como esta não seriam duas ou tres, como hoje, mas centenas, uma centena em cada Estado, duas, tres em cada cidade. Esta, dirigida pelo prof. Aprigio Gonzaga é verdadeiramente modelar e o é porque tem em seu director um apostolo convencido e um espirito de larga envergadura e alta comprehensão, sempre attento aos detalhes minimos do serviço e aos aspectos psychologicos do ensino. Não faz do cargo burocracia e procura não só melhorala com a adopção das conquistas feitas na materia entre os povos estrangeiros, mörtemente os Estados Unidos, como ainda aperfeiçoal-a com modificações indicadas pela sua arguta observação pessoal. Bem haja quem assim trabalha com tanta intelligencia e tanto amor.

—

TEIA DE PENELOPE — *José Ave-lino* — Typ. Popular — Uberabinha — 1919.

Pequena collectanea de ensaios e impressões onde o A. conversa calmamente com os seus leitores, expondo suas idéias e sensações sem exageros de pensamento nem de forma. Destaca-se dentre esses estudos um sobre os conjurados de Villa Rica, muito interessante como visão retrospectiva daquelle curioso periodo em que o furor do fisco portuguez fomentava nas almas bem formadas o ideal da libertação realizado a 7 de setembro.

vor da Academia de Letras. R. de C., cujas qualidades de prosador já conheciamos em artigos de critica estampados nos jornaes, firma-se neste livro, sob nova feição, com o mesmo brilho. Lelo é ver confirmado o que diz no prefacio Medeiros e Albuquerque, quando accentúa que «Ronald tem esta primeira originalidade entre os nossos grandes historiadores da literatura nacional: é o primeiro que sabe escrever. Seu estylo é simples, claro e harmonioso. Diz bem o que quer dizer.» E' isso mesmo. A leitura do seu livro torna-se empolgante como a de uma bôa obra de ficção. Ainda quando o assumpto é arido, o leitor corre por elle sem cansaço, sem decepções, sem «oh! oh!» provocados por inesperadas descahidas. Possue R. de C. o dom da justa medida e o dom da synthese. Penetra no amago das escolas literarias, mostra as suas origens, sua função na época, sua finalidade, seu papel no corpo geral da literatura. Se estuda individuos, opera com a mesma argucia de logica e de psychologia, dando-nos delles uma impressão que satisfaz *in totum*. Dos que anteriormente estudaram nossa literatura um, Roméro, teve o grave defeito de não ser artista e como critico sacrificar muito á tendência aggressiva do seu temperamento; outro, Verissimo, foi um espirito pesado e um tanto incomprehensivo. Roméro irrita muitas vezes e Verissimo é de difficil ingestão. Ronald vem com sua obra, não desbancalos — que cada um exerceu um determinado papel — mas formar ao lado como o representante da justa medida, do equilibrio, da finura e da comprehensão. Podemos, portanto, dizer, hoje, que a historia da literatura brasileira foi escripta finalmente — e superiomente escripta.

PEQUENA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA — *Ronald de Carvalho* — F. Briguiet e Cia. — Rio — 1919.

Até que afinal appareceu uma historia da literatura brasileira que satisfaz plenamente. Poeta de finos quilitates, justamente consagrado pelo lou-

CANAES E LAGOAS — *Octavio Brandão* — Leite Ribeiro e Mau-rillo — Rio — 1919.

Livro que desnorteia. O A. escreveu-o aos vinte annos, e nesta idade, creança ainda, revelou-se um scientistia especialisado em historia natural. Mas, como o seu temperamento não é o

do scientista ao modo classico — frio, impassivel, ponderado sempre — resente-se o scientista da influencia do poeta exaltado que Octavio Brandão na essencia é. Dahi a difficuldade de julgar esta obra, tão fóra dos moldes, tão sem equilibrio, tão irregular. O A. por ella toda está sempre sob alta pressão, excitado, o que dá ao livro um tom geral estranho e imprevisto. A voz do geologo descrevendo o nascimento de uma ilha ou de uma lagôa cede bruscamente á voz do poeta allucinado pela belleza mysteriosa das coisas, ou á voz do sociologo revoltado contra as nossas mazellas. Ha lances do livro em que A. paira no mais altos cimos, mas ha tambem descahidas formidaveis. Dá elle a impressão de um terreno revolto por cataclisma recente, onde se rasgam abysmos ao meio de planuras mansas e onde fumegam fendas vulcanicas ao lado de flores agrestes recem-desabrochadas. Auto didacta, estudou consigo mesmo, no mais acahnado dos meios sociaes e deslumbrou-se. A revelação da sciencia foi-lhe forte demais. Disse Nabuco: «A mocidade é a surpresa da vida». Em Octavio Brandão, os seus vinte annos, á surpresa da vida juntaram a surpresa da sciencia. E elle delirou, arrastado pela violencia desses dois sentimentos, que sua alma de artista-poeta, em perenne erupção, leva ao extremo. A obra que emprehendeu e que expõe num appendice ao livro, é gigantesca. Caso a conclúa com o preciso criterio na parte scientifica e a necessaria medida na parte estheticá, será de facto uma coisa grandiosa.

O livro ora publicado surge como uma primeira pedra do edificio e, apesar de todos os defeitos, — decorrentes de excesso de qualidades — é uma obra digna de nota, merecedora de estudo, porque altamente suggestiva. A primeira suggestão dos «Canaes e Lagôas» é de que estamos em face de qualquer coisa racial, qualquer coisa que excede aos ambitos do individuo e na qual cahoticamente, barbaramente, as dôres da raça e os anceios vagos da terra procuram exprimir-se. «Minha alma é um *bombyx*», diz elle: passa por uma longa metamorphose: com os primeiros

dias de chuva, depõe os ovos — sonhos, visões, pensamentos, fogos fautos do Espírito, lamparinas da Idéia, luzes bruxoleantes na capella-mór da Phantasia. E estes ovos espirituas, pelo decorrer da invernia vão se transformando em larvas, depois em nymphas indecisas, até que um dia, o primeiro dia estival, o primeiro dia de calor, ficam em estado perfeito, em borboletas, em *bombices* que saem voando pelo Azul do Pensamento, em doces, em deliciosas romagens divinas. Mas é um *bombyx* especial: não se grega a sêda irreal — idéas — quando passa do estado de larva ao de *nympha*. Só o faz quando a transfiguração é completa; então, minh'alma inquieta vai tecendo com seu fio de ouro ideal, a cellula ovoide, o casulo magnifico. E' exacto que as vezes o parasita *muscardina* — tristezas, desillusões, desfallecimentos — a invade como uma praga maldicta, mas voltam logo as esperanças, os entusiasmos. Durante os dias de calor, enquanto o infinito fulgura em tons de vitriolo azul, as idéas bailam, vivem voando em redor do meu cerebro como andorinhas em torno de um campanario. Meu crânio, tu és um campanario...

..... Gosto de me estender ao sól como uma *coluber natrix* que adora o calor; mas quando me agito, minh'alma parece uma *cobra dimantina*, fulgurando ao sól como um firmamento cheio de pedrarias astraes que são os meus sonhos, os meus castellos. Durante o inverno minh'alma dorme, entorpecida, como uma velha vibora, uma ran d'agua ou um crotalo, mas durante o verão ella se abre em florações estranhas de sonho, de chimeras, de ideaes. Por isso é que muitas vezes eu digo:

— Minh'alma, tú não és alma; és uma velha cobra cascavel!

Ora, isto é forte. E sobretudo é novo no meio da nossa literatura byzantina, pastichenta e sem nervo. Inumeras paginas ha no livro, assim cheias de uma belleza estranha, de um fulgor inédito, que ás vezes deslumbrá. Escoimasse-o elle das descahidas e este livro seria um dos mais

fortes e bellos da nossa literatura. Muito teríamos ainda que dizer a respeito, mas a estreiteza desta secção não o permite. Concluiremos a noticia resumindo a nossa opinião sincera: apesar de todos os defeitos em materia de pensamento e estylo — falhas inevitaveis numa creança de vinte annos — «Canaes e Lagôas» é uma verdadeira revelação como coisa nova, como meteoro de estranho fulgor que rompeu no céo das nossas letras. Seu A. está ainda em periodo cosmic, em formação. Quando *assentar*, quando crystallisar-se na forma definitiva, escoimando o seu estylo dos defeitos que o afeiam e apurando as qualidades que o embellezam, Octavio Brandão formará ao lado de Euclides da Cunha como magnifico interprete da alma da raça e da alma da terra, conjugando o sábio com poeta, ambos senhores de largo vâo.

**APONTAMENTOS de CHIMICA GERAL**, por *Leonel França*. — Livraria Drummond, Rio de Janeiro.

Livro bem feito e sympathico; verdadeiros apontamentos, nome foi lhe bem dado. Diz no prefacio: «Meu fim não era inicial-los (aos alumnos) nos segredos dos laboratorios. Mais adiante: «Nestes *apontamentos*, portanto, encontrarão os estudantes as prelecções do mestre, sem perderem tempo com a organização de notas e postillas quasi sempre incompletas ou inexatas.» Estes topicos apresentam o livro, que é claro, conciso e resumido o quanto um livro de chimica pôde sér. Presta-se para *colla* como quasi todos os «organizados de acordo com os programmas officiaes», presta-se melhor para os alumnos decorarem definições para conquistarem nos exames estrondosas distincções, sem terem comprehendido o que pagueiaram.

Estudar chimica sem laboratorio é o mesmo que estudar bactereologia sem microscopio. Poupar ao alumno o trabalho de tomar notas é incitar-los a decorar meia duzia de pontos nas vesperas dos exames.

Na chimica, como em todas as sci-

encias positivas, a habilidade e o recurso de occasião nada valem, e, essa é a razão de ser uma das sciencias mais ignoradas neste paiz onde a maioria dos que seguem um curso qualquer só aspiram a ser *doutores por anelamento*. Todos os livros para uso dos preparatorianos e candidatos ás escolas superiores são prejudiciaes, são livros de industria, são auxiliares para «passar» no exame. O professor é o livro e o caderno de notas é o dicionario do principiante, como o livro de consulta é o livro do mestre.

Os «Apontamentos» do professor Leonel França, no genero, são explendidas; decorando as suas 117 paginas, qualquer menino poderá *formar-se* em chimica em qualquer escola onde vigore o sistema de julgar o que o examinando sabe pelo que responde nos exames, dentro dos absurdos programmas officiaes.

**FLUCTUANTES — *Francisco Gaspar***

— Casa Vanorden — São Paulo  
— 1916.

Aqui está um poeta que merecia ser mais conhecido. Autor de tres livros de versos, incluindo o de que se trata, em que elle lamuria as suas dôres ou exalta as suas divas, cantando os seus amores, admira o povo não lhe haja recompensado o esforço, pois que os seus poemas são tão ao sabor e á feição da philosophia popular. Ahi vae a prova:

**SABES QUEM E'?**

Vês aquella menina tão galante  
Que tem a cabelleira flava e rica?  
E' tão formosa qual Beatriz de Dante.  
Sabes quem é? Nosica.

Como é gentil! Com que desembaraço  
Ella fala; com que donaire fica...  
E' bella, sim, como Eleonor de Tasso.  
Sabes quem é? Nosica.

Ora numa terra em que Catullo Cearense commove os criticos, porque encarna a alma eminentemente popular, é injusto que o nome de Francisco Gaspar seja esquecido.

PENUMBRA — *Paulo Corrêa Lopes*  
— Off. d'«O Estado de São Paulo»  
— 1919.

O A. deste livrinho de versos deve ser bem moço. Ha uma tal indecisão nos seus pensamentos e uma sensação tão repugnante pela idéa da morte que só se sente na casa dos vinte annos, em que o grande Euclides da Cunha adivinhava «uma velhice tragic». E a tristeza que essa velhice lhe passa á alma é tão forte que elle a extravasa ao papel em lamurias que lembram a teimosia lacinante de Leopardi. Deve ser muito moço e por isso a sua *plaquette* de estréa — 43 paginas ao todo — serve apenas de indice que entreluz a possibilidade de que o A. venha a ser alguma cousa no meio do enxame poetico nacional.

ALMA DOLOROSA — *José de Figueiredo Sobral Junior* — Off. d'«O Estado de S. Paulo» — 1919.

A primeira cousa que nós aconselharmos a este novel poeta é a encurtar o nome. Isso entra por muito na formação da celebridade. Assim fizeram todos os grandes.

O divino Olavo, como todo o mundo sabe, chamava-se Olavo Braz Martins de Guimarães Bilac, que elle transformou em Olavo Bilac *tout court*. E' mais elegante, mais poetico e menos... fatigante. Demais nisso não andaria mal o A. que, apesar de estrear auspiciosamente, mostra inda nos seus a forte impressão que lhe causam os versos do Principe dos Poetas do Brasil, imitando-lhe a maneira. E' verdade que nesse ponto o A. não está só: ha actualmente, no paiz, a doença da imitação do extraordinario vate que soube inspirar tamanhas adorações. Mas isto passa, «*c'est une mode*» e ficarão na literatura somente aquelles que se afirmam como personalidades inconfundiveis... Certo, fugir á imitação não quer dizer cahir no exotico como neste verso do A.: «O reflexo do sol, tristonho e purulento...»

Incontestavelmente o A. exagera. «Reflexo de sol purulento» não lembraria a ninguem.

FOLHAS DE OUTOMNO — *José de Castro Lugreca* — Typ. Piratininga — São Paulo — 1919.

Este livro de versos apresenta-se com um prefacio excessivo. Entre outras cousas, diz o prefaciante que «o A. culminará entre a legião que forma a poetala nacional».

«Poetalha» lembra «gentalha» e isso predispõe mal para com o estreante.

Depois o titulo do livro não condiz com o cliché do A. que vem no começo. E' um moço espadaúdo e forte, como um symbolo de saude. Então, porque *Folhas de Outomno*? Os seus versos, porem, denunciam a existencia de um lyrico a mais em nosso paiz, um lyrico cheio de nostalgias pela sua terra natal, um melancolico sem grandes revoltas. O presente trabalho promette. E' verdade que as suas 70 paginas não dão grande margem para ajuizar do que poderá ser o autor. E o mistér de propheta não está nos moldes desta revista. Mas parece-nos que si o A. continuar (conselho inutil e quasi tolo: qual é o poeta, no Brasil, que não continua?) ainda se tornará alguém em nosso microcosmo literario.

PATRIA — *Nuto e Leopoldo Sant'Anna* — Typ. Piratininga — São Paulo — 1919.

Não se trata apenas de uma obra de arte. Como se declara no introito, são versos do festejado literato sr. Nuto Sant'Anna, paraphraseados pelo distincto jornalista professor Leopoldo Sant'Anna. E' tambem, assim, uma obra didactica que visa um duplo fim: o ensino da educação civica, pois a maioria das poesias se referem a datas historicas e a grandes vultos da nossa formação nacional, e ao mesmo tempo o ensino da difficil arte de recitar.

Os A. conseguiram fazer obra de valor, attingindo plenamente os fins colimados. Cabe ao professorado, agora, em cujo meio o livro cai como ouro sobre azul, não deixar morrer esteril essa iniciativa e incitar os A. A. a que continuem. Sendo esse ramo tão pobre de obras, é mistér

não perder essas aptidões e fazel-as produzir o maximo, para bem da nossa infancia.

VIDA OBSCURA — *Lucidio de Freitas* — Imprensa Official — Belém do Pará — 1917.

O A. estreou, em 1912, com um volume de versos, de colaboração com Alcides de Freitas, e foi magnificamente recebido, especialmente pela critica da Capital Federal. «Vida Obscura» vem confirmar o valor do joven poeta, apezar do clichê e da indicação do logar e data do nascimento, néo-forma de vaidade muito nacional e escandalosamente *rastacuera*. A philosophia toda do livro inspira-se na moral da velha fabula de Florian, «Le Grillou» e está contida nesta estrophe final da poesia inicial:

«Que a vida, para ser feliz e bôa,  
Precisa ser humilde e obscura quase  
Como esta tarde fria  
Envolta em cinza e gaze;  
Vida sem ambições, sem revoltas, sem  
gloria,  
Sem desejos febris, sem claridade;  
Vida humilde e obscura;  
Vida vivida apenas na memoria  
De uma grande Saudade  
Que na propria Saudade se enclausura...»

Entre as poesias de que se compõe o volume, ha uma que se destaca como uma verdadeira joia: «Pela Volupia da Tarde». Apezar de muitas repetições de diversas palavras, como *volupia*, *poente*, *por-do-sol*, ella tem essa delicadeza emocional que friza um artista.

VESPERAES — *Noraldino Lima* (da Academia Mineira de Letras) — Imprensa Official — Bello Horizonte — 1919.

Não é sum novo este. Membro já de um cenaculo regional, ha bem annos que labuta no agro e tormentoso campo da arte, onde representa com brilho a moderna geração mineira. *Vesperaes* mostra-nos que o seu autor attingiu a uma serenidade por que muitos anceiam e mui poucos conse-

guem. O seu verso é limpido, cantante, sonoro, cheio de uma extraña musica que prende, sem arrebiques e sem rebuscamientos. Não tem muito fundo. Mas as profundezas nunca foram o reino dos poetas, que amam os vôos do condor e passam ao de cima e ao de leve das cousas terrenas. Já Raymundo Corrêa gostava de subir para onde «estruge a alleluia das espheras». Demais o proprio ao poeta é o cantar. E elle o diz bem neste terceto:

«Sou feliz e a ventura é inimiga do poeta...  
Guardo, pois, como o cysne, ó musa predilecta,  
O meu canto de amor, para morrer cantando...»

JUCA MULATO — (2.a edição) — *Menotti del Picchia* — Typ. Ideal — São Paulo — 1919.

O melhor elogio que se poderá fazer a este bello poema é verificar que já está na segunda edição. De facto, muito mais alto que os louvores incondicionaes de que foi alvo o A. ao publicalo, louvores copiosos tanto na imprensa indigena como na de Portugal, muito mais alto fala esse acontecimento, quasi inedito, de uma obra de um «novo» chegar tão depressa á segunda edição, sendo de mais a mais um poema. Para vencer a inercia e a apathia do nosso publico leitor, só mesmo quando a obra vem revestida de taes predicados e de taes qualidades que se impõe victoriosa á consciencia de nossos conterraneos. Depois disso não é preciso dizer mais que Menotti del Picchia é um nome feito no paiz.

TERRA CONVALESCENTE — *Man-sueto Bernardi* — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1919.

Este é dos poucos felizes que têm a dita de estrear, revelando-se. *Terra convalescente* é o livro de um artista que não ensaiou para vencer, vem feito. Traz tal sainete individual, tal *quid* de quem é personalidade á parte do commum que logo ás pri-

meiras reconhece-se que elle é de alta ralé. Antes que tudo, o livro denuncia um pensador e é elle mesmo o fructo de uma tremenda crise psychologica porque passou o A., crise que terminou com a victoria da vida. O natural pendor das almas moças pelo pessimismo foi vencido e o A. conta-nol-o em *Benção*:

«Bem-dita sejas tu  
que me ensinaste a ver,  
atravez de outro prisma,  
o lado bom da Vida!»

«Bem-dita sejas tu  
que em minha alma abatida  
a ansia, de novo, ateaste  
infinda de viver!»

O volume esta dividido em quatro partes: *Umbra*, *Lux*, *Terra convacente* e *Exaltação* e todas elles pontilhadas de pequenos diamantes, que são as quadrinhas em que o A. é primoroso. Ouçam *Teu corpo*:

«Supor que teu corpo veio  
do mar, não é idéa louca:  
tens ainda espuma no seio  
e coraes inda na bôca...»

No *Supremo louvor*:

«Mil perigos, como um forte,  
já neste mundo venci.  
Não tenho medo da morte,  
mas tremo diante de ti.»

Ou em *Pulvis*:

«Sem excepção de nenhum,  
todos do pó maldizemos.  
Será porque nele vemos  
a nossa imagem comum?»

E' nos impossivel citar tudo. Mas merecem especial destaque os deliciosos sonetos *Na sombra* e *Silencio verde*, as poesias *A ultima rosa*, o poema *Serra convalescente*, e a poesia final *Exaltação* em que faz a profissão de fé. Sendo, após a crise, descoberto na vida «o lado bom», elle comprehende-o pela exaltação, que

«é a chamma que do poeta se apodera

e que lhe acende e alteia o ámago  
e a voz.  
E' o momento apollineo, a primavera  
a florir e a cantar dentro de nós.

São as trevas da noite, que se vão.  
— Todo o Universo esplende. Nasce  
o dia —  
A ventura suprema que seria  
viver numa continua exaltação.»

NIVEIS MENTAIS DE CREANÇAS  
PORTUGUEZAS — *Luiza e Antonio Sergio* — Renascença Portuguesa — Porto — 1919.

Os A. A. apresentam neste livrinho uma contribuição para o estabelecimento de uma escala de pontos dos níveis mentais das crianças portuguezas e tenta assim determinar por numeros a capacidade mental dessas crianças. E' um livrinho que mette inveja, especialmente ao nosso Estado, porque mostra a que ponto de desenvolvimento já chegou em Portugal, a Pedagogia e porque revela a competencia de seus cultores e o amor com que se dedicam aos grandes problemas infantis. Os A. A. abrem o livro estudando primeiro o methodo que Binet, o incansavel pedagogo, usou, em França, e após uma critica bem fundada e argumentada, apresentam *tests* seus, explicando-lhes o alcance e o modo de emprego, para que surtam o desejado effeito.

DISCURSOS — *Ossis Soares* — Imprensa Official — Parahyba — 1919.

O dramaturgo da «Barreira» apparece neste livro com uma feição nova.

Habituados já estavamos a admirar o escriptor nortista nos seus dramas, a que soube imprimir um cunho de forte originalidade. Agora, como a mostrar a multiplicidade de seu talento e a lhe fazer resplandecer as facetas, eis-o aqui enfeixando num livro discursos que pronunciou na Parahyba e no Recife. São elles, ao todo, quatro: *Vidal de Negreiros, Nacionalismo, Aristides Lobo e Festa Academica*.

Apezar de terem sido pronunciados em sessões solemnes, o que os jungia a certas regras e praxes que seria *shocking* quebrar, elles mostram bem nitidamente o valor de quem os disse. O primeiro, sobretudo, estudando a personalidade do heroico insurreto parahybano, na guerra hollandeza, é uma peça notável pela sobriedade attica do estylo, pela justeza dos conceitos, peso acerto das criticas e pela graça que nella toda refulge. Sente-se que é uma glorificação, mas, no culto que vota ao grande conterraneo, o A. não faz simples declamação, faz analyse da bôa, de quem sabe medir e julgar. E' um bello livro, enfim.

POEMAS DO SONHO E DA IRO-  
NIA — *Arnaldo Damasceno Vieira*  
— Typ. dos Tribunaes — Rio de  
Janeiro — 1919.

Arnaldo Damasceno Vieira é um nome feito na poesia nacional, que enriqueceu com tres livros de versos: «Constellações», «Balladas e Poemas» e com este de agora. Senhor de uma technica desembaraçada o verso não tem para elle segredos, são correntios, bem lavrados, cheios de côn e de fulgurações. E' um poeta de idéas, como se vê neste soneto, *A guerra*:

«Verá seu fim mais tarde... Quando  
a Terra,  
Desenta e fria, pelo céo vagar.  
Então, talvez, desapareça a Guerra,  
Por não haver ninguem para lutar.  
Proseguirá, porém de terra em terra,  
De planeta em planeta, sem parar:  
Não morre o Monstro, apenas se  
desterra  
No infinito sistema intesolar...  
Arfando as rubras azas impacientes,  
De pouso em pouso, ha de alcançar,  
emfim,  
Os limites dos mundos transcendentos.  
E, quando o orbe tocar ao fim do  
Fim,  
Ao restarem só dois sobreviventes,  
Um delles será Abel, o outro, Caim.»

Como a maioria dos nossos poetas, é um subjectivista; analysa as suas dôres mais reconditas, procurando traduzir todos os estados d'alma. E o

consegue superiormente.

PROBLEMAS DE DIREITO PUBLI-  
CO — *A. de Sampaio Doria* —  
Typ. Piratininga — S. Paulo, 1919.

Se todos os candidatos a cadeiras de ensino superior conseguissem apresentar-se ao publico com uma demonstração categorica do seu valor mental igual a esta, nossas academias readquiririam o prestigio antigo e o fulgor que já tiveram *in illo tempore*. Sampaio Doria, uma das figuras mais brilhantes do nosso professorado, suoscreve-a e com ella se apresenta ao concurso de lente de Direito Constitucional e Internacional Publico e Privado na Faculdade de Direito de S. Paulo. O livro estuda o Estado e a sua emanacão, a soberania. Abre-o um resumo da doutrina de Rousseau verdadeiramente magistral. Em apenas 37 paginas o A. faz a synthese completa da obra de Rousseau, conseguindo conservar a medida, o equilibrio, o rigor de logica e a elegancia de estylo, que fizeram do Contracto Social uma fascinante força propulsora da humanidade. Lendo-o, tem-se a impressão nítida do porque do successo de Rousseau. Bastariam estas paginas para notabilisar o livro do sr. Doria, tal a pericia com que as architectou. Mas não ficou elle nisso. Depois de fazer a critica do Contracto Social, estuda com a mesma superioridade a concepção de Bluntschli, a do direito divino — conseguindo aqui pôr a questão nos seus verdadeiros termos —, a concepção realista e positiva e tambem a de Duguit. Analysa-as e critica-as uma por uma com alto descortino e finalmente expõe idéas pessoaes a respeito — um eccletismo notável pelo equilibrio do pensamento, pela clareza e sobretudo pela força da logica. O sr. Doria é sobretudo um logico de alta envergadura. Mette as idéas nas retortas dos Bain e dos Mill e analysa-as a fundo. Não lhe escapa uma só feição dos problemas e sabe arrastar o espirito do leitor com encanto até as conclusões finaes, concisas e claras como as de um mestre que é.



# Resenha do Mez

## VIDA NACIONAL

### De 15 a 15

Novembro, 16 — Inaugurou-se em Amparo a Exposição Paulista de Animas.

17 — Realisaram-se no Piauhy as eleições para a Assembléa Legislativa.

19 — Falleceu no Rio o jurisconsulto Ribeiro de Almeida, ministro aposentado do Supremo Tribunal.

20 — Por convenção popular foi escolhido o sr. Paulo Fontes para candidato de oposição á presidencia da Bahia.

21 — No Piauhy a secca continua horrivel.

24 — A Academia de Letras, por 16 votos contra 7, resolveu declarar sem efeito todas as suas deliberações sobre orthographia, mantendo o *stato quo* anterior.

25 — O governo do Paraná tomou por emprestimo um milhão de francos para pagamento do coupon de dívida externa a vencer-se em Abril de 1920.

26 — Foi recebido na Academia de Letras o sr. Helio Lobo, na vaga de Souza Bandeira.

30 — Foi recebido na Academia de Medicina Nacional o prof. Pacifico Pereira.

Dezembro, 1 — O conselheiro Ruy Barbosa inicia uma excursão de propaganda cívica pelo interior da Bahia.

2 — Chegam a S. Paulo os professores suecos contractados pelo governo paulista para dirigirem a educação physica nas escolas publicas.

8 — Falleceu em Porto Alegre o general Salvador Pinheiro Machado.

9 — As Camaras Municipaes paulistas representaram ao presidente da Republica pedindo a fixação da taxa do cambio.

10 — Apparece em Porto Alegre o novo diario «Sul-Jornal».

11 — Deram-se graves desordens em S. Salvador da Bahia.

12 — O presidente de S. Paulo partiu para Curitiba para assignar o tratado de paz com o Paraná.

15 — Foi inaugurada na Bahia a Primeira Exposição Estadoal do Milho.

...

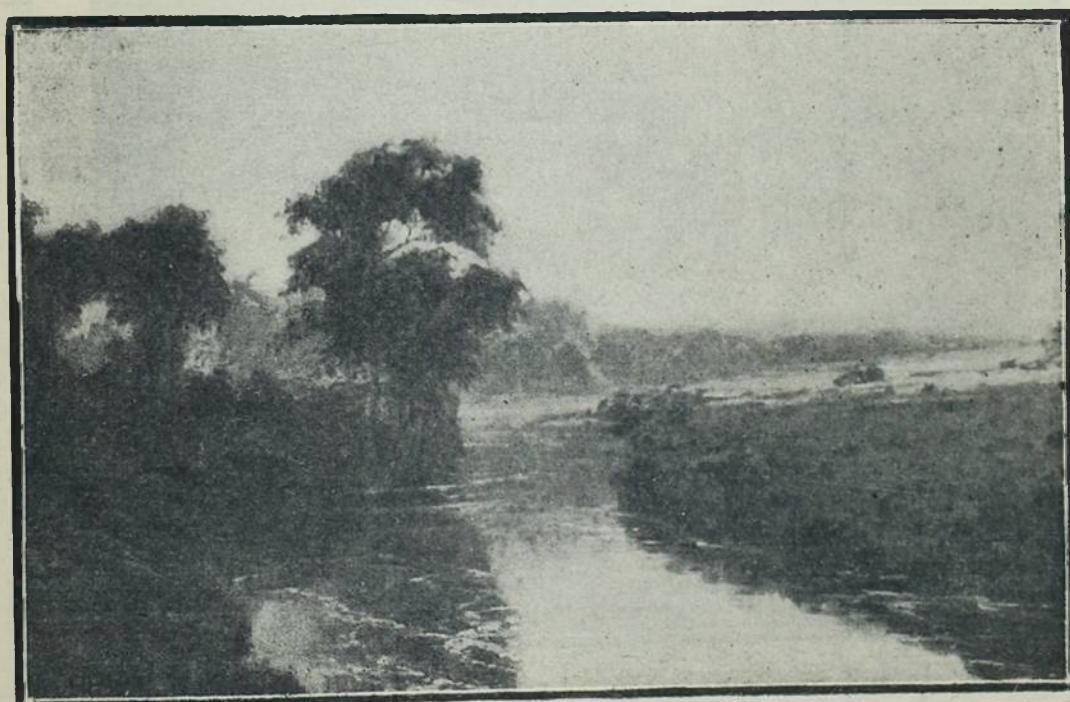
## Nota mineira

SEPARATISMO REAL E IMAGINARIO — Andou ha pouco a imprensa cheia de referencias assustadoras a um movimento do Triangulo Mineiro no sentido de tornar-se independente do palacio da Liberdade. A cousa, ao que parece, não foi mais do que um arufo de politiquilhos descontentes. Verade seja que as administrações mineiras nem sempre se mostraram lá muito prodigas em encaminhar para essa zona o providencialissimo maná de seus favores. Semelhante escassez, porém, não bastava a justificar ameaças de desquite, mesmo porque muitos dos melhoramentos almejados dependem das boas graças do Governo Federal, cujas cornucopias não chegam para a chuva de ouro do nordeste....

## EXPOSIÇÃO CAMPOS AYRES



“Rio Batalha”



“Manhã de inverno”

Quadros a óleo de Campos Ayres.

EXPOSIÇÃO CAMPOS AYRES



“Rio Pinheiros”

Óleo de C. Ayres.

Cifrou-se ao cabo em pequena arrelia de meia duzia, fragorosamente amplificada pelas gazetas, o annunciado fraccionamento cosmic da estrella brilhante do Sul. Ha, todavia, no mesmo Triangulo Mineiro, assim como em outros pontos do Brasil, graves manifestações de um pheno-meno realmente desintegrador, não de uma dada organisação federativa, senão da propria essencia da nossa nacionalidade. Consiste elle na crescente entrada de japonezes para essa região do grande Estado central. Ahi está um temerosissimo perigo contra o qual são poucos os mais energicos alexiteiros de que possa o poder publico lançar mão para a defesa da nossa unidade nacional. Porque está sobejamente provado — e a experencia dos Estados Unidos que o diga — que esses aino-mongolicos não se deixam assimilar. Dizia ha tempos um publicista, com judicioso pensamento, que a America do Norte, máo grado a sua quasi irresistivel força de absorção, não vingará até hoje extrahir do imigrante japonez mais do que um puro.... japonez. E ahi está porque o governo de Washington repugnou á adopção do principio da egualdade das raças. Bem sabia elle o que estava escripto atraç desse pomposo oitenta-e-novismo (passe lá para cousta tão feia o feissimo neologismo) era nem mais nem menos do que uma ironica arremetida da dissolvente expansão nipponica.....

Vão longe os tempos em que a propria existencia de uma vaga ilha de Cipango mais parecia cousa de lenda, do que realidade verificavel. Hoje as mais poderosas nações não podem occultar a sua apprehensão ante a soberbissima ameaça do conde Okouma: «Dia virá, diz elle, em que, em pleno seculo XX, o Japão ha de esbarrar o altivo Occidente e arrebatar-lhe o imperio do mundo.»

Desçamos, porém, de tão altos paramos internacionaes para a nossa gleba mineira. Não haveria um meio de recusar a esses emissarios do Sol Le-vante os auxílios e subvenções com que os quinhôa o governo? Não é que nos inspire o menor receio essa megalomania imperialista dos dignatarios da or-

dem do Chrysanthemo, — senão que havemos mister impedir que se formem no seio do nosso organismo nacional verdadeiros conglomerados irreductiveis e separatistas. Desfaçam-se em fumo os moinhos de vento de Uberaba. Fique, porém, de pé, a interpellar o patriotismo dos nossos dirigentes, o tenacissimo Adamastor expedido pelo Extremo Oriente para difficultar a rota ascencional da nossa nacionalidade.

### Alvares de Azevedo

A *Revista do Brasil* ao dar inicio á publicação do trabalho do dr. Arthur Motta sobre a bibliographia dos patronos e ocupantes das cadeiras da Academia Brasileira de Letras, com o intuito louvavel de fazer o quanto possivel, obra perfeita, appellou para seus leitores, para que «façam chegar ao seu conhecimento as lacunas e erros» que acaso verifiquem. Bem avisada andou a *Revista*. Obra de tanta monta, em terra de poucos estudos, sómente a completaria sosinho, novo Hercules.

Na leitura que fizemos do ultimo numero que estampa as especies relativas a Alvares de Azevedo, algumas observações nos ocorreram.

Assim, a primeira edição, em dois volumes, 1853-55, é do Laemmert, Rio de Janeiro. Em 1861 o Garnier adquiriu a propriedade literaria por 5 contos, e deu a segunda edição em 1862, Paris, 3 volumes. A quarta edição, na advertencia, traz promessa auspiciosa: «Orna a presente edição o retrato do autor com o fac-simile de sua assignatura.» Retrato e assignatura porém, ainda não apareceram, correndo hoje a 7.a edição.

Na lista das obras, sob os numeros 6 e 7, são citados como ineditos *D. Diniz ou a Bengaleida*, poema, e *Os Jesuitas de casaca e cartola*, a imitação em verso do 5.º acto do *Othelo* e a tradução iniciada da *Parisina* de lord Byron. Noutro logar, com mais espaço, diremos a respeito dos ineditos de Alvares de Azevedo. Em carta a seus amigos, referiu de facto, o poeta estar compondo a imitação

do *Othelo* e a tradução da *Parisina*. Não torna porém, a alludir a tais trabalhos, e se chegou a realisal-os, devem ter se perdido. Quanto ao poema a *Bengaleida* e aos versos *Os Jesuitas de casaca e cartola*, a única noticia que existe é a que colheu Sacramento Blake, dizendo que em 1887 viu o livreiro Serafim J. Alves annunciar a sua edição, juntamente com uma edição da *Noite na Taverna* que não apareceu. Vê-se pois que a fonte é bem pouco segura, para que aceitemos a informação.

«Collaborou nos *Ensaios Litterarios*, jornal academico de S. Paulo.» A. Motta, logar citado, apud S. Blake. Realmente, o numero de Agosto .... (1852) dos *Ensaios litterarios do Atheneu Paulistano* dando noticia do falecimento do poeta, lamenta a perda de «um dos mais distintos e zelosos collaboradores». Entretanto não se sabe, á mingua de exemplares, que produções viram a luz nesse jornal, bem como na *Revista Mensal do Ensaio Philosophico*, orgão da sociedade do mesmo nome, de que foi fundador; o 1.º n.º apareceu em Março de 1851. Só podia ter collaborado na 1.ª serie, da qual nenhuma folha se conhece.

Confessamos desconhecer os retratos publicados na *Lyra Popular* e na Litteratura brasileira de Victor Orban; Jacyntho Ribeiro na *Chronologia Paulista* tambem traz o seu retrato. Em regra geral (a que não escapou o desenho de Wasth Rodrigues) são bem pouco felizes. Os melhores são o da Faculdade de Direito, copia a óleo da tela de Krumoltz, que viu o poeta no leito de morte; e outro feito em Pariz, dum daguerreotypo tirado aos 18 annos. Este ultimo é inedito.

A's *Fontes para o estudo critico* accrescente-se:

Annaes da Academia philosophica— Rio de Janeiro-185..., n.º 2, pag. 56.

— Parnaso Academico Paulistano — Paulo do Valle — S. Paulo-1881.

— Manual de Litteratura — Dr. Joaquim de Paula Souza, cit. pelo anterior.

— Alvares de Azevedo ou Amores da mocidade, drama em 3 actos, pelo dr. Joaquim de Paula Souza, 1870,

typ. do «Correio Paulistano». Sacramento Blake cita este drama, accrescentando que contem allusão a certos amores de Alvares de Azevedo. Não existe allusão alguma. Destacaremos do prefacio — o drama é mediocre— estes periodos: «Alvares de Azevedo representa bem a mocidade do Brasil... Tirae o verniz do prazer, encontraeis o cerne de melancolia que é todo seu interior.» pag. 10.

— Alvares de Azevedo-José Vicente de Azevedo Sobrinho, Outubro de..... 1901, republicado no *Estadinho* — Abril de 1916. Vê-se ahi que um dos pugnadores da idéa de erguer uma herma a Alvares de Azevedo foi o autor dos *Urupês*. Assim começa o artigo de 1901: «Em carta que me dirigi o academico José Bento Monteiro Lobato...»

— Alvares de Azevedo — conferencia — Spencer Vampré — «Gazeta» — 11 e 12 de Maio de 1917.

— Mocidade e poesia — conferencia — Alfredo Pujol — «Estado de S. Paulo», 13 de Outubro de 1906.

— Alvares de Azevedo — Drama — Manoel L. de Carvalho Ramos. Cachoeira (Bahia), Typ. do Guarany, R. de Baixo 8. (Sem data).

Vem a ponto reproduzir, a titulo de curiosidade a noticia que os jornaes do Rio de Janeiro deram do falecimento de Alvares de Azevedo.

*Jornal do Commercio* — 27 de Abril de 1852: «Falecimentos — Morreu hontem, victima da febre amarela, o filho unico do Sr. visconde de Olinda. Falleceu tambem, de um tumör na fossa illiaca, o filho do Sr. Dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo, estudante do curso juridico, e jovem de grandes esperanças.»

O *Correio Mercantil* foi mais amavel para com o jovem de grandes esperanças: «Falleceu ante-hontem, apos quarenta um dias de sofrimento, o Sr. Manoel Antonio Alvares de Azevedo filho do Sr. Dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo, e estudante do quinto anno do curso juridico de S. Paulo. Na occasião de dar-se o corpo á sepultura, no cemiterio do hospicio de D. Pedro II, os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo e Sr. Joaquim José Teixeira, e o Sr. Domingos José

Monteiro, pronunciáro discursos. Não é só a lchorosa familia desse mancebo quem deve lamentar sua perda: é o paiz inteiro.

Nesse jovem perdeu o Brasil um de seus mais esperançosos filhos, um coração patriótico e dedicado, um poeta cujos vôos devião elevar-se um dia a grandes alturas, um advogado que promettia em breve todos os arcanos das sciencias jurídicas pois que já no veredor dos annos, já lhe eram igualmente familiares os poetas e literatos da Italia, da Allemanha, da França e da Inglaterra, assim como os escriptos dos mais abalisados jurisconsultos e publicistas.

Restão apenas aos seus inconsoláveis país e aos seus amigos algumas folhas dessa arvore frondosa e virente cujos fructos não chegáro a sazonar.

Entre as poesias que legou ao seu paiz ha uma que não nos podemos furtar ao desejo de publicar, e que elle escreveu poucos dias antes de adoecer, como antevendo a sua morte: é o canto do cysne moribundo; eil-a:

Se eu morresse amanhã.» Etc.

Na *Noticia biographica*. «O Dr. Almeida Nogueira (Tradições e Reminiscencias...) provou que o poeta viu a luz do dia em uma casa da rua de S. Gonçalo, quasi ao desembocar no largo da Sé.» Motta, loc. cit. Está hoje averiguado e é certo que Alvarés de Azevedo nasceu em casa de seu avô materno Silveira da Mota, á rua Quintino Bocayuva esquina da Senador Feijó. A *Revista do Brasil*, n.º de Setembro de 1919, publicou a reconstituição do local por Wasth Rodrigues, e no *Jornal do Commercio*, de S. Paulo, de 2 de Março e 9 de Abril de 1917, foi exaustivamente examinada a lenda do nascimento do poeta na Academia. A casa indicada por Almeida Nogueira era onde Castro Alves costumava hospedar-se. Vide photographia na *Cigarra*, de 15 de Outubro de 1919.

«Silvio Roméro e Almachio Diniz atribuem erroneamente que elle tenha nascido na cidade do Rio de Janeiro.» Coelho Netto chama-o poeta flumi-

*nense* (Compendio de literatura brasileira, 2.ª ed. revista, 1913, Alves, pag. 135) errando também a data do falecimento, 1853 em lugar de 1852. — VICENTE DE PAULO VICENTE DE AZEVEDO.

### A lisonja

Voltaire, essa xiphopagia bizarra de genio e sarcasmo, afirma que a adulação foi consagrada por Pindaro. Entrou os romanos a bajulação augiu no sec. de Augusto. «Julio Cesar affirma apenas teve tempo para ser adulado...» Cicero foi um adulador servil e genial.

Com as demonstrações cainhantes do Senado aos cesares, cessou, na Europa, por uns tempos, a adulação classica; esse colapso de girandolas durou até Luiz XIII, contaminando a Hespanha e a Inglaterra. Richelieu foi animadissimo. Mas com Luiz XIV, a adulação teve seu supremo fastigio! Desde então a moda pegou....

O adulador é uma especie de azeite que desemperra as engrenagens da vaidade. O homem é tão visceralmente tolo, que adora a bajulação, mesmo que esteja convencido de que o valdevinos que o elogia, é um crapula. Como a nossa aspiração natural é ser bello e intelligente, sempre é delicioso ouvir alguém nos attribuir esses ornatos, mesmo que o nosso espelho accuse uma catadura de Vulcano e nosso vizinho affirme que a alma de Pacheco se encarnou em nós.

Scarron, reduzido pela doença ao estado de «cul-de-jatte», si não me falha a memoria, procurou ver Voltaire, que affirmára ser Scarron o homem mais feio do mundo.

— Para que? — perguntou o lacaio.

— Para ver si elle não é mais feio do que eu....

Até Scarron tinha vaidades muliebres!... Si todos têm vaidade, claro é que não falta quem as exalte, bajulando. O bajulador, pois, é um ser commodo e precioso. E' um macrophono vivo das virtudes alheias.

O adulador faz carreira. E' Prospero Fortuna em Abel Botelho; é Ti-gellino na corte neroniana; é esse typo parlador, invertebrado, que atulha

os gabinetes dos nossos politicos e grava em redor dos ricos e das celebidades. Tem um paladar forrado de nickel para achar generosos todos os vinhos e um ouvido de cimento-armado para encontrar musica em todos os versos. Mestre em redigir notícias de anniversario, faz discursos flocados no fim dos banquetes; chama os outros de «excellencia» e usa dobradiças de cartilagem na espinha elástica.

Os fortes adoram essa parte da fauna humana; os imbecis vivem da vida artificial que elles lhes emprestam. São uma praga. Conta-se de certo rei que vivia cercado destes. Esse rei, como Ahenobarbo, fazia versos ruins como os de um poeta paulista, que, por desfastio, não tendo mais paciências alheias para matar, matou Deus! Os cortezãos — os aplasmicos aulicos das cōrtes — afirmavam que os versos eram doces como assucar. O rei, que não confiava nelles, chamou ao seu conselho certo vate sincero e cheio de fama. Leu a versalhada e indagou.

— Que tal?

— Majestade. Esses versos estão bons para o fogo.....

O tyranno chamou os archeiros e prendeu o vate em uma masmorra.

Em quanto o vate chorava pela sua sinceridade, o rei galgou o Pegaso e despejou do cerebro mais versos.

— Lindos! clamaram os cortezãos.

— Chamem o poeta.

Tiraram-lhe as algemas e conduziram-no á cōrte. Leu a estopada.

— Que tal?

O poeta hesitou e depois, num gesto resignado, chamou os guardas.

— Podem levar-me outra vez para a cadeia.....

Do exposto se infere que ser adulador é bem melhor que ser homem de principios. E o povinho nosso, esse delicioso, ingenuo e ironico Zé Ninguem que atulha o interior da nossa terra, querendo caracterizar num symbolo os typos dos bajuladores, creou a fabula do macaco. E' assim:

Rei leão queria saber si seu halito cheirava ou era desagradavel. Chamou o chacal: «Féde ou cheira?» — «Cheira, Majestade!» E o leão devorou-o porque mentia. Chamou o burro. «Féde!» zurrou o quadrupede. O leão devorou-o porque era irreverente. Chamou a paca. «Nem féde nem cheira...» — «Mentes, pela gorja», rugiu o rei dos Bichos, que era lido em Fernão Mendes, Azurara, Bernardim e quejandos classicos. Chamou o macaco; esguelou-se e indagou:

— Que tal?

— Nada posso dizer, Majestade, estou constipadissimo...

E deu um espirro. E o macaco foi chamado o «mais sabio dos bajuladores»....

Será por isso que os perversos nos chamam de *macaquito*?

Não! Entretanto a arte de bajular está entre nós tão adeantada, que a gíria arrancou a flora verbal das sargentas a monstruosidade deste neologismo: «pegar no bicol»

Nosso aperfeiçoamento chegou até ahi.... — HELIOS. (Do *Correio Paulistano*, S. Paulo).

### Carta a Lindolpho Gomes

*Meu illustre confrade.* — Li com grande prazer a sua dissertação inserida na *Revista de Lingua portugueza*, ácerca do passo confuso que se depara no *Auto da festa*, de Gil Vicente.

Infelizmente não posso a obra do Conde de Sabugosa, que nem por a caso apparece em nossas livrarias, mormente em cidades provincianas; mas isto não me impede de apreciar os meritos da questão, mediante os escriptos de Leite de Vasconcellos e Oscar Pratt, aos quaes veio juntar-se agora a sua hypothese tentadora. Confesso que ella me parece melhor que as outras e felicito-lhe o engenho.

Isto, porém, não me impede de pôr a colher torta no banquete, aventando outra hypothese que se me antolha — já se vê — mais singela e perfeitamente satisfactoria.

Reconstruamos o caso.

No referido *Auto* apparece uma quintilha em que, evidentemente, andaram correções de copistas, que não só embrulharam o sentido, mas, sem duvida alguma, amesquinham o pensamento. Eis a quintilha:

«Se tu diante lhe deitas  
duas duzias de perdizes  
e outras semelhantes penitas,  
farás que as varas dereitas  
se tornem em *cousas fritas*.»

O Conde, segundo Leite de Vasconcellos, levado certamente pela necessidade de harmonia no verso, pelas exigências do sentido e do contexto, sugeriu que *penitas* era erro, por *peitas*, o que se me afigura fóra de qualquer duvida. Mas, se ali collocarmos *peitas*, o quinto verso ficará sem rima.

Por outro iado, sucede que aquelle *cousas fritas*, sem sentido apreciavel, traindo enxerto violento, é o que mais revela ao meu espirito um esforço consciente de copista inhabil para alterar um texto com o fim de forjar uma rima.

Leite de Vasconcellos propoz que em vez de *cousas fritas* se lesse *contradictas*, aceitando embora a mudança de *penitas* em *peitas*.

A quintilha ficaria sendo:

«Se tu diante lhe deitas  
duas duzias de *perdigotas*  
e outras semelhantes *peitas*,  
farás que as varas dereitas  
se tornem em *varas tortas*.»

Mas, como observou Oscar Pratt, nem o sentido, nem a rima, favorecem esta *hypothese*.

Não contente, pois, com a emenda de Vasconcellos, propoz Oscar Pratt, depois de varias considerações, as correcções que se vão ler:

«Se tu diante lhe deitas  
duas duzias de *penitas*  
e outras semelhantes *peitas*,  
farás que as varas dereitas,  
se tornem em *contradictas*.»

Como se vê, suprimiu no 2.º verso a palavra *perdizes* e encaixou ali o recusado *penitas*; escreveu *peitas* onde estava *penitas*, no 3.º verso; transformou *se tornem* em *as tornem*, no 5.º verso. Tudo isso é, evidentemente, *alambicado*; mas o que mais repugna ao meu espirito é o sentido. Pela corrigenda de Oscar Pratt o que iria

constituir *peitas* seriam as *penitas*, com o sentido de *pequeninas penas*! Mesmo que se tratasse do mais corrupto dos magistrados, ainda assim seria por demais rebuscado suppor que umas *penitas* se tornassem *peitas*.

Foi isto, por certo, que levou o meu illustre confrade mineiro a propor a sua solução, transformando as *perdizes* em *perdigotas* e as *cousas fritas* em *varas tortas*, com rima toante. Firma-se, e muito bem, em que a idéa de *varas tortas* é clamante em face daquellas *varas dereitas*. Tambem a mim quer parecer-me que nenhuma solução do problema poderá impor-se á critica séria, se fizer tábua rasa dessa antithese.

Vem agora a quintilha com a sua corrigenda:

«Se tu diante lhe deitas  
duas duzias de *perdigotas*  
e outras semelhantes *peitas*,  
farás que as varas dereitas  
se tornem em *varas tortas*.»

Apezar da dureza do 2.º verso, é certamente melhor do que as corrigendas dois outros. Entretanto, afigura-se-me que a solução é outra.

Para chegarmos a um resultado satisfactorio, é mister que, antes de mais nada, determinemos se aquelle *penitas* fica ou deixa de ficar no texto. Porque, se se concluir que essa palavra não passa de um mero engano e que está em lugar de *peitas*, é forçoso concluir, igualmente, que desse equívoco é que nasceram todas as mais confusões e alterações. Quanto a mim, não tenho duvidas: o que se deve ler ali é *peitas*, não *penitas*. E sendo assim, a historia desse pastel deve ter sido a que se segue.

Um engano fez que se trocasse *peitas* por *penitas*. Isto levou um escriba ousado a alterar o final do 5.º verso para dar rima a *penitas*. A palavra que elle substituiu pela expressão absurda e chata — *cousas feitas* devia, em primeiro lugar, rimar com *perdizes* (abaab) e em segundo lugar conter a idéa de *varas tortas*, como legitimamente reclama o meu douto confrade.

Pois bem, quer saber agora o que

foi que Gil Vicente escreveu, segundo penso? Aqui vae a minha hypothese:

«Se tu diante lhe deitas  
duas duzia; de perdizes  
e outras semelhantes peitas,  
farás que as varas *dereitas*  
se tornem em *aboizes*.»

Mas que é *aboiz* ou *boiz*? Aulete no-lo diz: «Armadilha para os passaros, consistindo em uma *haste dobrada em arco* (o grypho é meu), que ao voltar á sua primeira posição apanha os passaros em um laço preso á extremidade livre e onde está mettida a isca.»

E agora, meu caro confrade, se não houver tréplica á réplica, esperemos que os entendidos nos digam qual dos filhotes é mais bonito, se o seu ou o meu. Porque nós ambos de certo corremos o risco de fazer como a coruja da fabula...

Seu confrade e admirador — OTHONIEL MOTTA.

...

## Revistas e Jornaes

### Um simples problema

O problema da educação physica no Brasil apresenta-se-nos como dos mais complexos e difficeis de resolver, se apenas o considerarmos tendo em vista a vastidão do nosso territorio, a relativa escassez dos meios de communicação e principalmente a quasi geral falta de instrucção, e outras falhas de organismo social brasileiro.

Mas se de outra parte tambem levarmos em conta a época excepcional que atravessamos, nella podendo facilmente aproveitar da experiêcia de quasi todos os outros povos no assumpto, vemos que a questão logo extraordinariamente se simplifica e facilita. O Brasil, como paiz novo que quasi nada fez no sentido de tornar todo o seu povo mais forte e mais resistente e portanto mais trabalhador e productivo, justamente por isso se encontra numa situação ideal para fazer de uma só vez, sem tentativas, o que precisa, o que pôde e o que

deve fazer em materia de educação physica. Aqui não estão enraizados preconceitos relativos á excellencia de certas actividades physicas e ao inconveniente de outras. Não soffremos, como até ainda ha pouco soffreu a França, a funesta influencia do tradicionalismo que no assumpto collocou aquelle paiz em ultimo lugar, depois da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Scandinavia, da Argentina, do Uruguay e de muitos outros que deixamos de mencionar para não ir longa a lista. No Brasil, de facto, o campo precisa ser desbravado para que possa produzir alguma cousa. Mas si ainda não recebeu a bôa semente ao menos n'elle não medraram os fructos de um passado de erros.

Sobre a questão não nutrimos, felizmente, preconceitos de qualquer especie que possam tolher ou embaragar o nosso esforço em prol do aperfeiçoamento da raça que tanto deve e precisa ser intelligente e forte, para assegurar a consecução dos seus ideaes.

Como nós estavam os Estados Unidos ha cerca de cinquenta annos. O exemplo que tomaram foi o da velha Inglaterra, com a sua série de seculos de sport. E de tal modo o seguiram e adaptaram, evitando cahir nas mesmas faltas da sua antiga metropole, que já nos ultimos annos do seculo passado affirmaram-se, nos jogos olympicos de Athenas, os primeiros athletas do mundo. E que ao se iniciarem na vida ao ar livre não obedeciam, na materia, a tradição alguma e assim gosavam de todo o espirito de livre exame e ainda mais da experiêcia de longos annos dos paizes europeus. Começaram tudo pelo principio, sem outra idéa preconcebida além da de obter os melhores e os mais duradouros resultados, o mais depressa possível.

E nem agora, quando sem contestação lhes cabe a honra e a gloria de serem considerados os melhores athletas do mundo, deixam-se os norte-americanos dormir á sombra dos fartos louros colhidos. E nem tambem ficam-se contemplativos, extaticos, ante o que já fizeram. Basta que adquiram a certeza ou vejam probabilidades de conseguirem resultados melhores, cus-

tem não importa que outros esforços, e logo transformam completamente ou em parte os systemas, os methodos e os processos que lhes asseguraram seus mais brilhantes triumphos. O que querem são novas victorias, maiores e melhores.

O que fizeram os norte-americanos em cinquenta annos nós o poderemos fazer em dez annos, em vinte annos, quando muito. A nossa situação relativamente á educação physica é agora quasi a mesma que a dos Estados Unidos quando instauraram a practica dos sports com uma religião nacional. No que differe é para melhor, pois beneficiamos do facto de que actualmente essa disciplina não é mais uma arte de preceitos incertos e mais ou menos positivos. Hoje é uma sciencia que se filia directamente na biologia e que está com os seus objectivos e os seus methodos bem definidos e caracterisados.

Entretanto porque ainda não começámos não se pode e nem se deve concluir que sempre estejamos em tempo de começar. O momento em que estamos nos é, sem duvida, excepcionalmente favoravel, mas é tambem certo que elle passará e depressa. Temos de aproveitá-lo e já. Os povos que se retardam condemnam-se, elles mesmos, a extincção total. Ou progredimos ou desapparecemos, disse Euclides Cunha.

Visinhos nossos, — a Argentina, desde 1904, e o Uruguay, desde 1906 — mais do que nos indicam o caminho a seguir. Desafiam-nos, na luta pela hegemonia sul-americana, a que mostremos tambem de quanto somos capazes, incitam-nos a que sejamos tão ou mais fortes e resistentes do que elles, para que obtenhamos a victoria final, senão na luta militar, ao menos na luta commercial, pela expansão economico. — ARIEL (Do *Sport*, São Paulo).

bichos; exhibem-se em mostruários animalejos repugnantes, como ratos brancos; publicam-se monographias eruditas sobre o cavallo de guerra, sobre o boi de carro, sobre os gatos de Angora, até sobre os lagartos e sobre o homem, nem palavra.

Parece que se trama, ás surdas, uma conspiração contra o rei dos animaes para implantar no mundo a fórmula republicana, assumindo o governo o bicho que reunir maior suffragio, e não será, naturalmente, o leão, que hoje é raro, mas o rato, que nos ditará leis de dentro de algum queijo. E, quem sabe lá! talvez lucremos com a mudança. A politica tem tantas surpresas!...

Já um sabio vaticinou que o mundo acabará dominado pelas formigas que, de todos os insectos, é o mais inteligente, prolifico, esforçado e tenaz. Não duvido que se realize a prophecia entomologica, principalmente porque o homem, que é ameaçado, longe de opor-se á sentença tremenda, preparando-se para reagir contra a invasão termita, enfraquece-se a mais e mais lembrando, pelo relaxamento em que vive, aquelles desvairados crentes que, fiados na prophecia do millenio, certos de que o mundo desappareceria convulso á ultima badalada da meia noite do anno 999, deixaram de mão todos os instrumentos de trabalho, entregando-se: uma parte, a penitencias, e outra, aos vicios mais nefandos. E o mais util, que rompeu radioso, desmentindo os augurios tragicos, encontrou uma humanidade mórbida e flagellada, uns enfraquecidos pela abstinença, martyrisados pelos flagios, outros contaminados de males torpes, imbecilisados d'alcool, acarrados nos campos ou raspando a lepra como Job em Hus.

Que o homem é hoje um ser abastardado é verdade que não requer demonstração, por ser patente. As doenças concorreram em muito para a dyscrasia que se manifesta, a miseria accrescentou mal ao mal, a vida intensa aggravou-o e, como se não bastasse tais factores de atrophia, ainda os homens, na corrida em que se precipitam para um Nirvana, peior que o budhico, apanham no caminho, como fa-

## Aviso

O homem cuida de tudo, menos de si. Fundam-se sociedades para o aperfeiçoamento de todos os animaes; organizam-se e inauguram-se exposições, com premios, de todas as castas de

zia Atalanta, os dons que lhes atira o Demonio, imitando o gesto perfido de Hippómenes.

E que dons são esses? serão frutos de ouro, como os do corredor grego? Não! se fossem frutos seriam da Arvore do Paraíso, e mais perniciosos do que o primeiro, porque não levam á morte um só casal, mas toda a Humanidade.

Vêde esses rapazes macilentes, de olhos assonorentados, témulos, balbuciantes, que se imbecilisam com estupefacentes, que se infecionam em alcôves, que passam ás noites em claro nas tavolagens infectas, bebendo, fumando... E' uma mocidade murcha, fragil, sem ideal, em cujos bolsos poderá faltar dinheiro, mas haverá sempre um frasco de ether ou de morphina, cocaína e um estojo Luer. Essa é a mocidade chamada no hymno a «esperança da Patria».

Bôa esperança, não ha duvida. Se é com ella que a Patria conta para vencer no futuro está bem arranjada.

Decididamente as formigas podem ir tratando de revolução democrática, que destronará o rei da criação porque o 15 de Novembro não lhes dará trabalho.

A indifferença com que o homem encára o terrível problema chega a ser revoltante. E' verdade (sejamos justos) que ha um pequeno grupo de reaccionarios que cumprem os preceitos de hygiene e praticam o espórté. Contra esses, porém, (e isto ha, a meu ver, trabalho subterrâneo de formiga) já se levantam vozes a pretexto de que a vida ao ar livre, os exercícios de campo e náqua compromettem o desenvolvimento intellectual e o governo, para salvar o genio do povo, está disposto a taxar pesadamente, com impostos, todas as sociedades esportivas, limitando-lhes os treinos.

Felizmente em S. Paulo, graças á propaganda activa de um estheta o Dr. Renato Kehl, fundou-se uma sociedade eugenica, da qual fazem parte as maiores summidades medicas paulistas.

Preconisando a sciencia de Galton, que trata do aperfeiçoamento physico e moral do homem, a Sociedade Eugenica de S. Paulo, realizando confe-

rencias, espalhando boletins, pregando, demonstrando vai conseguindo realisar, ainda que lentamente, a obra philanthropica da regeneração do homem, para cuidar, em seguida, do aperfeiçoamento da especie. A materia prima que ahi temos está tão estragada que se não fôr convenientemente corrigida e apurada não dará producto apreciavel... e as formigas (ou os ratos) tomarão conta do mundo, o que será uma espiga e uma vergonha para a especie humana.

Ainda é tempo de corrigirmos o nosso erro — pratiquemos a eugenica, tal como nol-a ensinam os seus nobres propagandistas, e regressaremos á idade de ouro apollinéa, idade da belleza e da força, mantendo o senhorio do mundo. Se tal não fizermos, ai! de nós, «vae victis»! o mundo ficará transformado, como anunciou o sabio, em immenso formigueiro e nós, teremos a sorte da cigarra da fabula que:

ayant chanté  
Tout l'été,  
Se trouva fort dépourvue  
Quand la bise fut venue.

O resto é conhecido.

COELHO NETTO — (D'A Noite, Rio).

### Immigração alemã

Encaremos o problema da immigração desses povos abatidos por longos sofrimentos e em parte forçados a viverem á sombra de bandeiras que talvez detestem, sob o ponto de vista dessa immigração convir ou não ao Brasil e como ella deva ser orientada.

Que nos convem é incontestável; principalmente a do aldeão dos varios povos alemães que é um incansavel trabalhador de bons costumes, apegado á familia, e com sentimento religioso arraigado, se é que ser religioso é qualidade.

São camponezes, os quaes, *todos*, passaram pelas escolas primarias e grande procentagem delles frequentou escolas de especialidades ou cursos de aperfeiçoamento, que existem *na maior*

abundancia em todos os Estados e Províncias habitadas pelos povos allemães.

Essa gente nos trará innumeros ensinamentos, virá criar culturas e industrias agricolas e nos ensinar expedientes de aproveitamentos que não temos; virá mostrar o quanto vale a instrucção aos que pensam que um paiz julga-se pelas avenidas, parques, palacios, luxo e tres ou quatro curiosidades cinematographaveis: paradas, exposições zoologicas e paisagens.

O perigo allemão!? Está no nosso governo não deixar renascer esse espantalho cuidando da localisação dos colonos, não consentindo que se formem grandes nucleos de uma só nacionalidade, como aconteceu em Santa Catharina, bem como espalhando escolas regidas por bons professores brasileiros; prohibindo e perseguindo impiedosamente esses prégadores e exploradores do «Deutschum (allemanismo), nem sempre allemães ou austro-allemães de nascimento, nem de convicções, os mais delles, simples contractados «pour le metier»; não permittindo tambem o estabelecimento de nucleos que pareçam pensadamente localisados em logares estategicos, como vêm fazendo os obliquos japonezes. Confiar desconfiando. Aos colonos competirá o respeito as nossas leis; nada mais. Não queremos dentro do nosso paiz nem Allemanhas, nem Austrias, nem Italias como esses Japões que se estão formando no litoral e nos sertões da Noroeste e da Sorocabana a essa ex-nova Allemanha de Santa Catharina.

A localisação dos colonos allemães não deverá em caso algum, ser feita no sertão como muitos pretendem para se desfazerem a bons preços, de vastas extensões de terras, muitas dellas escandalosos «grillos» (terrás adquiridas por documentos falsos). Será un desastre encaminhar esses colonos recem-chegados para terras longe de recursos e onde ainda existam as asperesas das zonas novas: desconforto, molestias e falta de escolas. Os allemães não vivem onde não ha escolas.

Os syndicatos allemães e austriacos devem tratar desde já, de accordo com os nossos governos federal, estaduaes e municipaes de adquirirem terras des-

bravadas das chamadas cansadas, dividilas em lotes e construir casinhas para que as familias de colonos em aqui chegando vão directamente para o seu chão adquirido a prazos generosos. Existem grandes fazendas velhas, quasi em abandono ou abandonadas, em todos os Estados, que se prestam admiravelmente, já pelo clima e pelas terras, já pela proximidade dos grandes centros, em zonas servidas por estradas de ferro, para serem colonisadas por gente affeita á agricultura intelligente, por esses lavradores que não conhecem o machado, a foice e o fogo como unicos «recursos agricolas», gente essa que desde que nasceu conhece a charrua, a estrumeira, a rotação das culturas, a boa semente e outras praticas da verdadeira agricultura.

E' necessario frisar que, para os colonos fixarem-se definitivamente e se adaptarem com facilidade ao paiz que os quer receber de bom grado, é necessario que venham formando familias regulares e não dessas que «se casam» no cães ou a bordo e para cada nucleo dar escolas sufficientes para as crianças; escolas e mais escolas para não surgirem novos «perigos».

Aos proprios syndicatos e sociedades protectoras da emigração e da immigração não convem que com os seus patricios, forçados a abandonar seus lares, venham e convivam esses criadores de antipathias, os taes propagadores de idéas de nacionalismo e outros ismos, em paiz alheio. Aqui é Brasil!

Os estrangeiros devem estar sentindo como de norte a sul, principalmente onde mais estrangeiros ha, os brasileiros collocaram-se numa legitima defesa contra a influencia que vão pretendendo adquirir certas nacionalidades nos nossos negocios internos e contra a arrogancia enfatuada de certos individuos.

O Brasil é dos brasileiros, é o nosso lemma. O nosso Congresso Federal deveria legislar prohibindo os jornaes em linguas estrangeiras, jornaes esses lidos por pouquissimos brasileiros; nem nas repartições policiaes são lidos! A imprensa estrangeira julga-se no direito de tudo criticar, de tudo apreciar sob um ponto de vista quasi sempre individual ou de cada colonia

e não raro até nos insultar atrevidamente, ou por entrelinhas, o que passa, as mais das vezes, despercebido, e sem a merecida resposta ou castigo. O jornalista estrangeiro encara os problemas de occasião ao paladar dos seus leitores; é advogado só do que convém a si próprio ou aos seus patrícios ou advogado de grupos interessados na defesa de determinadas opiniões. É um absurdo existir imprensa editando jornaes e revistas communs em linguas estrangeiras num paiz novo que já recebeu e vae receber centenas de milhares de estrangeiros das mais variadas nacionalidades, falando linguas e dialectos os mais diversos, uma salada russa... até japonez! Só nos falta o esquimáu' e o patagão.

Imagine-se um jornal para cada colonia!

Quem quizer lér na sua lingua assigne jornaes do seu paiz; compre livros e revistas.

Estamos plenamente convencidos de que a mania da «Neue Deutschland in Brasilien» passou, está curada, e de que, hoje, os allemães querem vencer pelo trabalho, faculdade essa que nenhum outro povo possue como elles em todos os ramos de actividade. Nas sciencias, nas industrias, no commerçio em conjunto, a Alemanha e a Austria alleman attingiram a um grau que nenhuma outra nação attingiu. O militarismo prussiano derrocou esse grande eficio → o trabalho allemão — trabalho de uma raça que teve a organisação mais perfeita que jamais existiu.

O povo allemão teria conquistado o mundo com o triumvirato — trabalho, tenacidade e intelligencia — sem o canhão, era questão de tempo. Aqui no Estado de S. Paulo mesmo para contrabalançar outras nacionalidades a imigração allemã, e a austriaca será de grande proveito sob todos os pontos de vista, se localizada com intelligencia e instruida do modo que se deve comportar.

A assimilação será facil pela educação das crianças *em boas escolas brasileiras*, constantemente combatidas — sempre — a propaganda estrangeira dentro da nossa casa; ha idéa de levas

de imigrantes trazerem seus professores.

Na escola é que se formam os patriotas.

Estrangeiro é aquelle que não fala a nossa lingua, é aquelle que nos procura só para tirar algum partido; é estrangeiro o imigrado ou filho de imigrado enquanto não pensa e não sente um pouco como o brasileiro. O estrangeiro que quer ser estrangeiro *tem de* ficar no seu logar — como lá no seu paiz é *obrigado* a ficar qualquer imigrado rico ou pobre. Aqui ha muitos estrangeiros, dos antigos, que se tornaram dos melhores brasileiros, de corpo e alma, nossos verdadeiros amigos, com descendencia até jacobina, e que são os primeiros a desprezar esses caipiras com verniz de «cabarets», esses macaqueadores que tudo achincasham, quando da sua terra, por pedantismo e ignorancia ou estupidez. Ultimamente, os que têm aqui aportado consideram o brasileiro um objecto de exploração e «isto» uma colonia a ser exaurida, uma rica mina a ser explorada até acabar.

Precisamos povoar o nosso vastíssimo territorio, desenvolver e aperfeiçoar a nossa producção recebendo gente labiosa que se torne nossa amiga, que se funda comnosco, para que o paiz prospere rapidamente e o Brasil venha a ser uma nação forte — pelo trabalho — porém, o Brasil só dos brasileiros. — O. F. (Do *Estado de S. Paulo*).

### Os Bandar-log

Desde os mais remotos tempos serviram-se os moralistas de analogias entre o proceder dos homens e o dos animaes para darem conselhos salutares e corrigirem defeitos por meio de fábulas mais ou menos transparentes. Já Salomão mettia em brios aos preguiçosos com o exemplo das formigas. Esopo, Phedro e Lafontaine puzeram muita verdade, dura de dizer, na bocca dos bichos, e mais modernamente um hindu' o celebre Rudyard Kipiling escreveu «O livro de Jungla», que, sob a fórmula de historia de animaes, é uma fina satira dos habitos e paixões humanas.

Nesse trabalho, obra prima de «shumour» digna da pena de Swift, com a vantagem de conter mais elementos de sympathia e de bondade, desfilam innumeros caracteres, admiravelmente recortados. Aqui é o velho urso Baloo, doutor da Lei, inesgotavel repertorio de maximas cheias de bom senso. Além é Bagheera, a panthera negra, toda altivez e violencia. Entre elles destaca-se a figura inolvidavel da serpente Kaa, que, habituada a matar por constrição, desprezava soberanamente o povo venenoso das cobras humillimas e, havendo recebido dos macacos a alcunha insultuosissima de verme, sempre substituia em suas colericas narrativas essa classificação pela de peixe, a seu parecer mais compativel com a dignidade de um pythão.

Mas onde a satira, applicavel a sociedades que se não sabem governar, ou organizar, o que vêm a dar no mesmo, se torna magnifica de ironia, capaz de pedir meças á «Ilha dos Pingüins», de Anatole, é nas passagens em que o autor nos pinta os Bandar-Log, o povo dos simios. Eis como os descreve o autorizado e sempre judicioso Baloo, velho mestre em coisas do «clan»:

«Andam sempre a pique de vir a ter chefes, leis e costumes proprios, mas nunca chegam a realizar tal desejo, porque sua memoria é incapaz de reter o quer que seja por longo tempo. Todos os seus projectos ficam em projectos, apesar de os seus oradores viverem repetindo com gestos

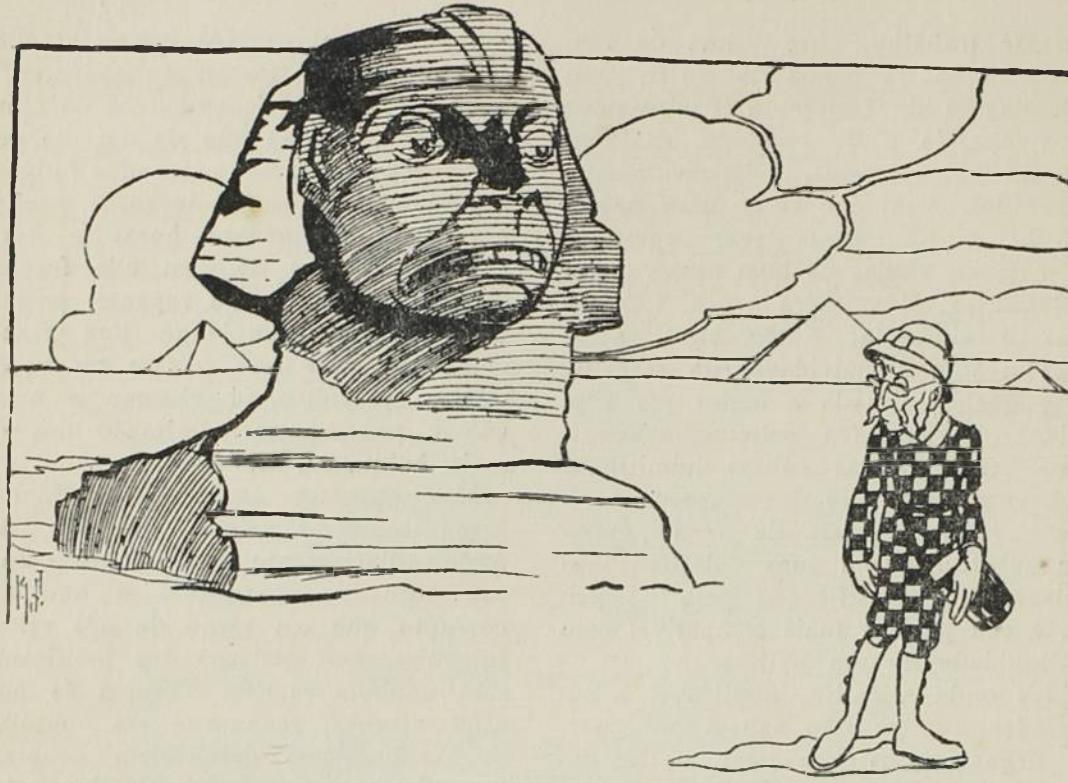
espectaculosos: — Nós somos grandes, somos livres, somos surprehendentes... Somos o povo mais espantoso da mata, diante do qual se hão de um dia curvar todos os outros... — Mas fatigam-se depressa. Arrastam ás vezes consigo um ramo de arvore horas e horas com a intenção de com elle fazerem grandes coisas, e, de repente, partem-no e atiram para longe. Seu grande empenho, se é que podem ter verdadeiros empenhos, é chamar a atenção e provocar a admiração dos demais habitantes do bosque...»

Mas paremos aqui. Esses Bandar-Log são nossos velhos conhecidos. Vemolos diariamente a encherem com a sua vaidade incorrigivel o ambiente corrupto que em torno de nós cria o funambulismo simiesco dos politicantes sem nenhum merito. Trepam ás mais altas arvores, reunem-se em conselhos de parlapatices, desenrolam programmas vistosos, prometem mundos e fundos, e afinal não entendem de nada e são incapazes de realizar o que quer que seja.

Contra esses fatuos e execraveis voluntins da vida publica é que havemos de dirigir os nossos ataques, se não quizermos ver o paiz todo convertido em propriedade delles, com o banimento systematico dos verdadeiros valores da floresta — o leão, a panthera e mesmo o sentencioso Baloo, cuja moderação de conservador serve de contrapesar os axaggeros individualistas do tigre. J. A. NOGUEIRA (Do Estado de S. Paulo).



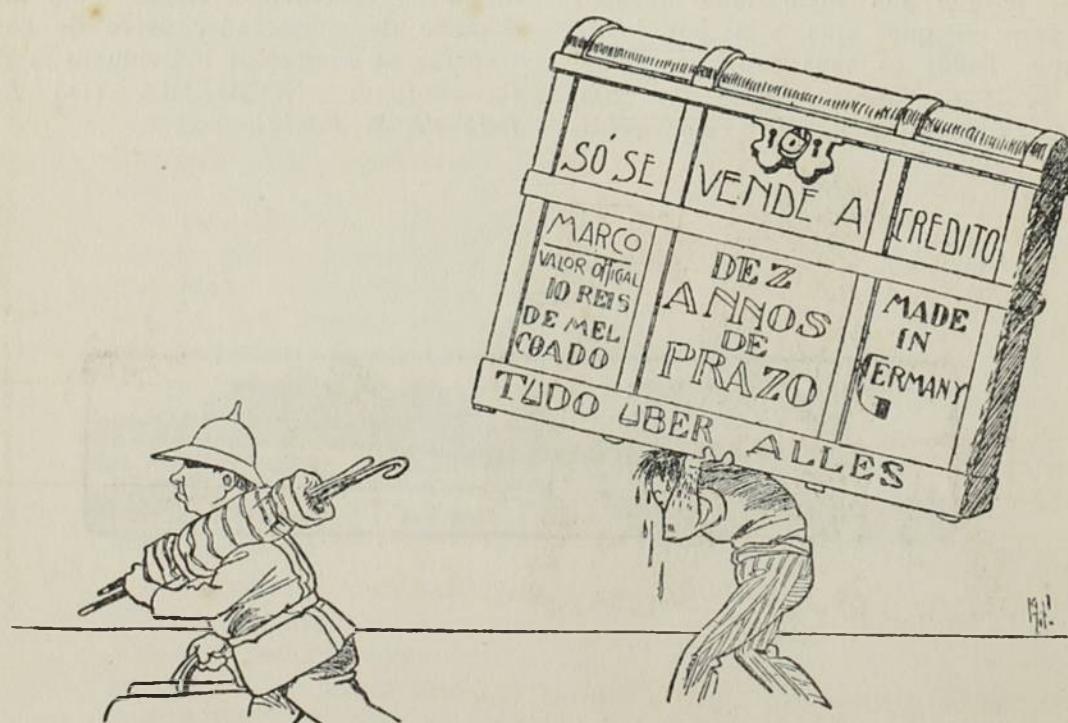
## Revolução nacionalista no Egypto



Enigma nada pittoresco.

A Espynge — *Decifra-me, ou devoro-te!*

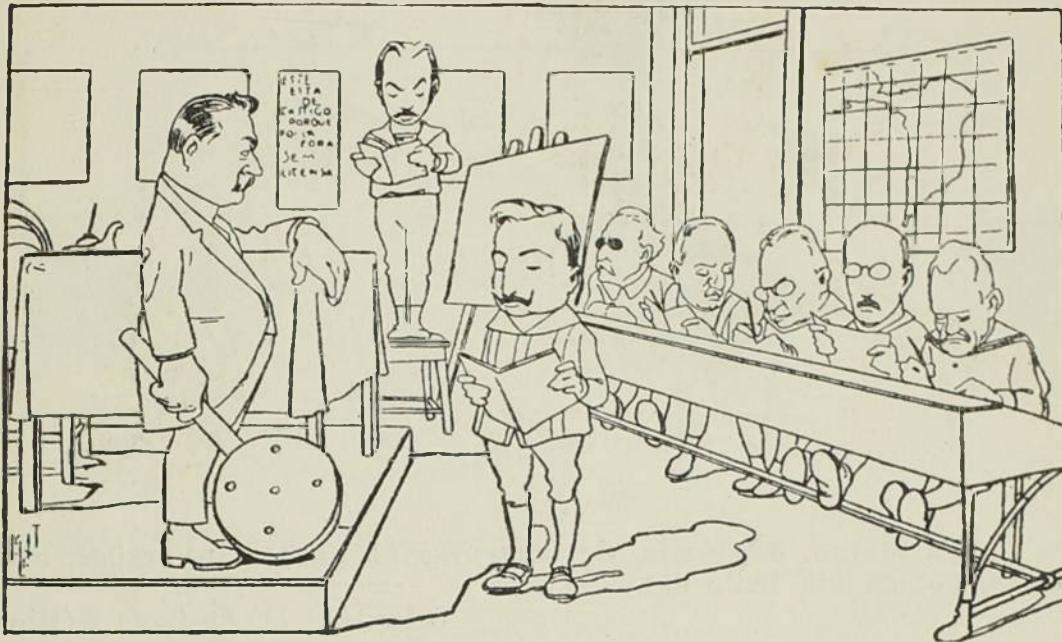
## A proxima grande offensiva allemã



## CARICATURAS DO MEZ

---

**Um despacho colle... gitivo do governo “pessoal”**



Os rapazes dão conta de suas tarefas da semana.

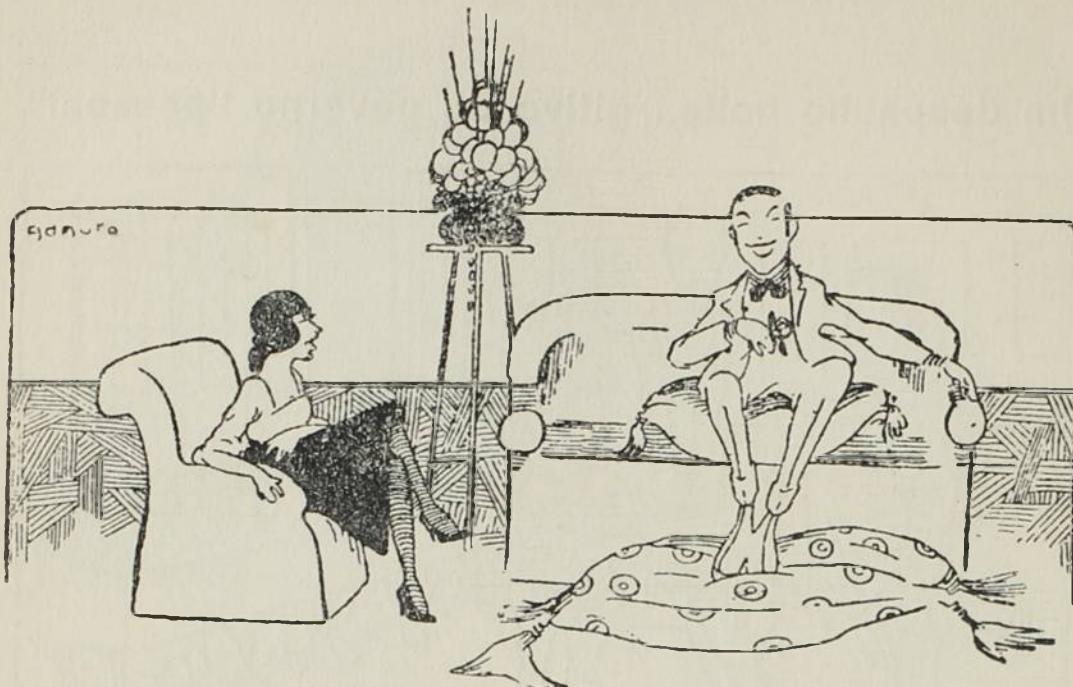
---

## A MURALHA



Em quanto todos trabalham um se diverte.

## Mulher ou homem?



— Já era tempo, senhorita, de fazermos as nossas inversões, nós tambem somos um bello sexo.

Adauto - *D. Quixote* - (Rio)



Prefiram FALCHI, o melhor chocolate.

## ÍNDICE GERAL DO VOL. XII

---

### NUMERO 45, — Setembro de 1919

O MOMENTO . . . . .	1
A INDEPENDENCIA, Pandiá Calogeras . . . . .	3
VIAJANDO (XIV), Martim Francisco . . . . .	12
O ESPIÃO ALLEMÃO, Monteiro Lobato . . . . .	22
VERSOS, Gustavo Teixeira . . . . .	33
O ROUBO DA CRUZ PRETA, V. de P. Vicente de Azevedo . . . . .	38
O SALÃO DE 1919, Rodrigo Octavio Filho . . . . .	44
CARRILHÃO DE SYMBOLOS (II), Alberto Rangel . . . . .	52
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, J. A. Nogueira . . . . .	56
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, Arthur Motta . . . . .	64
BIBLIOGRAPHIA . . . . .	72
RESENHA DO MEZ . . . . .	78

### NUMERO 46 — Outubro de 1919

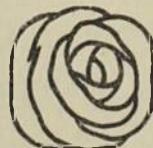
O DIREITO DOS NACIONAES . . . . .	97
A INDEPENDENCIA (II), Pandiá Calogeras . . . . .	99
OUTRA HERO, Hermann Lima . . . . .	109
O GORDO ANTHERO, Godofredo Rangel . . . . .	121
VERSOS, Heitor de Moraes, Magalhães de Azeredo e José Lannes . . . . .	126
A DOUTRINA DE FREUD, Franco da Rocha . . . . .	130
A LUCTA CONTRA O TRACHOMA, Serafim Vieira . . . . .	137
ACADEMIA BRASILEIRA (II), Arthur Motta . . . . .	145
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, J. A. Nogueira . . . . .	164
BIBLIOGRAPHIA . . . . .	171
RESENHA DO MEZ . . . . .	177

**NUMERO 47 — Novembro de 1919**

REVISTA DO BRASIL . . . . .	193
ANNIBAL THEOPHILO, José Oiticica . . . . .	197
MANIFESTAÇÕES DO NACIONALISMO, Rubens do Amaral .	218
O LUZEIRO AGRICOLA, Monteiro Lobato . . . . .	226
VERSOS, Laura da Fonseca e Silva . . . . .	235
A NOIVA DE OSCAR WILDE, Sergio Spinola . . . . .	239
A PHILOSOPHIA DE J. INGENIEROS, Henrique Geenen .	246
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, J. A. Nogueira . . . . .	256
ACADEMIA DE LETRAS (III), Arthur Motta . . . . .	263
BIBLIOGRAPHIA . . . . .	274
RESENHA DO MEZ . . . . .	278

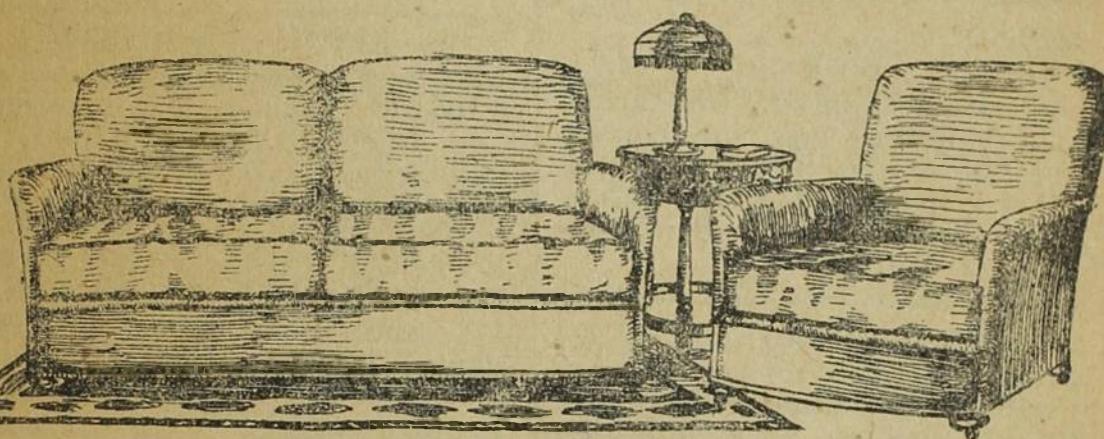
**NUMERO 48 — Dezembro de 1919**

CULTURA E CIVILISAÇÃO . . . . .	289
NISIA FLORESTA, Oliveira Lima. . . . .	291
CINCO ANNOS NO NORTE DO BRASIL, Francisco Inglesias	301
MAGUA QUE RALA, Lima Barreto . . . . .	310
A TRISTEZA DO SUBDELEGADO, Amando Caiuby . . . . .	318
VERSOS, Julio Cesar da Silva . . . . .	324
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, J. A. Nogueira . . . . .	329
A NOIVA DE OSCAR WILDE (II), Sergio Spinola . . . . .	333
DIARIO DO VISCONDE DE TAUNAY . . . . .	341
ACADEMIA DE LETRAS (IV), Arthur Motta . . . . .	346
BIBLIOGRAPHIA . . . . .	360
RESENHA DO MEZ . . . . .	368



**MAPPIN STORES**  
SOCIÉDADE ANONYMA INGLEZA

# MOVEIS DE COURO



*Fabricamos estes moveis pelo mesmo  
systema usado para os sofás e poltronas  
dos "Clubs" Londrinos. ::*

*São empregados couros dos melhores  
cortumes inglezes e todos os outros  
materiaes, de primeira qualidade. ::*

*Exposições na Secção de Moveis*

**MAPPIN STORES**

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA - S. PAULO

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLS FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio; Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

## MEDICOS:

Dr. RENATO KEHL — Especialista em syphilis e vias urinarias (molestias dos rins, bexiga, prostata e urethra). Cons. Rua Libero Badaró, 119. Tel. Cent. 5125. Res.: rua Domingos de Moraes, 72. Tel. 2559.

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças Res. R. Bella Cintra, 139. Consult.: R. José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Pariz. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone 2296.

## TABELLIÄES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTEOTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone n. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio Travessa do Commercio, 7. Telephone 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio 5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58, Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-MERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas", São Paulo. Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

## COLLEGIOS:

EXTERNATO Dr. LUIZ PEREIRA BARRETO — Admissão aos cursos superiores da Republica para ambos os sexos — Rua Carlos Gomes, 50 — Acacio G. de Paula Ferreira.

## ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — Emilio Rocco. — Novidades em casemira ingleza. — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 cidade — S. Paulo.

## LIVRARIA DRUMMOND

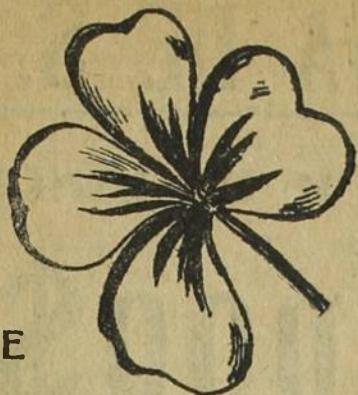
Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura - Revistas - Mappas - Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 - TELEPH. NORTE, 5667 - End. Tel. "LIVROMOND"  
CAIXA POSTAL, 785 - RIO DE JANEIRO

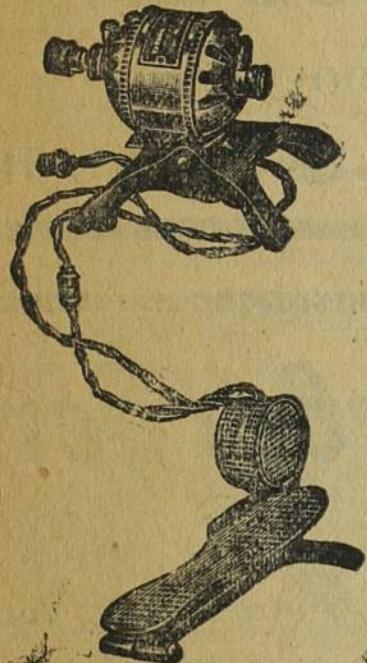
Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eugenia, grosso volume com todos os trabalhos, conferencias e estudos da Sociedade Eugenica de S. Paulo. — Preço : 8\$000, incluido o porte.

Phosphoros  
Segurança  
Marca  
OS UNICOS QUE



Casa Nathan  
S. Paulo  
“Trevo”  
SE EXPORTAM

## A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para  
machina de costura e  
para outros fins.

Lampadas Economicas e 1 1/2  
Watt

Candelabros e Abat-Jours  
de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

*Foaillerie - Horlogerie - Bijouterie*

MAISON D'IMPORTATION

# BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres précieuses - Brillants - Perles - Orfèvrerie - Argent - Bronzes et  
Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

# LOTERIA DE S. PAULO

EM 16 DE JANEIRO

**100:000\$000**

divididos em 5 premios de

**20:000\$000**

POR 3\$000

OS BILHETES ESTÃO A VENDA EM TODA A PARTE

## *João Dierberger*

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,

Caixa Postal, 458

PLANTAS,

TELEPHONES:

BOUQUET,

*Chacara, cid. 1006*

DECORAÇÕES

Loja, central, 511

*Estabelecimento de primeira ordem*

FILIAL:

*Campinas*

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

*Guanabara*

CHACARA: Alam. Casa Branca  
(Avenida Paulista)

:: Peçam Catalogos ::

# CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de  
Molestias nervosas e mentaes

**Dr. HOMEM de MELLO & C.**

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospício de Juquery  
Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio de Juquery  
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro  
**ALTOS DAS PERDIZES** em um parque de 22.000 metros quadrados, constan-  
do de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isoados, com  
separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece  
aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração  
de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo  
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem  
de Mello, proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :-

JEANS ELMINA

Combater o Bacillo  
de Hansen por  
meio das  
ampoulas  
de

DE

Silva Araujo

Formula  
de Jeanselme

Oleo de  
chaumoolgra di-  
luido, camphora  
e gayacol

Em ampolas de 2 e 5 grammas

LEPRA

# PEREIRA IGNACIO & C.

---

## INDUSTRIAS

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway).

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO

**Rua de São Bento N. 47**

Telephones: 1536, 1537, 5296 - Central - Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida "PLATINA,,  
Agua Mineral

Cognominada a VICHY BRASILEIRA — A melhor Agua de mesa — Acção Medicinal — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza.

VENDIDAS EM GARRAFAS ESCURAS

# LACTIFERO

## O ESPECIFICO IDEAL DAS MÃES

Preciosa descoberta da pharmaceutica JOANNA STAMATO BERGAMO



O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança. Qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes ás vezes fataes. Se a senhora NÃO TEM LEITE ou tem LEITE FRACO ou de MA' QUALIDADE, use o LACTIFERO, porque além de estimular a secreção das grandulas mamarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeito surprehendente quer na saude das **Marca Registrada** mães, quer na dos filhos. Poderoso fortificante, restabelece a circulação e produz uma nova energia vital. Muito util ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.

A' venda em todas as pharcacias e drogarias e no deposito geral:  
**PHARMACIA BERGAMO**, rua Conselheiro Furtado, 111  
— S. Paulo — Telephone, Central, 1108  
PEÇAM PROSPECTOS GRATUITOS  
Depositarlo no Rio de Janeiro:  
**RODOLPHO HESS** — Rua 7 de Setembro n. 61

Importantes certificados que confirmam o grande valor do LACTIFERO:

Prezadissimos Snsr. STAMATO e BERGAMO

Cidade — Rua Cons. Furtado n.º 111

Gratissimo fiquei pelos dois frascos de vosso optimo preparado "LACTIFERO", experimentado com resultado surprehendente e felicissimo por minha senhora, a qual, para os outros dois filhos teve que recorrer ao aleitamento merenario e artificial, e agora pela primeira vez pôde ella mesma amamentar o seu terceiro filho.

Rogo-vos enviar-me mais dois frascos para a continuaçao da cura.

Creio cumprir um acto humanitario recommendando aos meus clientes a vossa preciosa preparaçao e renovando os sentimentos de meu reconhecimento e com estima sou vosso devotissimo

Dr. FRANCISCO FINOCCHIARO.

S. Paulo, 4 de Agosto de 1918.

# ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro  
Caixa Postal, 840 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13 SÃO PAULO

## Obras de philosophia de Henrique Geenen

### Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

### Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,  
Osorio Duque Estrada, e outros homens de  
responsabilidade. Preço: 5\$000

A venda em todas as Livrarias

## CASA FREIRE - Louças, LIVROS e Objectos de arte

*José da Cunha Freire*

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 - S. PAULO - Telephone N. 867

# SAUDADE

Optimo livro didactico para creanças e gente grande,  
pelo conhecido Prof. Thales C. Andrade — Preço, pelo  
Correio, 3\$300 — Pedidos á REVISTA DO BRASIL —  
Caixa 2-B — S. Paulo.

46263

**URIDINA** O MELHOR DISSOLVENTE do ácido urico.  
O MAIS ACTIVO dos antisépticos das vias urinárias.  
Cessa RHEUMATISMO, ARTHRITISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTITES, PYELITES, OBESIDADE, etc.  
Crescendo esterilizante do Brotolípido, Lycetol, Néo-Sidonol e Nitidol.  
**CERNADE & C. — Rua 1º de Março, 16, 18 e 20 à Rio de Janeiro**

As machinas

# *Lidgerwood*

para Café, Mandioca, Assucar,  
Arroz, Milho, Fubá.

São as mais recommendaveis para a  
lavoura, segundo experiencias de ha  
mais de 50 annos no Brasil.

**Grande stock** de Caldeiras, Motores a  
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-  
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinço -  
Ferro em barra - Canos de ferro gal-  
vanisado e mais pertences.

**CLINKIRFACE** massa sem rival pa-  
ra construção de correias.

**Importações directas** de quaesquer  
machinas, canos de ferro batido galvani-  
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a  
**Rua São Bento, 29-c - S. Paulo**